

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LOURDES NAZARÉ SOUSA FERREIRA

**DESAMPARO E INSULAMENTO NAS OBRAS LITERÁRIAS “A ILHA DA IRA”, DE
JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO E “ÓRFÃOS DO ELDORADO”, DE MILTON
HATOUM**

BELÉM-PARÁ

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LOURDES NAZARÉ SOUSA FERREIRA

**DESAMPARO E INSULAMENTO NAS OBRAS LITERÁRIAS “A ILHA DA IRA”, DE
JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO E “ÓRFÃOS DO ELDORADO”, DE MILTON
HATOUM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Letras, área de concentração Estudos Literários, sob a orientação da Professora Dra. Tânia Maria Sarmiento-Pantoja.

BELÉM-PARÁ
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383d

FERREIRA, LOURDES NAZARÉ SOUSA FERREIRA
DESAMPARO E INSULAMENTO NAS OBRAS LITERÁRIAS “A ILHA DA IRA”, DE JOÃO DE
JESUS PAES LOUREIRO E “ÓRFÃOS DO ELDORADO”, DE MILTON HATOUM / LOURDES
NAZARÉ SOUSA FERREIRA FERREIRA. — 2018
160 f.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Instituto de Letras e Comunicação,
Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

Orientação: Prof. Dr. PROFA. DRA. TÂNIA MARIA SARMENTO-PANTOJA SARMENTO-
PANTOJA

1. LITERATURA. 2. VIOLÊNCIA. 3. FALTA. 4. DESAMPARO. 5. INSULAMENTO. I. SARMENTO-
PANTOJA, PROFA. DRA. TÂNIA MARIA SARMENTO-PANTOJA, *orient.* II. Título

CDD 899

**DESAMPARO E INSULAMENTO NAS OBRAS LITERÁRIAS “A ILHA DA IRA”, DE
JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO E “ÓRFÃOS DO ELDORADO”, DE MILTON
HATOUM**

por

LOURDES NAZARÉ SOUSA FERREIRA

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito do título de doutora em Letras – Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Profa. Dr. Tânia Maria Pereira
Sarmiento-Pantoja
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Examinador Interno: Prof. Dr. Carlos Augusto
Sarmiento-Pantoja
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Examinador Interno: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes
de Almeida
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Examinador Externo: Prof. Dr. Élcio Loureiro
Cornelsen
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Examinador Externo: Prof. Dr. José Guilherme Castro
Universidade da Amazônia (UNAMA)

Conceito: _____

Belém, ___ de _____ de _____.

À minha Mãe.

“Que sempre ao meu lado como educadora, poetiza e narradora habilidosa, ensinou-me desde cedo a amar a literatura. Esta Tese é para você. Receba com toda a minha gratidão e amor. Ela é apenas uma parte do conhecimento do muito que você tem me transmitido”.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este percurso, fecho os olhos e vejo quantas pessoas me impulsionaram para que eu conseguisse chegar até aqui. Cada uma, nesses quatro anos, escreveu a sua presença no livro da minha vida. Levo-as em meu coração para sempre!

Assim, agradeço primeiramente a **Deus** por ter me concedido o dom da vida e de estar sempre perto de mim, possibilitando a obtenção desta trajetória acadêmica.

À minha querida mãe, **Profa. Nazaré Ferreira**, que me ajudou com suas orações, palavras de entusiasmo e reflexões em cada leitura que fizemos juntas.

À minha irmã e amiga **Lygia Ferreira** que me impulsionou e me auxiliou de forma incansável no processo de desenvolvimento desta caminhada.

À minha orientadora **Profa. Dra. Tânia Maria Sarmiento-Pantoja**, exemplo de dedicação e competência, o meu muito obrigada, pelas orientações cuidadosas, paciência, atenção e amizade.

A CAPES pela concessão da Bolsa, que muito colabora para as minhas pesquisas e divulgação do meu estudo de tese.

À Professora **Dra. Germana Sales**, pelos seus conhecimentos e experiência, repassados em sala de aula, que foram de extremo valor.

À querida amiga **Marlise Borges**, pelo incentivo contínuo e pelas valiosas contribuições acadêmicas.

Aos meus queridos avós **Tertuliano e Cacilda Sousa, Raimundo e Vicentina Ferreira**, aos meus tios **Eloy e Iraci**, ao meu padrasto **Walter Franco**, a **Maria Zeiná**, uma mulher de fibra que ajudou a minha mãe na minha criação e na de minha irmã. A saudade de vocês é grande, mas tenho certeza que do céu continuam a olhar e a pedir a Deus por minha família.

Não poderia deixar de agradecer ao homem que muito me amou e que sempre colocou sua família em primeiro lugar: meu pai **Sebastião Ferreira**. Deus precisou levá-lo muito cedo. Ainda me lembro, da minha mãe dizer que: “Deus estava precisando de um professor muito bom para dar aulas lá no céu para os anjinhos. Por isso, chamou o papai.” A saudade segue comigo ao longo dos anos, mas certamente lá perto de Deus, ele, com seu imenso amor, me protege e não deixa de estar presente em cada etapa de minha vida.

AMAZÔNIA III

Solo, soluço, solidão...

Ouro, ouriço, ossos, ossada...

Castanha, castanheira, castanhal...

Madeira, madeira, madeiral...

Monstro amarelo...queimadas...

Devastação...floresta...

Tucunaré...pirarucu...piracuí

Mercúrio...

Tabaqui, jaraqui, tarrafas...

Arrastão, Bombas...

Cupuaçu, pupunha, bacuri...

Açaí, palmito...

Gado, gato, gatuno.

Terra, terreiro, terreno,

Invasão, dor...

Solo, soluço, solidão...

Córregos, igarapés,

Rio Amazonas, rio Negro,

Águas barrentas, águas lípidas.

Rio Tapajós, azul, lindo...

Fome, febre, frio, fumaça...

Malária...

Juta, malva, maconha,

Maldição...

Solo, soluço, solidão...

És tu, minha AMAZÔNIA?

Amazônia III – Nazaré Sousa (minha mãe)

RESUMO

A presente tese buscou analisar duas obras literárias contemporâneas, o romance *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum (2008), e a peça de teatro *A Ilha da Ira*, de João de Jesus Paes Loureiro, presente no livro “Obras reunidas: teatros e ensaios” (1976). As vozes discursivas que ecoam das personagens nas narrativas foram importantes para responder a argumentação a qual é pautada essa tese: o conceito de desamparo tal como é entendido ao longo de séculos revela-se insuficiente para dar conta das experiências angustiadas e traumatizadas erigidas no texto literário. E como para representar aspectos psíquicos sempre se faz necessário construir sentidos, este estudo teve como fundamento a observação de todos os procedimentos teóricos expressivos para a composição textual. Tornando-se fundamental esclarecer, em vista da proposição que foi exposta e avaliada neste trabalho, os termos *insulamento* e *desamparo*. Por isso, o objetivo deste trabalho foi realizar uma leitura comparativa das duas obras, verificando por meio dos discursos das personagens como o desamparo se revela em uma produção literária a partir do século XX. Por esse viés, a reflexão desenvolvida se debruçou sobre visões empreendidas por meio de um estudo teórico-investigativo embasado principalmente num arcabouço teórico transdisciplinar com a psicanálise freudiana, para que fosse ampliado o olhar sobre o desamparo ao emergir do espaço literário. Essas discussões encontraram seu principal suporte teórico nos livros *Inibições, Sintomas e Angústia*, de Sigmund Freud (1996), Birman (1999), Camon (1990), Maffesoli (1987), Michaud (2001), dentre outros teóricos cuja contribuição foi de cabal relevância como forma de apresentar as argumentações, os seus contextos e as relações que possuem com o cerne da pesquisa. A pesquisa permitiu identificar nas obras do corpus, a existência, como um arsenal metafórico de sensações e afetos que se manifestam com imensa força representativa de comportamentos e conflitos universalizantes, como a solidão, a angústia, a violência, o abandono, a falta. Por isso, o desamparo será entendido, neste estudo, que ao erigir das produções literárias contemporâneas se apresentará como um agregador de afetos e sentidos sendo pertinente tomá-lo como paradigma ou ferramenta analítica para a compreensão de outros textos ficcionais semelhantes.

Palavras-Chave: Literatura; Violência; Falta; Desamparo; Insulamento.

ABSTRACT

The present thesis sought to analyze two contemporary literary works, the novel *Orphans do Eldorado* de Milton Hatoum (2008), and the play *The Island of Wrath*, by João de Jesus Paes Loureiro, present in the book "Collected works: theaters and essays" (1976). The discursive voices that resonate with the characters in the narratives were important to answer the argument that this thesis is based on: the concept of helplessness as understood throughout the centuries proves sufficient to account for the anguished and traumatized experiences erected in the literary text. And since it is always necessary to construct meanings to represent psychic aspects, this study was based on the observation of all the expressive theoretical procedures for textual composition. It becomes fundamental to clarify, in view of the proposition that was exposed and evaluated in this work, the terms insulation and helplessness. Therefore, the objective of this work was to perform a comparative reading of the two works, verifying through the discourses of the characters how the helplessness is revealed in a literary production from the twentieth century. Through this bias, the developed reflection focused on visions undertaken through a theoretical-investigative study based mainly on a transdisciplinary theoretical framework with Freudian psychoanalysis, in order to broaden the view on helplessness as it emerges from the literary space. These discussions found their main theoretical support in the books *Inhibitions, Symptoms and Anguish*, by Sigmund Freud (1996), Birman (1999), Camon (1990), Maffesoli (1987), Michaud (2001), among other theorists whose contribution was thorough relevance as a way of presenting the arguments, their contexts and the relations they have with the core of the research. The research allowed to identify in the works of the corpus, the existence, as a metaphorical arsenal of sensations and affections that are manifested with immense force representative of universalizing behaviors and conflicts, such as loneliness, anguish, violence, abandonment, lack. For this reason, the abandonment will be understood, in this study, that in erecting contemporary literary productions will present itself as an aggregator of affections and senses being pertinent to take it as a paradigm or analytical tool for the understanding of other similar fictional texts.

Keywords: Keywords: Literature; Violence; Lack; Helplessness; Insulation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PAES LOUREIRO, HATOUM E AS ESCRITAS SOBRE A AMAZÔNIA	20
1.1. <i>Amazônia: uma complexa realidade</i>	20
1.2. <i>A Ilha da Ira: a barbárie em cena</i>	29
1.3. <i>Órfãos do Eldorado e as expressões do desamparo</i>	43
2. O DESAMPARO À LUZ DA PSICANÁLISE FREUDIANA	57
2. 1. <i>Trauma, Angústia e Solidão: constituições teóricas do Desamparo</i>	57
2.2. <i>Desamparo: um afeto inerente à condição humana</i>	74
3. A ILHA COMO REPRESENTAÇÃO DO INSULAMENTO HUMANO	89
3.1 <i>A Ilha: constituições filosóficas e literárias</i>	89
3.2. <i>Ilhas e Encantados da Amazônia: o imaginário mítico como evidência do desamparo</i>	105
3.3. <i>Insulamento Amazônico e o Desamparo Vivido: o esquecimento social e político</i>	114
4. FACES DO DESAMPARO NA LITERATURA DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO E MILTON HATOUM	120
4.1. <i>A Experiência Violadora</i>	120
4.2. <i>A Experiência do Abandono</i>	125
4.3. <i>O Desamparo como Paradigma da Falta</i>	134
CONCLUSÃO	142
BIBLIOGRAFIA	147

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, a obra literária sempre objetivou discursar sobre acontecimentos históricos, conflitos e afetos presentes na vivência humana. Essa peculiaridade emerge do enredo, tempo, espaço e por meio das vozes das personagens em uma trama ficcional. Sobre esse pensar, as ideologias, os discursos dominantes, a fragmentação do ser tem servido como temáticas provocadoras de discussões, sobretudo, nos textos literários do século XX. E desta proposta, os autores contemporâneos nascidos na região amazônica, não poderiam estar alheios. Em suas obras, além das singularidades regionais colocadas no texto, como o material lendário, o cenário de floresta, os tipos humanos, o rio, a urbanidade típica do lugar, os escritores do norte brasileiro procuram demonstrar, por meio de suas personagens, as diferentes maneiras de justificar o mundo em que vive o homem, bem como, revelar suas ruínas e vazios sentidos no interior do ser.

Nos textos literários *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado*, verificam-se marcas profundas e incontornáveis de experiências sofridas que exercem, nas personagens, um conflito perturbador, adentrando a realidade vivida. Os dissabores dos protagonistas estão ligados às forças antagônicas envoltas à violência estatal ou psíquica, entrelaçadas às crenças do imaginário indígena e ribeirinho da Amazônia. Nas obras em estudo, as personagens marcadas por registros traumáticos, apresentam uma inter-relação entre eventos dolorosos e memória, conduzindo-os à condição de *desamparo*.

A Ilha da Ira, obra de João de Jesus Paes Loureiro, premiada com o primeiro lugar pelo Serviço Nacional de Teatro em 1975, foi escrita no período em que diversos autores brasileiros comprometiam-se em denunciar a conjuntura política e social do país que se apresentava devastadora: a ditadura militar. Paes Loureiro, então, entra no cenário artístico e cultural com uma contribuição importante para a arte amazônica, fruto de seus estudos, conhecimentos e diálogos com outras culturas e gêneros artísticos.

A Ilha da Ira, como primeira obra teatral de Loureiro é, segundo Pinho (2014), “o seu primeiro movimento cênico em direção a tematizar um real universalizante, em conjunto com a região” (PINHO, 2014, p. 52). Esse engajamento político está presente nesta obra, assim como no seu primeiro livro de poesia, publicado em 1964, intitulado “Tarefa”, e em “O Remo Mágico”, cuja temática amazônica e o teor crítico permaneceriam em todos os trabalhos artísticos e literários de Paes Loureiro.

A referida peça teatral, aqui estudada, lista os grandes sofrimentos do homem ao incluir em sua narrativa massacres, mutilações, fome, escravidão e morte. Seu argumento mostra a necessidade em falar das crueldades que marcam negativamente a existência humana. Nessa obra, o espaço ficcional expande-se em um intenso diálogo entre o interior e o exterior das personagens, cujas imagens produzidas ligam intimamente o ambiente à história.

Como explica Paes Loureiro (2001), essa estratégia narrativa se faz necessária para que a literatura funcione como uma importante fonte documental, para pensar e analisar o homem e o seu trânsito entre o campo psicológico e o ficcional. Ao citar Orlando Valverde, autor da obra *A Amazônia e o Meio Ambiente: estudos e problemas amazônicos* (1989), este escritor compara a Amazônia a um anfiteatro. Sabe-se que o anfiteatro é um local, desde a Grécia Antiga, em que as pessoas se reúnem para falar das ausências sentidas, da sociedade e dos seus tipos humanos, por meio da arte. Essa analogia da Amazônia, como anfiteatro, provoca uma cadeia de significações que certamente ocorre pelo fato de se tratar de uma região cuja história regional e a própria cultura manifestam um constante apelo estético (LOUREIRO, 2001, p.100-106).

O romance *Órfãos do Eldorado*, a segunda obra do corpus em estudo desta tese, é um exemplo de dramas familiares bem ao traçado de Hatoum. Ao refletir sobre os conflitos de gerações, tema recorrente em seus textos ficcionais, o autor levanta questões discursivas sobre o “esgarçamento dos valores éticos e dos laços afetivos, a bancarrota financeira, a decadência familiar e a errância dos personagens em busca de um sentido para suas existências” (GANDIER, 2009, p. 2). Pode-se perceber, ao analisar a narrativa de Milton Hatoum (2008), que a Amazônia, geograficamente labiríntica, manifesta imagens do *desamparo social*. É um ambiente deslizante, desafiador, demasiado expressivo tanto ao possuir o isolamento geográfico em relação às demais regiões do país, quanto revelador de situações sofridas, traumáticas da existência humana que, ao adentrarem no campo ficcional, tomam dimensões universais.

Hatoum (2008), a fim de ilustrar os problemas evidentes na região norte do Brasil, rememora as más condições vividas dos ribeirinhos, as enchentes que assolam as muitas cidades interioranas, a miséria, a venda de crianças pelos próprios pais, como forma do suprimento de suas necessidades, o *desamparo* do Estado, enfim, o abandono peculiar, em cidades do norte do país.

Em *Órfãos do Eldorado*, o romance inicia com o protagonista imerso em suas lembranças, num movimento de retorno às suas raízes pessoais e regionais. O ocorrido com a

índia tapuia¹ que, em meio a um ato desesperado, entra nas águas do Amazonas para nunca mais voltar, revela – logo de imediato – o contexto de *desamparo* que estará presente em toda a narrativa. É um desaparecimento da índia, que também está envolto na imaginação cabocla e indígena da região, marcando o início das múltiplas vozes que emergirão do texto em união à semântica simbólica do lugar. Segundo Paes Loureiro (2001, p. 94), nas histórias produzidas na região em que se resgata a cultura amazônica se vê “[...] uma permanente tentativa de compreender o homem, o amor, a vida, a morte, o trabalho e a natureza”, se faz sempre presente, visto que a poética oral pode ser vista na constituição da subjetividade e historicidade nortista.

Faz-se importante destacar a presença do imaginário amazônico nas duas obras. Algumas vezes trazendo seus elementos míticos como personagens, outras, como vozes da memória coletiva da Amazônia, emergindo suas múltiplas funções narradas nas lendas contadas de geração em geração. O imaginário da cultura regional, com suas crenças e mitos, servem como ponto de resposta a sofrimentos internos, gerando fantasias inconscientes que justificam, para as personagens, o *desamparo*, sentido pela dor que os aprisiona. Sobre essas considerações faz-se possível trazer como exemplos, personagens como a “Velha” má e feiticeira, algoz dos naufragos em *A Ilha da Ira*, e a anfíbia Dinaura, de *Órfãos do Eldorado*, que são personagens constituídas a partir de características dos mitos amazônicos (Cobra Grande, Matinta-Perera) e universais (Sereia) tomando desses mitos o caráter enigmático e opressor.

Os desajustes que se fazem presentes nas obras em análise provocam a ideia de estranhamento sentido em relação ao local de origem, seja ele como imagem metafórica do ser, ou como uma aproximação do real. O *desamparo* da vida do homem, bem como no espaço amazônico, fica evidente nas duas narrativas, sobretudo, quando revelam a violência estatal ou psíquica. Essa reflexão retoma a presença efetiva de acontecimentos que expurgam os vazios humanos no campo literário, levando em consideração que a literatura possui o intuito de revelar os desníveis culturais, políticos e sociais do mundo em que vive o homem.

Outra questão ressaltada no decorrer deste estudo, diz respeito à memória das personagens. Esta, gasta pelo sofrimento provocado pelo trauma, convive constantemente com a sensação de *desamparo*, fazendo com que os sujeitos procurem regressar a um tempo que já não existe. Esse procedimento acontece porque o *desamparo* vivido é o grande mal-

¹Denominação para o indivíduo do grupo indígena Tapuias.

estar advindo de experiências impossíveis de serem desfeitas e que perturbam, ou questionam, sobretudo, a própria identidade.

As modalidades de sofrimento extremo apresentadas, sobretudo, em *A Ilha da Ira*, exigem a expressão de horror interior, lugar em que não se admite banalizações que amenizem seu impacto, ou seu estranhamento, provocando no ser humano um aumento progressivo de tensão, a ponto de se ver incapaz de dominar as suas próprias excitações, sendo submergido por elas. Assim, a imagem de experiências traumáticas e as manifestações do estado de intensa angústia, solidão, orfandade, emergidas dos discursos dos protagonistas, coloca-os frente à incapacidade do homem em traduzir os alicerces do seu ser.

A partir dessas reflexões, acerca das obras em análise, esta tese apresenta um cunho teórico-investigativo, cujas reflexões desenvolvidas se debruçaram sobre visões empreendidas por meio de um estudo comparatista, embasado principalmente num arcabouço teórico transdisciplinar com a psicanálise freudiana, por partir da hipótese de que nos textos literários do século XX, o *desamparo* aparece como agregador de afetos implicados em uma falta como: solidão, angústia, orfandade.

Sendo assim, nesta tese, é possível dizer que as obras do século XX, que refletem determinados momentos históricos, bem como perdas inerentes aos conflitos humanos, sejam eles psíquicos ou não, apresentam uma nova configuração do *desamparo*, aqui entendido como *falta*. Um *desamparo* agregador de outros afetos que remetem também à *necessidade*, implicando na associação com uma categoria muito saliente, quando se trata de produções literárias em que fortemente se expressa algum tipo de violação ou sofrimento intensos: o *insulamento*. O *insulamento* dos seres, retratado nas obras literárias dos autores amazônicos, apresenta-se entre dois cenários, o físico-geográfico (a região amazônica) e o interno-individual (o “eu” interior dos sujeitos), o qual, desencadeado pelo *desamparo*, potencializa os sentimentos de vazio, solidão e angústia das personagens, nas obras *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado*.

A categoria *insulamento* é entendida, aqui, a partir da retomada da concepção de ilha, intimamente ligada à passagem, ao isolamento, à orfandade, à solidão, à angústia. As ilhas, desligadas dos continentes, podem apresentar-se na literatura como alegoria dos afetos humanos. Por conta disso, é possível pensar que a paisagem insular, rica em profundidade, configura-se como expressão dos sentimentos e sensações humanas. O homem reflete, a partir dela, sobre a sua própria história e cultura e sua memória se torna múltipla em vários aspectos, revelando o seu interior.

Faz-se pertinente pontuar que as ilhas, com sua forma labiríntica, dificultam auxílios e facilitam a eclosão de conflitos interiores, provocados pelo isolamento e pelo *desamparo*. Este, por sua vez, muitas vezes encontrado no patamar da sobrevivência. Por conta disso, a imagem da ilha, assim como percebida nas narrativas dos autores amazônicos, deixa de ser uma bela paisagem para se tornar um cenário extremo, um território aprisionador e repleto de situações e condições adversas, conduzindo o sujeito a acreditar-se sumariamente impotente.

A imagem esboçada pelo *insulamento* percebido nos discursos das personagens, em *A Ilha da Ira e Órfãos do Eldorado*, permite refletir sobre um movimento duplo, caracterizado pelo ideal de proteção dos homens *versus* o esfacelamento do ser. Sobre esse entendimento, pode-se reforçar que a imagem da ilha é, nas obras em estudo, uma analogia eficaz para explicar o *insulamento* enquanto um cenário complexo de impotência, nascido no interior dos sujeitos, sufocados por conviver com experiências de violência e trauma. Esses levantamentos teóricos aliados às vozes discursivas que ecoam das personagens nas narrativas foram importantes para responder a argumentação a qual é pautada essa tese: o conceito de *desamparo*, tal como é entendido ao longo de séculos, revela-se suficiente para dar conta das experiências angustiadas e traumatizadas erigidas no texto literário?

Para responder a esta problemática, como procedimento inicial, o trabalho foi conduzido pela investigação da gênese do *desamparo*, percebido por meio dos discursos dos protagonistas e de outras personagens periféricas a eles, nas obras literárias de Milton Hatoum e Paes Loureiro. Dadas as circunstâncias de violência psíquica, assim como a estatal, em cada um deles, é possível identificar uma falha profunda e a certeza de não possuir forças ou capacidade diante do sofrimento vivido. Pelas deficiências constantes, constatadas na vida dessas personagens, uma análise criteriosa conjecturou a existência de uma causa maior que desencadeia a natureza desse dado invariável, sugerido pelas narrativas, e que remete a um mal-estar, agregador de outros afetos e ausências, cujo conceito é inteiramente esclarecido ao longo desta análise: o *desamparo*.

Como para representar aspectos psíquicos sempre se faz necessário construir sentidos, este estudo teve como fundamento a observação de todos os procedimentos teóricos expressivos para a composição textual. Tornando-se fundamental esclarecer, em vista da proposição que foi exposta e avaliada neste trabalho, os termos *insulamento* e *desamparo*. Vale ressaltar, o fato de que foram as obras literárias, responsáveis pela escolha da linha teórica que apontaria o caminho interpretativo. Após a leitura de *Órfãos do Eldorado* e *A Ilha da Ira*, a constatação do material sugestivamente psíquico colocado sobre um terreno instável, no qual caminham todas as personagens situadas em uma ambientação simbólica, requisitou

uma abordagem psicanalítica, como anteriormente falada, dada a similitude entre os objetos e as ausências reveladas por estes, em toda a narrativa.

Além dos conhecimentos da psicologia, as análises estão pautadas também nos estudos da filosofia, sociologia e geografia que, como quaisquer outros recursos científicos, explicam premissas racionais e objetivam favorecer, mediante interrelações discursivas, os conhecimentos adquiridos destas teorias construídos ao longo de séculos e o texto literário. Todavia, essas teorias ao chegarem ao espaço ficcional passam a revelar manifestações humanas de diversas naturezas, provocando argumentações profundas ao se fazerem presentes na sociedade e vivência humana em todas as gerações.

A adesão completa e sem cautelas para justificar e responder as argumentações levantadas é percebida desde o primeiro capítulo desta tese. Neste, a Amazônia é apresentada como uma complexa realidade, contrariando a imagem fantasiosa construída sobre a região, durante séculos. Segundo Gonçalves (2001, p.19), não é mais possível olhar para a Amazônia como se esta ainda fosse uma colônia, pronta para ser explorada em suas riquezas naturais. Para este autor, é preciso reconhecer o valor e a importância da região, bem como, suas peculiaridades culturais, mas que, devido a acontecimentos catastróficos, como apropriação desigual de terras, os conflitos políticos e sociais internos, a invasão estrangeira e o etnocídio, entre outras barbáries, fez da região amazônica um lugar marcado pela violência e pelo *desamparo*.

As obras literárias dos autores amazônicos surgem, neste primeiro capítulo, revelando todas as questões levantadas acima. *A Ilha da Ira* é uma peça teatral, carregada de elementos literário, mítico e social-histórico de uma época, na Amazônia. João de Jesus Paes Loureiro cria um enredo que se apropria de forma peculiar de determinados mitos amazônicos, assim como intertextualiza com acontecimentos de outras épocas históricas, como a ditadura militar e o regime totalitário, por exemplo. Ficção e mito conferem à obra uma especial singularidade. As categorias de *desamparo* e *insulamento*, enquanto condições e situações aterrorizadoras e angustiantes inerentes ao homem, começam a ser reveladas em uma interpretação crítica desta pesquisadora.

A Ilha da Ira, contará com as contribuições teóricas de autores como Simone Weil (1991; 2001), falando da necessidade que o homem possui, do enraizamento. Júlia Kristeva (1989) comparece também com o seu pensamento sobre a melancolia, Hélio Pellegrino (1982) arrisca uma definição sobre a tortura e Angerami Camon (1990) fala do quietismo e imobilismo dos seres - e ainda a morte, como sendo a ocorrência mais concreta da existência humana.

Órfãos do Eldorado apresenta situações que retomam aspectos social, político e histórico, da época da Borracha, na região amazônica. A Amazônia de Hatoum é um lugar em que o *desamparo* tornar-se-á uma categoria decisiva para a representação dos desníveis sociais e dos sentidos das personagens, durante toda a narrativa. Para realizar uma interpretação crítica de *Órfãos do Eldorado*, ainda neste capítulo primeiro, uma breve análise caminhará pela Metapsicologia Freudiana, passando pela conceituação de solidão a partir de Angerami Camon (1990), voltando à Júlia Kristeva (1989) e a melancolia, e ainda uma pequena passagem de Friedrich Nietzsche (2008), falando sobre a neurose religiosa. Mas é Sigmund Freud quem predomina na análise dessa narrativa, com suas teorias, também retomadas por comentadores de sua obra, como Garcia Roza (1988) e Camargos, Prochno & Romera (2009).

No segundo capítulo, este estudo se ocupou no debate sobre o *desamparo* à luz da Psicanálise Freudiana, apresentando o trauma, a angústia e a solidão como constituições do *desamparo* enquanto categoria psicanalítica. O trauma, então, aparecerá na pesquisa, com o estatuto de Conceito, elaborado por Freud. Freud teria afirmado também que nas neuroses traumáticas, a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante, mas o afeto do susto – o trauma psíquico. Ele cita os sintomas histéricos como causas desencadeadoras, que só podem ser descritas como traumas psíquicos. E qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos – tais como o susto, angústia, vergonha ou dor física, pode atuar como um trauma dessa natureza.

Sobre as teorias da Angústia em Freud, foram considerados dois momentos principais: o primeiro em 1916-1917, teorizada como um afeto que incide posteriormente em relação ao recalque, como um produto deste último, e num segundo momento, a partir de 1926, quando ela é considerada um afeto anterior e causador do recalque. Neste segundo momento, a angústia seria um indício de que o princípio regulador do aparelho psíquico, desejoso da obtenção de prazer e a evitação de desprazer, falhou em sua ação. Ela é, pois, um anúncio da falência do princípio de prazer-desprazer, percebida essencialmente como desprazerosa.

A solidão, em Freud e em Lacan, é vista, primeiramente, como um sentimento que acompanha a angústia do nascimento, levando o sujeito a buscar sempre uma unidade perdida. Outra afirmativa sobre a solidão, neste segundo capítulo, é que a intensa dor sentida pela perda do objeto amado, perda real ou imaginária, traz a vivência da dor do irrecuperável. Outros conceitos fundamentais articulados com a solidão foram levantados, com as autoras Tatit & Rosa (2013). Elas fazem uma leitura de tal temática, no texto “Para não dizer que Freud e Lacan não falaram da solidão”. Procura-se, neste momento de pesquisa nas teorias

freudianas, articular, buscar e compreender o trauma, a angústia e a solidão, expressas nas obras literárias em análise.

Ainda neste capítulo, um questionamento se faz presente sobre *desamparo* ser apenas uma palavra utilizada por Freud, ou se chegou a se firmar como um conceito. Vários psicanalistas se reuniram, em um congresso de psicanálise, para debater esta questão. Assim, foi possível trazer para esta tese, os pontos principais de suas argumentações e justificativas a respeito do tema. Percebem-se afirmações que dizem ser o *desamparo* uma “condição estrutural primordial do ser humano”, como também “uma experiência inevitável e inerente à condição humana”.

O *desamparo* enquanto “uma experiência estruturante da subjetividade e da condição humana” terá um lugar de destaque na Metapsicologia Freudiana, ao realizar uma articulação com os conceitos metapsicológicos do Inconsciente e da Angústia. Em seguida, o *desamparo* voltará a aparecer como uma Angústia típica da Condição Humana, até chegar ao psicanalista Joel Birman (1999), que procurará demonstrar a existência, na psicanálise freudiana, ou, Metapsicologia Freudiana, do conceito de *Desamparo*, e não se tratando, portanto, apenas de uma palavra. De acordo com a discussão levantada pelos psicanalistas e seus artigos, também procurou-se articular e compreender o *desamparo* como agregador de afetos e sentidos, como categoria posta nas obras em estudo: *A Ilha da Ira e Órfãos do Eldorado*.

No terceiro capítulo, a imagem da ilha aparece de forma esclarecedora para se entender a palavra *insulamento*, a qual procurou-se conceituá-lo também como uma categoria advinda do *desamparo*. É que a *Ilha* está intimamente ligada ao movimento de passagem, ao isolamento, à orfandade, à solidão e à singularidade em relação aos elementos que a cercam. Dessa maneira, é possível asseverar que um lugar caracterizado como uma ilha é única, diferenciando-se de outros territórios. As ilhas, desligadas dos continentes, salvas pelo oceano da torpeza humana, são o berço ideal para os afetos conflitivos do homem.

As ilhas da Amazônia, presentes nas narrativas de Paes Loureiro e Hatoum, são aquelas que se aproximam de qualquer região periférica e pobre da Terra. São lugares marcados por muitas lutas, perseguições, queimadas e injustiças agrárias, por intensos processos de exploração e devastação. Assim, em meio a terrenos massacrados pelas queimadas, cursos de rios desviados e construções de hidrelétricas com tecnologias avançadas, contribuidores para a inundação de cidades ribeirinhas e áreas indígenas, as personagens de Loureiro (1976) e Hatoum (2008) saem para os rios, levando na bagagem o sonho de encontrar o Eldorado perdido.

Ao retomar o espaço insular, será possível pensar que na ficção, os sujeitos se cercam de lugares interiores, como se os vestissem das suas próprias caracterizações, auxiliando-os a construir o repertório de recordações, conflitos e afetos que irrompem significativamente suas narrativas. Assim, a partir da conceituação de *ilha*, faz-se interessante caminhar nesta pesquisa entre a ilha física e a ilha da individualidade humana, com suas problemáticas internas, seus desafios e obstáculos, pois as ilhas de Paes Loureiro e Milton Hatoum tornar-se-ão um ambiente paradigmático do universo amazônico.

Na ilha da individualidade humana, as personagens se constroem a partir da dúvida, do amor, da perda, da eminência de morte, da instabilidade de conhecer-se a si mesmo, das circunstâncias da vida, da orfandade, do *desamparo*. As suas ilhas situam-se na encruzilhada entre o real vivido e as suas idealizações, entre o mito e a história. O que se observa, na leitura das obras, é que a imagem da ilha revela-se como um espaço condensador de ações e práticas representativas, provocadoras do sentimento de *insulamento*, por sentirem-se órfãos, solitários, angustiados, tristes e à mercê de violências extremas e, assim, impotentes em seu interior.

Neste capítulo, é possível compreender que o *insulamento* emerge também do ambiente amazônico, ao revelar espaços fluviais como prevalência das únicas vias de integração entre as principais cidades e suas moradias. Esse *modus vivendis* agrega elementos de antigas civilizações, congregado a um imbricado diálogo com as metrópoles, intimamente ligado a uma cultura de origem indígena, conservada ao longo dos séculos, desde antes da chegada da expedição de Orellanas. Os saberes culturais dos moradores das inúmeras ilhas amazônicas representam o existir pessoal e envolvem situações de sobrevivência, como forma de respostas para a supressão do *desamparo* vivido.

Assim, as ilhas podem ser compreendidas como reveladoras do ser humano, capturando representações imagéticas da cultura local, na tentativa de explicar mistérios, vestígios de desejos de seus tipos humanos, ao trazerem o veículo do imaginário para transformar sentidos e mitigar o sofrimento vivido. A presença do espaço insular *amazônico* deixa, em quem o conhece, uma marca, por permitir o contato com situações interiores perdidas, por conservar peculiaridades que despertam emoções ao remexer em um mundo interior adormecido.

No quarto e último capítulo, a partir de reflexões pontuaram-se nas duas obras observações acerca da relação entre desamparo, violência, falta e abandono, como possíveis paradigmas de ferramenta analítica do desamparo para serem tomados em estudos ou análises em textos literários produzidos a partir do século XX. Neste momento da construção textual comparece o pensamento de Theodor W. Adorno (1995) com a importância a violência, filha

direta da insatisfação. Yves Michaud (2001), revelando que a palavra “vis” significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital, bem como Michel Maffesoli (1987), que também fala da utilização da “força invocada”, em *Dinâmica da Violência*.

Joel Birman (1999), novamente, vem defender desta vez, o conceito de resistência, que na psicanálise advém da noção de “reação”. Lacan (2005) lembra neste último capítulo sobre a figura do opositor, ligada a ausência de completude, ou falta do Outro. No entanto, é Freud que se coloca com mais frequência na análise do desamparo, e dos riscos que a existência lhe impõe. Ele não se refere apenas ao período infantil do ser humano, mas a um possível retorno ao estado de desamparo que acompanha o homem desde o nascimento e nele permanece em todos os momentos da vida causadores da situação de perigo. Freud mostra como os homens se organizam em sociedade e conferem a um líder, o lugar desse pai idealizado da infância, o grande Outro protetor, que leva o homem à renúncia pulsional em função de compensas civilizatórias, pois a maior necessidade existente na infância é a proteção de pai.

A violência, o abandono e a falta também estão presentes nas obras *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado* como marcas discursivas do desamparo. Neste quarto capítulo, percebe-se que o desamparo agrega, no espaço ficcional, outros sentidos e afetos. Entre os infortúnios, identificados durante a análise das obras, faz-se ainda possível citar: o medo, a morte, o esquecimento, a loucura, a miséria, a melancolia. O desamparo aqui amplamente estudado, acabará por revelar uma nova categoria literária: o insulamento. Aquele que retoma os movimentos das ilhas interiores, as quais o sujeito se vê sem possibilidades de chegar a lugar algum. Mas que, ao mesmo tempo, se faz necessário chegar a esse lugar, para que o homem se torne sobrevivente diante as catástrofes de sua própria vida.

1. PAES LOUREIRO, HATOUM E AS ESCRITAS SOBRE A AMAZÔNIA

1.1. Amazônia: uma complexa realidade.

Segundo Gonçalves (2001, p. 17), a imagem da Amazônia, consagrada na literatura, é a de uma região com uma área de aproximadamente 7,5 milhões de km², localizada na porção centro-oriental da América do Sul, cortada pelo Equador terrestre, com um clima quente e úmido, coberta por uma densa floresta tropical úmida, banhada por uma intrincada e extensa bacia hidrográfica com nascente no rio Solimões. Sobre a sua população, diz ainda o autor, é constituída basicamente por populações indígenas ou caboclas vivendo em uma região que abriga riquezas naturais incalculáveis.

Gonçalves (2001, p.17), diz que esta imagem foi consolidada ao longo da história e carrega contradições. Para aqueles que não residem na região, os estrangeiros, a imagem da Amazônia está ligada às belezas naturais e ao modo exótico de vida dos nativos. No entanto, para os que moram, a Amazônia carrega em si o próprio sentido de *desamparo*. Distante dos maiores centros industrializados do país, cercada por floresta rica em fauna e flora, banhada pelo extenso rio, revela-se como a preciosidade, pois agrega toda a riqueza natural cobiçada pelos países mais ricos do mundo.

A Amazônia é regional e global. Porém, a população encontra-se dentro da região mais rica e pobre do Brasil. Rica pelos recursos naturais, pobre de cuidado e investimento do poder público para a melhoria da qualidade de vida dos moradores. Todas as dificuldades, sejam sociais, políticas, individuais-psicológicas, passam a se revelar na literatura do século XX. Rompe-se com a dor e sofrimento do amor perdido, característico da literatura moderna, para evidenciar as dores e sofrimentos da alma humana do sujeito pós-moderno.

Sobre a pós-modernidade, é importante ressaltar que as significativas transformações ocorridas após o término da Segunda Guerra Mundial geraram consequências econômicas, políticas e sociais que mudaram a forma do sujeito ver e ser no mundo, implicando em transformações, tais como: a descrença nas metanarrativas, o avanço científico, a redefinição das fronteiras geopolíticas, a ascensão dos meios de comunicação e a globalização da economia (LYOTARD, 1994, GIDDENS, 1990, CANCLINI, 1997, BAUMAN, 2009).

No cenário brasileiro tem-se, na década de 60 a 70, a profunda efervescência cultural. Em plena ditadura militar, iniciada em 1964, a repressão e a tortura influenciou consideravelmente as produções literárias. Essas, tornaram-se instrumento de resistência ao revelar os sofrimentos dos sujeitos, vítimas da violência silenciadora dos regimes totalitários,

inspirados no modelo dos autores que também revelaram em obras literárias a dor de Auschwitz.

Então, abordar temas complexos e conflituosos passa a ser uma das características fundamentais da literatura a partir do século XX e, nas duas obras estudadas nesta tese, *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado*, evidenciam o contexto amazônico como uma região com características específicas que compõe uma teia repleta de contradições que foi tecida historicamente, como por exemplo, “durante a Revolução dos Cabanos, que reuniu índios, negros e brancos entre 1835 e 1839, em luta contra a opressão a que se achavam submetidos” (GONÇALVES 2001, p.19). Pode-se dizer que foi nesse momento que emergiu o embrião de uma identidade coletiva, na qual os menos abastados se articularam em torno de algo em comum, “em contraste com a identidade colonial ainda reinante entre os luso-brasileiros que continuaram dominando politicamente a região, mesmo após a adesão, em 1823, da Amazônia ao Brasil que se tornara independente um ano antes” (GONÇALVES 2001, p.19).

A ocupação recente da Amazônia, “está banhada no sangue daqueles a quem só restou a alternativa de uma resistência heroica” (GONÇALVES 2001, p.56). Para os que lutavam contra esse modelo de ocupação se abatia ainda, diz Gonçalves, “toda uma visão que a Amazônia cumpre no imaginário brasileiro de ser um vazio demográfico suscetível de ser objeto de ocupação estrangeira” (GONÇALVES 2001, p.56). O que se chama de ‘vazio demográfico’ carrega o sentido da existência de uma realidade complexa, constituída por múltiplos sujeitos portadores de diferentes matrizes de racionalidade, particularmente relevantes nesse momento em que mudanças de padrões tecnológicos e socioculturais se colocam em questão.

A partir de agora, sem dúvida, “a imagem que se tem da Amazônia não pode ser simplesmente mais uma imagem sobre a região, sem considerar os amazônidas como protagonistas ativos de seu presente/futuro” (GONÇALVES 2001, p. 163). Para o autor, “se a Amazônia desde sempre se colocou como uma construção tecida local/regionalmente por uma ordem colonialista/imperialista e, portanto, internacional, hoje essa complexa relação se coloca sob novas mediações” (GONÇALVES 2001, p. 163). Ele afirma que as diferentes configurações sócio-culturais da Amazônia já não são, simplesmente, “clientes de padrões”. Hoje,

A cada nova apropriação do solo, da terra, do subsolo, do minério, das águas, da fauna ou da floresta que grupos empresariais nacionais e internacionais tentam fazer, há, de outro modo, populações tradicionais, e outras que com elas aprenderam a se relacionar com os

recursos naturais, apresentando-se como protagonistas de outros possíveis usos a partir de outras matrizes de racionalidade, que não podem ser medidas exclusivamente por uma lógica econômica (GONÇALVES 2001, p. 163).

As novas tecnologias abriram, por sua vez, informa Gonçalves (2001, p. 164), a possibilidade para que essas populações, até aqui submetidas aos mecanismos de mediação política tradicionais, *clientelísticos*, pudessem interagir nacional e internacionalmente. “A telemática, combinando a informática e as telecomunicações, tem permitido que, em tempo real, um massacre seja conhecido em Brasília, Londres, Paris ou Nova York” (GONÇALVES 2001, p. 164).

Ele afirma que o monopólio das articulações extra-regionais, inclusive internacionais, já não é mais privilégio dos mais abastados. E agora, cada vez mais, se percebe que “o massacre é, na verdade, o epifenômeno de um conflito básico envolvendo matrizes de racionalidades distintas, enfim, de diferentes culturas com suas formas e seus modos de apropriação da natureza simbólico-materialmente diferentes” (GONÇALVES 2001, p. 164). E “não só a questão de a quem a natureza pertence está posta, como também diferentes concepções do que seja a natureza estão em conflito” (GONÇALVES 2001, p. 164). Como também, não só a questão de quem se apropria, mas também a dos diferentes modos de apropriar-se material e simbolicamente da natureza. Todas essas questões impõem a complexidade da Amazônia.

Ao tomar esses aspectos como base de fundo é possível analisar como o *insulamento* dos seres na região amazônica, que se apresenta entre dois cenários, o físico-geográfico e o interno-individual (o *eu* interior dos sujeitos), podem ser amplamente expressos em *A Ilha da Ira*, de João de Jesus Paes Loureiro e em *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, na medida em que se mostram associados a acontecimentos traumáticos e aos sentimentos de solidão e angústia vividos pelas personagens. Pode-se dizer que ambas cumprem com vigor a tendência pós-moderna da literatura dos séculos XX e XXI, de olhar para as temporalidades a fim de extrair delas o que há de mais urgente e mais incômodo na existência humana.

Os conflitos subjetivos e objetivos dos protagonistas das narrativas em estudo, como já abordado, acontecem dentro do cenário amazônico – envolto pela natureza peculiar e pelas crenças do imaginário indígena e ribeirinho da região – que contribuiu, ainda mais, para que as forças antagônicas emergjam, pois, de um lado está a busca incessante pela superação do sofrimento e, de outro, o próprio ambiente colabora para que os sentimentos de *desamparo* e, conseqüentemente, de *insulamento* se perpetuem.

De acordo com Pinho (2014, p. 50), a obra completa de João de Jesus Paes Loureiro consegue retratar com excelência a Amazônia contemporânea. *A Ilha da Ira* trata-se de uma peça teatral inspirada na história e na cultura amazônica. Sua importância também reside na presença de uma importante e, até então inédita, teoria teatral, por conta do seu formato e da sua linguagem. Esses elementos se entrecruzam e dão sustento a uma dramaturgia fundamentada numa concepção de que “real e imaginário amazônicos se inter-relacionam e compõem uma representação da região que pode ser tomada como alegoria, como crítica e, acima de tudo, como uma Amazônia imagetivamente transfigurada em sua exibição” (PINHO, 2014, p. 50). Sobre a narrativa (literária e teatral) de *A Ilha da Ira*, Relivado Pinho diz que:

Este texto, pelo esquecimento, exhibe para rememorar. Não como nostalgia, mas como apresentação, atualização, do esquecido. O estudo do teatro de João de Jesus Paes Loureiro ainda é, com a atenção que merece, inédito. O que não deixa de surpreender para um autor tão representativo das artes da Amazônia. Seu teatro, produzido a partir da década de 1970, é um dos mais importantes artefatos culturais para se pensar a representação que a região tomou nesse determinante período de sua história, especialmente pelo tipo de modernização que atingiria seus variados âmbitos; com suas concepções do autor sobre a região; e nos variados diálogos estabelecidos por ele com outras culturas e procedimentos teatrais (PINHO, 2014, p. 51).

Na literatura brasileira, algumas características são marcantes: a história retratada como contexto das produções, com intuito de manter viva a memória da nação sobre os fatos vividos e as ações de resistência que provocaram transformações sociais ou políticas, bem como, o estímulo do sentido de pertencimento cultural presente no imaginário de cada região, capaz de, ao mesmo tempo, unir e diferir o povo, dando sentido à complexa identidade do sujeito brasileiro. Assim, a representação contemporânea dessa brasilidade pode ser encontrada em obras literárias como *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum. O escritor amazonense conduz suas narrativas levando em consideração a valorização do “pitoresco”, isto porque, “a obra se concentra na descrição das especificidades da região norte do Brasil: a Amazônia!” (CARNEIRO, 2010, p. 48).

De acordo com Carneiro (2010), o regionalismo, chamado de “pitoresco”, reflete a linguagem do brasileiro sob a perspectiva da universalidade do sentimento nacional.

É que o autor regionalista descreve sua terra e sua gente não apenas com exaltação, mas de maneira centrada e reflexiva, muitas vezes

apoiado em um passado mítico, numa tentativa de compreender um momento histórico particular, ou as singularidades de um cenário específico (CARNEIRO, 2010, p. 48).

A *Ilha da Ira*, por sua vez, volta-se para questões político-sociais ao localizar a obra num determinado momento histórico do Pará, mais precisamente, no período da borracha, a Belle Époque, entre o final do século XIX e início do século XX. Época de ascensão da região norte do país, vivenciada pós surgimento da indústria automobilística. Máquinas, equipamentos e outros bens de consumo eram fabricados usando a borracha como um dos componentes principais dos produtos. Por isso, havia necessidade de frequente extração do látex das seringueiras, árvores originárias da Amazônia, para a produção da matéria prima da borracha. No final do século XIX, Manaus passou a ser o centro de comercialização e de exportação do produto para o mundo. Europa, Estados Unidos e a Ásia, eram os principais compradores. Inclusive, várias mudas foram plantadas na região da Indochina, Vietnam, Laos e Malásia, sudeste da Ásia, fazendo com que o ciclo da borracha na Amazônia não durasse por muito tempo e a Ásia² passasse a ser, então, o maior produtor da borracha para o mundo.

No entanto, fatos da Belle Époque tornaram-se inspiração para os artistas e intelectuais da região. Por isso, precisam ser lembrados para que se compreenda o contexto das obras em estudo. No auge do ciclo da borracha, grande número de nordestinos deslocaram-se para a Amazônia com a finalidade de trabalhar na extração do látex. Trabalho com características de escravidão, pois o povo nordestino (um dos grandes contribuidores para a composição demográfica da região amazônica) passou a viver, na sua maioria, em propriedades dos barões da borracha, recebendo apenas o alimento e os bens que utilizavam para o seu sustento, sem direito à remuneração adequada e, nem tão pouco, possibilidade de uma vida independente.

O fim do ciclo da borracha também é apresentado na obra de Milton Hatoum, estudada nesta tese. De acordo com a pesquisadora Jéssica Carneiro (2010), o autor em questão pode ser classificado com regionalista, mas para Ângela Gandier (2009), chamá-lo de regionalista seria rotular e reduzir o seu trabalho. Segundo ela, “suas narrativas possuem temas universalizantes que não dizem respeito exclusivamente à cidade de Manaus ou à região

²Na Amazônia Brasileira, a seringueira não foi introduzida como monocultura, ao contrário do que aconteceu no sudeste da Ásia. As dificuldades estavam relacionadas com a densidade da floresta e com os problemas com a laterização dos solos. Com isso a produtividade nossa era pequena quando comparada com a dos asiáticos. Perdemos em competitividade (<https://umpouquinhodecadalugar.com/2015/05/31/o-ciclo-da-borracha-na-amazonia/>) Acesso em: 20-04-2018.

amazônica” (GANDIER, 2009, p. 3). Pois, concluiu que o próprio Hatoum não criou, na obra, visões panorâmicas da região, coisa que, para Gandier (2009), “daria margem à descrição do exótico e à obviedade de clichês deformantes” (GANDIER, 2009, p. 3).

Além disso, ela reflete que *Órfãos do Eldorado*, bem como, as outras obras de Hatoum, não estão circunscritas apenas à esfera íntima do lugar ou das relações de parentesco; mais do que isso, “ela rompe este círculo e avança no intrincado jogo das relações sociais” (GANDIER, 2009, p. 3). Por isso, na história narrada pelo personagem principal da trama, Arminto Cordovil, relata sua paixão por Dinaura, uma índia orfã, e, também revela detalhes da “crônica de uma família, de uma região e de toda uma época que, à base da seiva da seringueira, encara os sonhos seculares de um Eldorado Amazônico” (CARNEIRO, 2010, p. 49).

Por sua vez, a obra de Paes Loureiro, *A Ilha da Ira*, além de apresentar elementos da cultura amazônica, deixa vir à tona o contexto nacional, histórico, cultural e social do Brasil, numa época em que o país vivia sob a égide da barbárie do regime totalitário. Uma conjuntura política e social ditadora, castradora e repressora das liberdades de expressão – incluindo todo tipo de manifestação cultural e artística – do povo brasileiro. A ditadura militar teve a duração de 20 anos, ocorrendo entre 1964 a 1984. Sobre esta questão, Relivado Pinho (2014, p. 51) explica:

No âmbito nacional, o que Sábato Magaldi denomina ‘a pujança da dramaturgia brasileira’ incluía Dias Gomes, Gianfrancesco Guarnieri, Vianinha, Augusto Boal, precedidos de Jorge de Andrade e Ariano Suassuna”. Essa arte “comprometida com a denúncia da realidade brasileira [...] consegue um espaço sobranceiro porque fala dos anseios e dos pensamentos de um público que, a partir de 1968, será progressivamente silenciado pelo medo e pela repressão [...]”. Pertencente a esses decênios já bastante conhecidos como dos mais importantes do teatro brasileiro, os anos de 1960 e 1970, a dramaturgia de Loureiro, que se prolongaria nas décadas seguintes, começaria nesse período e estaria inserida nesse espírito pela presença da temática social e política, com o país e a região amazônica, nesses dois aspectos, entrando em um momento decisivo de suas histórias (PINHO, 2014, p.51).

O mesmo acontece em *Órfãos do Eldorado*, como anteriormente já abordado, existe a preocupação de Milton Hatoum em revelar as questões políticas e sociais da época na qual a narrativa está localizada. Assim, para Carneiro (2010), a obra cria símbolos que “traduzem literariamente a vida social no país em um contexto histórico determinado e nacionaliza as

singularidades de uma região particular, o Norte brasileiro” (CARNEIRO, 2010, p. 51). A autora aproveita para reafirmar o valor regionalista/universal da obra:

Em pouco tempo o humor de Manaus se alterou. Li nos jornais um desabafo do meu pai: reclamava dos impostos absurdos, do valor das taxas alfandegárias, do péssimo funcionamento do porto, da balbúrdia na nossa política (HATOUM, 2008, p. 23).

A obra também colabora para “a exaltação lírica da terra ou da paisagem, da crença do próprio “mito do Eldorado”, da terra prometida, rica e farta, habitada por um bom selvagem, que serve de inspiração para a narrativa de Hatoum” (CARNEIRO, 2010, p. 52). A autora ainda destaca que o mito do Eldorado “representa uma das versões ou variações possíveis na crença da Cidade Encantada, identificada como parte da cultura indo-europeia e que também se manifesta na cultura amazônica e ameríndia” (CARNEIRO, 2010, p. 52).

Lemos (2014, p. 14), em sua dissertação de mestrado intitulada “Mito, História e Memória em Órfãos do Eldorado”, considera que Milton Hatoum cria um estilo próprio para tratar de região, fazendo com que o regional migre para o universal, por meio de narrativas memorialísticas. Para a autora, Hatoum é leitor e herdeiro de uma tradição de escritores da região amazônica, entre eles: Max Martins, Luiz Barcellar e Aldísio Filgueiras. Os prosadores são: José Veríssimo, Peregrino Júnior, Abguar Bastos, Dalcídio Jurandir e Márcio Souza. Sobre o trabalho literário de Milton Hatoum, Lemos (2014) divide as obras em dois aspectos:

1-Universo Amazônico-Árabe, que contém as obras nas quais a relação com a imigração libanesa, além do universo amazônico, ficam também evidentes. Nessa classificação encontramos *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois Irmãos* (2000); 2- Universo amazônico, formado pelas obras que apresentam-se, de alguma forma, relacionadas a esse universo, sendo elas: *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008) e *A Cidade Ilhada* (2009) (LEMOS, 2014, p. 14).

A questão do regionalismo em Milton Hatoum é aprofundada por Lemos (2014), ao fundamentar-se no pensamento de outros autores como, Antônio Cândido (2000), Marcelo Frizon (2007), Juliana Santini (2011) e Walnice Galvão (2000), para afirmar que o regionalismo, como ficção, apresenta como característica “o fato de universalizar o local, ou seja, transpor o que se poderia julgar exótico e peculiar, mas promovendo uma abordagem inovadora e universalizante” (LEMOS, 2014, p. 14). Por isso, para Tânia Pellegrini (2004), a questão do “regionalismo revisitado” é levantado na novela hatouniana “como sendo um

regionalismo calcado num trabalho com a memória individual e coletiva (LEMOS, 2014, p. 14).

A partir dessa reflexão feita por Pellegrini (2004), Lemos (2014, p. 14) passará a situar a análise de *Órfãos do Eldorado* à luz do “regionalismo-memorialístico”. De todo modo, diz esta autora, mesmo não podendo negar que o autor de *Órfãos do Eldorado* é um escritor do Amazonas – e da região amazônica, por fim – é imprescindível situar Hatoum “em uma série literária de autores que pensaram a Amazônia e transcenderam, com sua literatura, os seus limites” (LEMOS, 2014, p. 17).

Ferreira & Oliveira (2015) afirmam que a *memória* é o elemento chave da narrativa de *Órfãos do Eldorado*. Afinal, se “percebe nas lembranças os acontecimentos transmitidos através de gerações e apreende nas reminiscências o presente interpenetrado de passado, tecendo assim, a rede das histórias” (FERREIRA & OLIVEIRA, 2015, p.1). Por esse motivo, os autores definem a obra como epopeia de uma família, cuja história conflitiva possui como contexto a Era da Borracha na Amazônia. E para eles, está claro na obra de Milton Hatoum, a luta da memória contra o esquecimento (FERREIRA & OLIVEIRA, 2015, p.4).

Outro evento histórico que Milton Hatoum relembra, em *Órfãos do Eldorado*, – que possui ponto de convergência com *A Ilha da Ira*, de Paes Loureiro – é a Cabanagem. Para Ferreira & Oliveira (2015, p. 07), uma das falas de Arminto (trecho que será mostrado a seguir) existem várias possibilidades para se pensar esse movimento como algo que ainda precisa ser decifrado, pois “os indícios são profícuos, posto que seja possível verificar duas versões para o mesmo evento: a heroica, ao lado da questionadora” (FERREIRA & OLIVEIRA, 2015, p.7). Eles prosseguem, dizendo que “o próprio título sugerido ao livro que o personagem Amando pretende escrever já denuncia uma corrente historiográfica que categoriza o cabano de forma generalizante e depreciadora” (FERREIRA & OLIVEIRA, 2015, p.7). Eis a narração de Arminto:

Amando contava atos heroicos de Edílio: a coragem com que ele e seus soldados derrotaram mais de trezentos revoltosos na batalha de Uaicurapá. Mas outras vozes desmentiam esse heroísmo, diziam que em 1839 Edílio havia comandado um massacre contra índios e caboclos desarmados. Depois dessa matança, ele tomou posse de uma área imensa na margem direita de Uaicurapá. Um sobrevivente deve ter marcado os crimes do tenente-coronel Edílio Cordovil no tronco de uma árvore secular. Amando queria escrever um livro, “Façanhas de um civilizador”, uma alegoria ao pai dele, um dos líderes da contra-revolta. Não escreveu nada, os cargueiros sugaram toda a sua energia e tempo (HATOUM, 2008, p.71).

Ferreira & Oliveira (2015, p.7) dizem que, segundo a oralidade dos habitantes da cidade de Parintins, no Amazonas, há testemunhos históricos da concentração de um grande número de cabanos próximos ao rio Uaicurapá, o lugar falado por Arminto. Para eles, o relato exposto na obra, “corrobora a ideia de história que Hatoum pretende esboçar: a história dos vencidos, dos silenciados” (FERREIRA & OLIVEIRA, 2015, p.8).

O narrador, segundo Ferreira & Oliveira (2015, p.1), é aquele que busca, no fluxo das palavras, alcançar aquilo que ainda não foi contado. O narrador é o artesão do tempo e na dança de suas mãos abstrai a substância que move os acontecimentos. E é partindo deste pensamento que os pesquisadores em questão compreendem a novela de Milton Hatoum como uma obra literária para se pensar, fazer e ensinar a história da Amazônia. Neste sentido, “a literatura é, portanto, o testemunho histórico, temporal, um acontecimento” (FERREIRA & OLIVEIRA, 2015, p.10).

Quanto à ilha (*A Ilha da Ira*), Relivado Pinho (2014, p. 65) ao retomar a fala sobre a dramaturgia amazônica de João de Jesus Paes Loureiro, admite que suas obras estão inextricavelmente ligadas à região amazônica, em toda sua extraordinária grandeza. Contudo, o autor faz questão de enfatizar que “na apreensão da região não há um deslumbramento gratuito, mas há uma queda que exhibe e transfigura as imagens regionais e universais” (PINHO, 2014, p. 65). Trata-se de um procedimento que:

Partindo dos elementos que compõem essa cultura, neles não se detêm apenas e nem com eles apenas dialoga. O histórico e o social podem ser *protagonists*, mas com eles está uma concepção de um mundo fundado pela imaginação que reconstrói esses dois elementos, reconstruindo-os como representação, em cenas nas quais o elemento mítico/cultural divide esse protagonismo para, em sua “exibição que estranha”, desvelar o mundo do qual fazem parte (PINHO, 2014, p. 65).

Para Pinho, é como se em *A Ilha da Ira* e em outras peças de teatro, de João de Jesus Paes Loureiro, “existisse um sentimento de que “as fúrias” de uma outra racionalidade estivessem sempre prontas a se vingar da “natureza”, desse mundo, de sua “mundamazônivivência” (PINHO, 2014, p. 65). Talvez, para Loureiro, continua o pesquisador, “caiba ao teatro tentar contê-las, talvez deva sempre entrar em cena um verso, uma fala que as interrompam ou as conduzam para outro tipo de “Destino”. Paes Loureiro, nesse mundo, é o Corifeu que, bradando em altíssimo, tenta domá-las” (PINHO, 2014, p. 65).

1.2. *A Ilha da Ira: a barbárie em cena*

A obra *A Ilha da Ira* é uma peça de teatro produzida pelo paraense João de Jesus Paes Loureiro e dedicada - nota do próprio autor (LOUREIRO, 1976, p. 139), “[...] ao Norte Teatro Escola do Pará”, criado em 1957, por jovens considerados vanguardistas do Modernismo de 1945, no estado do Pará. É uma homenagem a nomes, como: Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes, Ruy Paranatinga Barata, Mário Faustino, Paulo Plínio Abreu, Max Martins, Cauby Cruz, Haroldo Maranhão, Jurandyr Bezerra, Alonso Rocha, que pensavam a arte sob a perspectiva da estética europeia, visto que a formação destes ocorria a partir dos estudos literários e filosóficos vistos na Europa.

Esse jovem grupo teatral tinha por objetivo – além de provocar na sociedade o contato com a leitura e realizar debates textuais de cânones nacionais e universais - fazer do teatro um espaço dedicado ao debate sobre a condição humana, como analisa a diretora do grupo Maria Sylvania Nunes³:

[...] O que era bom nesse tempo é que a gente tinha colegas, havia uma vida universitária. Então, por exemplo, alguém lia Kafka, chegava lá na faculdade: “rapaz, tu nem sabes, eu estou lendo um negócio sensacional”, o livro corria. Sabe, a gente ia ver filme juntos.

[...] Lembro quando nós fomos ver o Hamlet de Laurence Olivier, nós passamos semanas debatendo, conversando, uns achavam que não era bom porque tinha mexido na peça do Shakespeare, considerado como obra prima, outros achavam que isso não importava que o bom era que o clima estava feito, a personagem era perfeita...

[...] Bom, enfim, era uma vida rica que a gente tinha por causa dessas trocas. Era muito legal.

A peça começa quando o navio Adamastor que levava atores para uma apresentação no belo teatro Amazonas naufraga em uma ilha, lugar comandado por um poder autoritário encarnado na personagem “Velha”. O grupo é resgatado pelo povo nativo da ilha e, apesar de luta para se ver livre daquele lugar, jamais conseguirá escapar. Desespero, solidão, angústia, medo, sentimento de orfandade, terror são os sentimentos que os envolverão ao longo da narrativa.

³ Entrevista realizada com Maria Sylvania Nunes, 83 anos, no dia 16/12/2008, em sua residência. Ela foi diretora do grupo Norte Teatro Escola do Pará, professora e diretora da Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará.

Medo e angústia fazem parte do cotidiano da Ilha. O medo nasce de ações extremas, sejam elas físicas ou psíquicas, percebendo-se a aniquilação de qualquer resistência, mediante o poder daquela personagem. Segundo Tânia Sarmiento-Pantoja (2009), a maléfica *Velha*, “[...] reúne ao mesmo tempo os códigos do grande ditador e do grande espoliador, representando o que há de mais sombrio no ser humano” (SARMENTO-PANTOJA, 2009, p. 25). Dessa forma, é perceptível um estado de suspense e alerta, resultante das ameaças vividas na atmosfera da Ilha.

A oração (ou prece) feita pelo canto do coro dos nativos da ilha, logo no começo da peça de teatro, demonstra claramente a instabilidade e o *desamparo* frente à quebra de condições e paradigmas sociais de subsistência. É o *insulamento* nos espaços físicos e psíquicos do ser. O *insulamento*, que aqui adquire uma configuração de natureza interior, quase labiríntica, nada confortável, em que a permanência do ser se dará sem portos inseguros, repleta de imagens distorcidas, condicionando-os aos poucos a conviver com um deslocamento mental extremamente perturbador.

A palavra, em *A Ilha da Ira*, também se materializa em *desamparo*. Transforma-se em imagens que irão mostrar as arbitrariedades do lugar, cheio de opressão e violência. São palavras que, ecoadas por meio da voz de personagens sofridas, irão se configurar em diferentes conotações de *desamparo*. Desamparo pela privação da liberdade, pela crise da fé, pela violência a qual os sujeitos são submetidos. A violência causa o *desamparo* da crise moral, ao se perceberem esmagados pelo totalitarismo, pela falta de afetos, pelo esquecimento de suas memórias particulares. Há, ao mesmo tempo, o *desamparo* social, ao serem marcados pela miséria, adquirindo uma carga de emoção frente ao total descaso, atingindo o ápice da fragilidade humana.

O discurso preliminar da trama parece revelar a intenção do autor em promover, no texto, um conjunto de referências de religiosidade e de dependência da população por esperança (a fé, a crença, como tábua de salvação imaginária). Despidos de suas vestes, sem alimentos para prover a vida e em total solidão, as personagens angustiadas e desoladas não têm a menor perspectiva de mudança de seu estado de definhamento, *insulamento* e *desamparo*. Só o que lhes resta é a prece.

[...] Senhora dos desesperados, valei-nos. Valei-nos, Senhora. Senhora dos desesperados, mãe de Deus, agora e em todas as horas, valei-nos Senhora. Nossa miséria é grande e a vida é pequena, Senhora. Nossa vila é sem fartura, a vida que é nossa morte. A morte que é nossa sorte. Agitai o mar com vossa saia, que a barra da onda traz fartura à

praia, Senhora. Nós estamos sós, nós estamos nus, nós estamos com fome (LOUREIRO, 1976, p.149).

Sobre a religiosidade cristã na Amazônia, Queiroz (2016, p. 201) afirma que a fé do homem amazônico foi baseada em um dos mecanismos principais do homem, a busca por algo que pudesse dar sentido à sua existência e nortear a sua vida. Este mesmo autor diz ainda que “do ponto de vista fenomenológico o rito é, em todas as religiões, uma manifestação gestual de manifestação com o sagrado” (QUEIROZ, 2016, p. 202). Em *A Ilha da Ira*, a súplica dos nativos à nossa senhora dos desesperados (como eles entoam no canto) parece ser um intertexto com os ritos religiosos, em que num determinado momento pode ser interpretado como devoção à Santa padroeira do povo paraense, Nossa Senhora de Nazaré, bem como, a devoção à Iemanjá, rainha do mar, para os seguidores das religiões de matrizes africanas. No entanto, o que fica explícito é a busca por seres religiosos como os únicos capazes de libertação do sofrimento humano.

Paes Loureiro também narra a presença do Caapora, personagem conhecida na memória popular como guardião das florestas e que, justamente por ser guardião, pode fazer qualquer tipo de ritual sagrado, assim como, invocar outros espíritos da mata. Porém, em *A Ilha da Ira*, o mito do Caapora é um elemento importante na trama, pois desempenha o papel de mentor do Ulisseu. Não se restringindo apenas na proteção do espaço físico da floresta, mas colaborando para a libertação das personagens que estão vivendo sob a tutela da Velha, antagonista da obra.

[...] Caapora___Conheço as tuas obras, que não és nem frio, nem quente: oxalá foras frio ou quente; mas porque és morno e nem frio nem quente, começo-te a vomitar de minha boca. Porque dizes: sou rico e cheio de bens, de nada me falta; e não sabes que é um infeliz, e miserável, e pobre, e cego, e nu. (LOUREIRO, 1976, p.151).

[...] Caapora___Vinde e juntai-vos para a grande ceia de Deus, a fim de comerdes carnes de reis e carnes de tribunos, e carnes de cavalos e dos que neles montam, e carnes de todos, livres e escravos, pequenos e grandes. (LOUREIRO, 1976, p.151).

Ainda na obra, os homens pedem por mais naufrágios para poder suprir suas necessidades básicas. O sofrimento é tanto que as personagens não clamam apenas por socorro, mas pela urgência de sobrevivência dentro do próprio contexto de violência. Essa é a potencialização da imagem do desespero, da incapacidade de voltar a ser alguém no mundo, da falta de sentido, desilusão, angústia e *desamparo*. Simone Weil (2001, p. 12-45), no livro

“O enraizamento”, traz à luz sofrimentos humanos presentes em mutilações, escravidão e deportações em grande escala, conferindo a essas situações de ruptura de vínculos, a análise de duas categorias: o corpo, ligado às necessidades básicas do ser humano, e a alma, que está intimamente ligada à moral. De acordo com a autora, fazem parte da moral: a liberdade de opinião e honra. Por isso, o sujeito possui a necessidade de enraizamento e, quando necessita passar por uma situação extrema de ruptura com suas raízes, acaba perdendo o vínculo com os princípios que legitimam a subjetividade.

As reflexões das personagens Sílvia, Tião e Heitor, em *A Ilha da Ira*, transcende a situação de desenraizamento. A impossibilidade dos sujeitos justificarem e compreenderem os motivos pelos quais foram parar na Ilha, faz com que se tornem estrangeiros de si mesmos e passem a se enxergar insulados, ameaçados, exilados, carregados de ilusões, aumentando ainda mais a sensação de *desamparo*, dentro de uma realidade sem passado e sem perspectiva de futuro. O que sobra é um desejo de um dia voltar à pátria perdida ou ao Eldorado.

[...] Tião___Não compreendo. Aparentam preocupação conosco. Salvaram nossas vidas, no entanto, tudo o que foi ter à praia, desapareceu. E agora, então, depois de tanto tempo. E não querem que a gente se comunique com as pessoas da ilha (LOUREIRO, 1976, p.153).

[...] Heitor___Olha, sabe de uma coisa? Eles não se preocupam mais conosco. Com as nossas bocas, isso sim. Somos bocas a mais na Vila. Não compreendem: bocas a mais! Na primeira oportunidade, estamos feitos. (LOUREIRO, 1976, p.153).

[...] Sílvia___Sabe lá o que farão, quando formos demasiadamente pesados. Vocês notam, ninguém faz nada. Ninguém trabalha a não ser pra ela. Todos vivem dos naufrágios para se sustentar (LOUREIRO, 1976, p.153).

[...] Sílvia___Não é possível que nunca ninguém tenha escapado, além de nós (LOUREIRO, 1976, p.153).

Como se pode perceber, para as personagens, a existência passa a não ter mais sentido. Até as lembranças são tiradas. O que resta é apenas uma condição de vida deplorável e um intenso sentimento de impotência. Imersos em dúvidas e sofrimentos, passam a experimentar o “tédio existencial”. Para Camon, “pode-se definir o tédio existencial com uma dolorosa sensação de não estar realizando nossas possibilidades de vida. A sensação de estar parado num ponto sem saída, sem interesse, sem energia” (CAMON, 1990, p. 19).

O contexto de angústia impacta de duas formas no sujeito: a primeira faz com que ele enxergue-se como culpado pela sua própria dor. A segunda é a alteração da percepção de realidade, não o deixando ver possibilidades de saída da situação aflitiva. Esses dois impactos repercutem na necessidade de buscar, incansavelmente, alguém que possa livrá-los do caos sentimental. É neste momento que aparece a importância do Outro, alguém igual a si, humano e imperfeito. No entanto, como a realidade está alterada por causa do sofrimento, não há abertura para que o Outro possa se manifestar.

Na obra, o Outro revela-se no amor que não pode ser vivido entre as personagens, mas também no tempo perdido e na memória esquecida. Por isso, Camon afirma: “o desespero do homem contemporâneo apresenta várias facetas de sofrimento, mas, seguramente, a ausência do Outro é um dos maiores espectros dessa realidade” (CAMON, 1990, p. 6). E essa ausência do Outro, tanto na vida como na obra em questão, é uma das principais marcas do *desamparo*.

Medo, raiva, angústia e solidão. Todos estes afetos são vividos intensamente pelas personagens de *A Ilha da Ira*, principalmente, ao tomarem consciência de que irão morrer. O medo, assim como a solidão, são – segundo Albisetti (1997, p. 90) – sentimentos profundos, intensos e amargos, revelados, sobretudo, quando o indivíduo se vê diante da morte. Para este autor, “este é um momento em que os seres humanos são obrigados a encontrar no interior de si mesmos aquelas respostas que os outros não conseguiram e nem podem dar” (ALBISETTI, 1997, p.91). A preparação para a morte, física e psicológica, diz Albisetti (1997, p. 91), é uma experiência que deixa para sempre marcas profundas e irremediáveis. O autor relata que conheceu pessoas que, marcadas para a morte, tornaram-se mais conscientes da fragilidade de sua condição humana, pois “descobriram a própria interiorização, ultrapassaram barreiras e penetraram no maravilhoso universo do inconsciente, do pensamento e do silêncio, onde tudo muda em relação ao mundo exterior e onde, finalmente se pode achar a verdade autêntica” (ALBISETTI, 1997, p. 91).

No entanto, as personagens estão presas numa angústia extrema. Principalmente, por serem conscientes de que estão perdendo a memória e, conseqüentemente, a sua história, causando, assim, uma total ausência de esperança. A falta de esperança bloqueia toda possibilidade de resistência, o que fortalece os atos da antagonista da peça, a Velha. Diante dos desmandos e abusos de poder da personagem, os sujeitos passam a ter comportamentos obedientes, dóceis, assujeitados ao modo de vida imposto pela vilã.

[...] Tião___Sabes que dia é hoje? (LOUREIRO, 1976, p.157).

[...] Sílvia___Não. (LOUREIRO, 1976, p.157).

[...] Tião___Nem do mês? (LOUREIRO, 1976, p.157).

[...] Sílvia___Nem do mês, nem da semana, nem do ano. (LOUREIRO, 1976, p.157).

[...] Tião___Engraçado, eu também não sei...(LOUREIRO, 1976, p.157).

[...] Sílvia___É... (LOUREIRO, 1976, p.157).

[...] Tião___Não sabemos de mais nada. (LOUREIRO, 1976, p.157).

Importante ressaltar que o contexto cênico da Ilha, escolhido por Paes Loureiro, é um fator imprescindível para facilitar o leitor a entender todos os desafios pelos quais as personagens passam. Uma ilha, no senso comum, é um lugar desconhecido, solitário e distante. Então, as personagens são incluídas nesse ambiente e veem as suas vidas transformadas na própria ilha. Viram desconhecidos, porque perdem a memória; tornam-se solitários, uma vez que ninguém pode retirá-los dali; e se reconhecem como seres distantes da realidade e da sua própria história.

Diante disso, é possível compreender a situação de *desamparo* experimentado pelas personagens. Primeiramente, os prisioneiros da ilha sentem-se imbuídos de um vazio existencial decorrente do esquecimento das suas memórias. Esse esquecimento pode ser entendido como ausência de imagens que permitem com que a pessoa reconheça elementos que compõem a sua subjetividade, como também identifique suas experiências concretas compartilhadas com outros. Assim, a perda da memória causa ruptura com o mundo exterior e com a própria experiência individual, provocando a fragmentação da percepção do sujeito sobre si e sobre a realidade na qual está inserido.

Segundo Márcio Seligmann-Silva (2008), a memória representa um amálgama entre o individual e o coletivo. O registro de memória é profundamente seletivo e opera no entrelugar que comunica memória e esquecimento. Esta estabelece um compromisso com o passado. No entanto, o trauma pode convocar ao esquecimento, convocar à obliteração da expressão, “ele pode provocar a incapacidade de dizer, de fazer ver, de representar, ele pode gerar o bloqueio da capacidade inventiva, poética, criativa dos indivíduos e das coletividades” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 56). Então, vale ressaltar que, diante de situações conflituosas que possam a gerar angústia e *desamparo*, há urgência de não desvincular-se da memória e, conseqüentemente, do sentido da vida. Pois, Julia Kristeva afirma: “uma vida que

tem sentido: ela constitui mesmo o apogeu do sentido. Por isto, perdendo o sentido da vida, esta se perde sem dificuldade: sentido desfeito, vida em perigo” (KRISTEVA, 1989, p.13).

Sobre a busca pelo sentido da vida, mesmo em situações mais extremas de sofrimento, a obra aborda a questão por meio da figura de Ulisseu. Ele também encontra-se na condição de opressão da ilha, triste, desanimado, mas ainda disposto a refletir sobre a sua própria condição e sentimento

[...] Tenho visto pessoas que me parecem muito tristes. Tristes desde o nascimento. Gente cuja alternativa é esperar que a vida continue como começou. Todos estão perfeitamente acostumados consigo mesmos. Às vezes penso que há diferença, sei lá! O que ficará depois de tudo? Que importância tenho eu? Serei necessário para alguma coisa? Não peço nada a ninguém. Não devo nada a ninguém. Se meu fumo acaba, deixo de fumar? Se tenho fome, bem, eu olho os lírios do campo? Enquanto tenho língua, falo? Se ficar sem ela, talvez procure falar com as mãos. O que se há de fazer? Já entendo um pouco de tudo. Há os que tem princípios, mas no fim acabam pelos princípios. Sinto como se adormecesse a cabeça sobre um ninho de vespas. Quero dormir, descansar, mas não posso, não me deixam! (LOUREIRO, 1976, p. 163).

Ulisseu é um personagem que observa a todos e tudo o que lhe cerca. Primeiramente, interpreta a passividade dos moradores da ilha como conformismo com a vida que levam naquele lugar. Posteriormente, percebe que as personagens estão cansadas de tanto sofrimento e, por isso, agem passivamente diante das ações de violência. Buscando subsidio na teoria freudiana (1996) para compreensão das instâncias psíquicas das personagens náufragas da ilha, é possível constatar que, inconscientemente, os sujeitos buscam formas de disfarçar as sensações de angústias, preocupações ou traumas, passando a externar o contrário daquilo que realmente estão sentindo, demonstrando comportamentos de euforia ou de negação. Isso porque “o inconsciente não é o mais profundo, nem o mais instintivo, nem o mais tumultuado, nem o menos lógico, mas outra estrutura, diferente da consciência, mas igualmente inteligível” (FREUD, 1991, p. 173).

Freud (1996, p. 135-176) utilizou o termo *shereck*, para se referir à angústia extrema que acomete o sujeito em uma situação traumática. Então, é possível supor que os moradores da Ilha estariam em estado de *shereck*, resultado da opressão e do terror psíquico a que são expostos continuamente no local em que vivem, e por esse motivo, tornam-se passivas diante do caos. Essa passividade atinge vários âmbitos da existência, solapando os corpos, a capacidade de refletir e, sobretudo, a memória, que aos poucos vai esvaindo-se:

[...] Ana___Compreendeu agora. Nós estamos ficando sem nada. Estamos ficando sem a nossa memória. (LOUREIRO, 1976, p.160).

[...] Sílvia___Primeiro vai a memória, depois a esperança, depois a vida. (LOUREIRO, 1976, p.160).

[...] Sílvia___Breve não saberemos nem mais os nossos nomes (LOUREIRO, 1976, p.160).

A crueldade que se instaura em *A Ilha da Ira* origina-se das regras instituídas pela Velha e, pode-se dizer, espelham de forma veemente a violência estatal, uma vez que a Velha não apenas representa a governabilidade autoritária: na singularidade que é essa ilha. A Velha é mais que um personagem, ela é o próprio Estado. Desse modo, todos os que passam a habitar o lugar, precisam adaptar-se a essa forma de governabilidade. Quem não o fizer simplesmente sucumbe. Diante do regime ditador, os habitantes sentem-se insulados, pois não conseguem enxergar possibilidades de superar as dificuldades. No entanto, Ulisseu, apesar de lutar para combater a antagonista, também vive insulado, sobretudo, ao ver que a sua luta, a que se propõe, é praticamente solitária.

A ilha comandada pela Velha é conhecida por ser um lugar onde predomina a maldade, os maus tratos, um ambiente hostil e insuportável (percebe-se aqui então uma distopia). Mas em contraponto, o Caapora afirma ser a ilha (como a de Thomas Morus) um lugar bom, ideal, onde reina a esperança e os sonhos podem ser realizados (aqui teríamos então a utopia). O Caapora, em diálogo com Ulisseu, afirma que aquele lugar de barbárie não existe. O que existe, na verdade, é *outro lugar*. Um lugar onde pode reinar o amor, a paz, a satisfação – como Utopia, Cocanha, Pasárgada... Contudo, um lugar ainda a ser construído.

[...] Caapora___A Vila. A Vila não é esta. Esta Vila não existe, na verdade. A verdadeira Vila é outra Vila. É aquela outra ali. Ali na frente. Lá sim, existe o grande amor. Lá sim, existe a paz. (LOUREIRO, 1976, p.162).

[...] Ulisseu___E o que eu faço para desencantar essa terra, o que eu faço? (LOUREIRO, 1976, p.162).

[...] Caapora___Você terá de matar a Velha. A Velha é má. A Velha tem os dentes sujos de vício. A Velha é filha da Cobra-Grande. Ela nasceu na praia da Ilha da Pacoca, quando um grande navio iluminado passava longe e o Curupira, o gênio do mal, sangrava a garganta de um Uirapuru, para extrair rosas de seu canto. (LOUREIRO, 1976, p.164).

[...] Ulisseu___Nossa mãe! Esconjuro! Mas não é difícil matar essa Velha horrenda e má? (LOUREIRO, 1976, p.164).

[...] Caapora___Matar a Velha é difícil porque não é só matar a Velha. A Velha é ela e mais o que ela não é. A Velha é ela e o tempo que gira em torno dela. A Velha é ela e o passado que dela renasce. A Velha é ela e o medo que ela gera. Todos a temem. Todos a odeiam. Porque a Velha é ela e esses todos. (LOUREIRO, 1976, p.164).

A fala do Caapora aponta para dois rumos: em um, ao apelar para a esperança representada por essa “outra Vila”, fadada ainda a ser encontrada, ele acende a vontade de resistência em Ulisseu. Já o outro indica a realidade catastrófica em que estão retidos. Nesse, a fala do Caapora só reforça a tese de que na ilha comandada pela Velha não existe um regime de liberdade, conduzido pela lei, pela razão ou pelo menos pela razoabilidade; ao contrário, o que existe é um regime de opressão, cuja tônica é a violência e a desumanização. Devemos lembrar que um dos fatores essenciais de uma ditadura totalitária, segundo Chasin (2012, p. 15) é a presença do *terror* como ameaça constante contra o indivíduo. Para este pesquisador, o terror como violência extrema é uma das características do que ele chama de “mais repressivo sistema político”, no qual persiste uma “dominação hipertrofiada pela concentração de poder e nutrida pelo monopólio político de partido único” (CHASIN, 2012, p. 15). Então, enfatizamos, a Velha sintetiza o mergulho do indivíduo na irracional catástrofe social, política e existência, seja como a Boiúna: a filha da temida Cobra Grande – tal como pensa o Caapora, seja como uma alegoria do estado autoritário, no âmbito do diálogo com a história, com referências possíveis à repressão do estado imperial contra a Cabanagem no século XIX ou à ditadura civil-militar vivida pela nação brasileira, no século XX.

Outra questão relevante do contexto totalitário mostrado na obra em estudo é a proibição das manifestações amorosas na Ilha. A personagem Sílvia a Tião, que ouviu dos nativos da ilha que a Velha nem mais vida tem, é a morte dela que tomou corpo de ódio e assim ela persegue a todos. E que somente desse jeito é que ela pode ser eterna. Em uma das falas do personagem, Tião pondera que não podem virar pedra de medo. Sílvia responde que já estão quase virando. Mas ela não quer virar pedra e nem quer que Tião vire pedra também. No caso “virar pedra” remete ao mito da Medusa (da mitologia grega), cuja personagem, confinada em uma ilha, é a metáfora do sofrimento, da frieza e da solidão. No princípio era uma bela mulher que, após ter sido violentada e por isso banida do templo, transformou-se (após este episódio) em uma espécie de monstro, com cabelos de serpente, e qualquer ser humano que olhasse para ela seria imediatamente transformado em estátua de pedra. Nesse sentido, a narrativa de Loureiro realiza um diálogo produtivo com a reflexão sobre o medo que habita o mito medusiano, reforçando o universo catastrófico e aterrorizante em que se

encontram esses personagens. E nesse processo a experiência traumática torna-se uma potência reflexiva para essa narrativa.

O medo de não poder amar, de perder a memória e com ela a identidade e de viver permanentemente exilado, são fatores desencadeadores dessa condição traumatizada nos personagens. O trauma subverte os registros psíquicos das experiências humanas, pois a dor ascende sobre o significado da vida. Ou seja, a experiência traumática passa a ocupar a mente do sujeito traumatizado, fazendo-o viver em estado de pleno sofrimento, uma vez que experimenta – muitas vezes involuntariamente e de muitas formas – a dor sentida e a impotência que a acompanha. Essa reflexão fica bastante evidente nos discursos presentes na obra: as personagens dialogam sempre lembrando o quanto são infelizes, oprimidos e impotentes diante da força opressora da Velha. Inclusive, chegam a indagar sobre o próprio sentido da vida, uma vez que não encontram alternativas de se libertarem da opressão de uma espécie de Odisséia, que está longe de chegar ao fim.

[...] Sílvia__Eu tenho vontade de saber o que há depois dele. (LOUREIRO, 1976, p.172).

[...] Tião__Ora, depois do mar, há outro mar. É o oceano do oceano. Assim como as dobras de um lençol, que fosse feito só de dobras. (LOUREIRO, 1976, p.172).

[...] Sílvia__Será que depois do mar termina tudo? (LOUREIRO, 1976, p.172).

[...] Tião__Tenho medo que sim, mas não gosto de pensar e acredito que não. Acho que depois do mar não termina tudo. (LOUREIRO, 1976, p.172).

[...] Ulisseu__O nosso naufrágio ainda não terminou. Ele começou no mar. Poderia lá ter acabado. Mas não acabou. Continuamos nadando nessa tristeza. Agora que afundamos cada vez mais. Eu já não tenho mais fôlego.

A ditadura implantada pela Velha na Ilha desdobra-se em várias ações violentas, como já foi citado ao longo desse texto. Outra estratégia de tortura aplicada é o silenciamento das personagens. Silenciamento que pode vir de diversas formas, uma delas é a punição do menino nativo que afirmava, inocentemente, não enxergar a quantidade de naufrágios que a ela dizia ver. Como não podia ser contrariada, manda torturar o garoto. Os castigos o deixam tão abatido e traumatizado, a ponto de não mais discordar e passar a repetir continuamente que vê o mesmo que a Velha via: o grande número de barcos naufragando.

Hélio Pellegrino (1982, p. 15-16) afirma que a tortura é o ápice da situação-limite com a qual o sujeito pode se defrontar. As fronteiras deste espaço terrível são o pânico primitivo, a loucura, a dor, a morte e, paradoxalmente, até mesmo o heroísmo. Para ele, a função principal dessas práticas é estabelecer uma cisão profunda entre corpo e mente, com o objetivo de fazer com que o sujeito que está sendo torturado perca a lucidez, a razão, e passe a expressar-se por meio da emoção dolorosa.

A tortura busca, à custa do sofrimento corporal insuportável, introduzir uma cunha que leve à cisão entre corpo e mente. E, mais do que isto: ela procura, a todo preço, semear a discórdia e a guerra entre corpo e mente. Através da tortura, o corpo se torna nosso inimigo, e nos persegue (PELLEGRINO, 1982, p.12).

Ainda para o autor, além de destruir a totalidade constituída por corpo e mente, a tortura transforma o corpo – aquilo que o sujeito tem de mais íntimo – em seu próprio torturador. “Esta é a monstruosa subversão pretendida pela tortura. Ela nos racha ao meio e, no centro desta esquizofrenia, produzida em dor e sangue, crava a sua bandeira de desintegração, terror e discórdia” (PELLEGRINO, 1982, p. 13).

Dentro desse contexto de tortura, sofrimento e angústia vivido pelos moradores da Ilha, também é importante citar o parto da personagem Sílvia, na peça de teatro encenada pelas personagens: “O coro todo participa do desespero do nascimento da criança. Entram, um por um, bruscamente, com desespero no ápice e dizem trechos da fala inicial. Dentes e punhos crispados” (LOUREIRO, 1976, p. 174). Depois disso, o homem da Opa Azul entra em cena anunciando a morte de Tião, Sílvia e o bebê: “nossos irmãozinhos morreram, nossos irmãozinhos morreram. Preces a Deus pelo descanso de suas almas” (LOUREIRO, 1976, p. 174). O personagem Ulisseu apresenta um novo personagem, que tem histórias para contar e poderá, quem sabe, ajudar a todos. Esse personagem é denominado Homem da Vila.

[...] Homem da Vila__A Velha...a Velha é tudo. Ela é a Rainha Luzia, a filha-mãe da Cobra-Grande. Quem desencantar a Velha, desencanta a praia e o nosso esquecimento. Aí, então, em lugar de tudo nascerá uma cidade muito clara, muito desconforme, sem tristeza e esquecimento. Mas é preciso cuidado. Tem de ser na hora certa. Senão ela castiga. Ela é muito má. As pessoas que vem trabalhar nos seringais e canaviais dela ficam tão endividados que não podem mais voltar. E se tentam fugir, morrem pelo caminho. Um rapaz tentou matá-la enquanto ela dormia. Ela se assustou e deixou que ele fugisse. Mas a Velha não se contentou e tocou fogo na sua cabeleira. Aí ele sentiu o fogo e quis água. Mas a água estava longe, no igarapé cerrado, cheio de tiririca e unha de gato. Então, antes de mergulhar, a cabeça dele espocou e os miolos se espalharam na água. As jaturanas

vieram e comeram todos os pedaços. E os jacarés e as piranhas lhe devoravam a carne e os ossos (LOUREIRO, 1976, p. 176).

Além da dimensão utópica – representada na figuração da “cidade muito clara” onde não há “tristeza e esquecimento” a fala proferida pelo Homem da Vila sobre aqueles que trabalharam nos canaviais e nos seringais amazônicos, remete novamente à situação de escravidão a que as personagens são submetidas nessa ilha infernal. Essa fala dialoga mais uma vez com a história, na medida em que evoca o regime de trabalho dos seringueiros na época do Ciclo da Borracha. Gonçalves (2001, p. 86), explica que esses homens, em grande parte nordestinos do Ceará e do Rio Grande do Norte, trabalhadores agenciados, já chegavam aos seringais com a dívida dos custos da própria viagem. Além de ter que pagar pelos utensílios que utilizavam e os víveres que lhes eram antecipados pelo seringalista que, por sua vez, os recebia de algum comerciante vinculado a alguma casa aviadora. E foi assim que a mão de obra do homem que foi para a Amazônia trabalhar nos seringais (e nos canaviais) acabou por se configurar como um tipo de trabalho escravo, pois “a maior parte dos extratores seringueiros não conseguia no primeiro ano obter a produção necessária ao pagamento de seu débito com o barracão do patrão-seringalista” (GONÇALVES, 2001, p. 86).

O Homem da Vila, personagem de *A Ilha da Ira*, parece estar se referindo também (em seu discurso) às queimadas e à poluição dos rios – das sujeiras e dejetos que são jogados nos rios da Amazônia. “Tocar fogo na cabeleira”, para além da subjugação perpetrada pela Vella contra alguém que ousou desafiá-la, lembra o enorme número de árvores queimadas, principalmente a partir do século XX. Gonçalves (2001, p. 44), lembra que a tentativa de derrubar as florestas para implantar sistemas agropastoris, com base em tecnologias elaboradas para outros ecossistemas tem se demonstrado catastrófica na Amazônia. Ele lembra também que “as chuvas abundantes e torrenciais tendem a erodir os solos, além de acentuar o processo de laterização-lixiviação. Isso tem levado a um juízo negativo a respeito do potencial dos seus solos” (GONÇALVES, 2001, p. 44). O que, mais uma vez revela – continua ele, “muito mais a respeito dos que fazem esses juízos do que sobre os próprios solos” (GONÇALVES, 2001, p. 44).

Quanto ao papel desses referentes históricos no texto dramaturgico, estes sem dúvida formam um jogo de oposição com as figurações utópicas - a exemplo da “outra Vila” na fala da Caapora, ou da “cidade muito clara” na fala do Homem da Vila, por mostrarem que historicamente as condições de existência na Amazônia, calcadas na exploração capitalista, para quem está na posição de explorado, não é muito diferente das situações a que estão expostos os personagens de *Ilha da Ira*.

Certo dia, o protagonista da obra, Ulisseu, teve a ideia de fazer com que a Velha visse o seu próprio rosto, quando estivesse distraída, durante a apresentação da peça de teatro. Se o plano desse certo, os prisioneiros da Ilha ficariam livres. Contudo, apesar de Ulisseu estar confiante na sua tentativa de libertar a todos, também emerge nele um sentimento de revolta, estranheza e de incapacidade de enfrentar a situação, resultado do profundo estado de sofrimento.

Camon (1990, p. 28) lembra que regimes autoritários facilitam muito o quietismo, o imobilismo das pessoas, pois, estimulam as pessoas viverem de modo resignado. Segundo ele, “as pessoas sequer ousam pensar na possibilidade de que aquela situação infeliz possa ser transformada. Ao contrário, o que se vê é muito quietismo, resignação. Aquela eterna ideia de que a vida é assim mesmo, tudo bem...” (CAMON, 1990, p. 28). Esta imagem do imobilismo, quietismo e resignação, do qual Camon (1990) se refere, é perceptível no quadro de *insulamento* presente na obra de Paes Loureiro. As personagens chegam ali sem nada e assim permanecem. Não possuem bagagens, as memórias são perdidas e o sofrimento é permanente, sendo condenados a viver exilados numa ilha – territorial e psíquica – impossível de escapar.

Na narrativa fica evidente que as personagens possuem uma dor generalizada pela catástrofe vivida, resultando em temor e, ao mesmo tempo, em enfrentamento diante da possibilidade da morte. Segundo Camon (1990, p. 31), a morte é a ocorrência mais concreta da existência humana, determinando, inclusive, as escolhas e o modo de se viver. Freud (1915, p. 113-119) afirma que a morte pode causar impulsos distintos como o desalento, a revolta e a negação. Tais impulsos podem ser percebidos ao longo da obra de Loureiro.

Uma constatação interessante a ser ressaltada é o sentimento de culpa visto na narrativa se tornando expressivo durante a encenação do julgamento do personagem Ulisseu. Na peça, “ambientação de acentuado realismo, movimento e luzes”. Todos os atores em cena, o protagonista é o suposto réu.

[...] Coro__Culpado. (LOUREIRO, 1976, p. 177).

[...] Patroni__Todo ser humano é culpado de algum delito. (LOUREIRO, 1976, p. 177).

[...] Leo__Todo ser humano é sempre co-autor de algum crime. (LOUREIRO, 1976, p. 177).

[...] Patroni__Você existe. Logo deve pagar por isso. (LOUREIRO, 1976, p. 177).

[...] Ulisseu__Parem! Vocês precisam escutar minhas razões. (LOUREIRO, 1976, p. 177).

[...] Coro__Cale-se. (LOUREIRO, 1976, p. 177).

De acordo com uma das afirmações clássicas de Freud, a culpa é o resultado de uma tensão entre o ego e o superego, que se manifesta como uma necessidade de castigo. No artigo *O mal-estar na civilização*, Freud diz adotar o ponto de vista de que a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva e original, auto-subsistente, considerando-a o maior impedimento à civilização: "[...] o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra um, se opõe a esse programa de civilização" (FREUD, 1996, p. 145). A ideia de culpa na cena descrita acima traz consigo a evidência do *desamparo* e da incompletude humana, daquilo que se deve pagar, e como pode-se ver, essa dívida não será paga porque não existe dívida.

O caminho da culpabilidade encontra-se, em *A Ilha da Ira*, nas ações que atravessam toda a narrativa. Está no esquecimento gradativo, está no menino que não via naufrágios, está nos amantes naufragos mortos junto a seu filho recém-nascido, como nas demais situações manifestadas no campo da ilusão de liberdade, potencializada diante do poder da Velha. Os naufragos, atônitos e surpresos, percebem que o que era para ser uma encenação, vira realidade. Agora, para ela, existe um crime e um criminoso precisa confessar a sua culpa. Eles precisam descobrir o crime, do contrário, todos serão punidos. Num instante de dolorosa consciência, todos tentam dizer que era apenas uma brincadeira, uma representação, uma encenação teatral, mas para a Velha é realidade. E afirma:

[...] A Velha__Enquanto alguém quiser quebrar a monotonia da ilha, esse alguém será punido. Nós éramos simples antes de vocês chegarem. Vivíamos dos despojos lançados à praia. Sobrevivíamos, é melhor. Já estávamos habituados a enterrar os nossos mortos e os que o mar lançava à terra. Vivíamos sem esperar nada. Sem querer nada. Desde que fiquei viúva, erradiquei o amor na ilha, para nunca mais. Eu não poderia suportar o amor dos outros, quando eu não poderia amar. Agora o amor é asco e crime. Vivíamos sem esperar nada. Sem querer nada. Todos haviam esquecido a esperança. Foi quando vocês chegaram. E, especialmente tu, que ninguém sabia como e quando vieste. Aí, então, tudo na Vila começou a mudar. Os homens souberam de uma nova vida além das ondas grandes e que isso que vocês chamam de civilização era uma coisa boa. E começaram a ficar muito tristes. Vocês tiraram a alegria inocente deles. Passaram a conhecer tudo. Angustiam-se. Foi um grande mal. Tudo o que eu conseguira fazer que eles esquecessem, servindo-lhes a erva do sono, começou a ser destruído pelo que vocês contavam e representavam,

daquilo que há além do mar. E daí pra diante não tive mais sossego. Nem para amar... (LOUREIRO, 1976, p. 185).

Num súbito ataque de fúria a Velha transtornada (porque foi questionada em seus valores, em suas atitudes e em seu comportamento), grita que sua paciência se esgotou. E aquele que procurou a sua desgraça e a de seus companheiros deve pagar por isso. A ação extremada da personagem é decorrente da situação de instabilidade que os prisioneiros criam com a finalidade dela enxergar sua verdadeira face, momento que, na encenação, é fundado na metarreflexibilidade: a encenação dentro da encenação, amplificada pelo espelhamento. Porém, como o sistema imposto pela Velha é opressor, a atitude de resistência é silenciada com a morte de todos os exilados no porão do navio. Desse modo, repetindo, na ficção, a história do massacre ocorrido no navio *Brigue Palhaço*, ocorrido em 1823, no Pará, em cujo porão foram presos e assassinados aproximadamente 250 cabanos.

Com esse desfecho, percebe-se que as personagens da *Ilha da Ira* estão condenados a um *desamparo* devastador, gerando um estado interior de *insulamento*. Privados da liberdade, os sujeitos confrontam-se com a solidão, com o sentimento de vazio e mergulham num profundo mal-estar que gera passividade. “[...] Nesse sentido, a peça de Paes Loureiro dialoga igualmente com toda uma tradição ligada ao tema da ilha, associada à violência de estado” (SARMENTO-PANTOJA, 2011, p. 12). A partir dessa assertiva da autora, é possível dizer que em *A Ilha da Ira* a violência em contraste à imagem mítica da ilha, penetra a totalidade do tecido social, não existindo apenas uma ramificação da violência, por esta apresentar-se em seu caráter múltiplo.

1.3. *Órfãos do Eldorado* e as expressões do *desamparo*

A narrativa da novela *Órfãos do Eldorado* inicia expressando o *desamparo* ilustrado no suicídio de uma índia tapuia. Arminto Cordovil, o narrador-personagem, vai à beira do rio, testemunhar a tragédia sem conhecer os motivos que levaram aquela mulher à morte, mas – de algum modo – compreendeu a sua dor. E, imerso no *desamparo* vivido, relembra as histórias contadas por Florita, uma índia órfã que lhe faz companhia durante toda a vida.

O pai de Arminto, Amando Cordovil, um bem sucedido empresário na cidade leva a garota para trabalhar como doméstica na casa da família. Amando era dono de dois navios cargueiros e sonhava em transportar borracha para Havre, Liverpool e Nova York. Homem ambicioso, trabalhador, puxou ao pai, Edílio Cordovil, avô de Arminto, que em 1840, no final

da guerra dos cabanos, plantou cacau na fazenda Boa Vida e tornou-se, nessa época, também um rico empresário.

Por meio das lembranças de Arminto, o autor de *Órfãos do Eldorado* (Milton Hatoum), no início da narrativa, apresenta ao leitor a imagem poética da Amazônia:

[...] Quando olho o Amazonas a memória dispara, uma voz sai da minha boca, e só paro de falar na hora que a ave graúna canta. Macucauá vai aparecer mais tarde, penas cinzentas, cor do céu quando escurece. Canta, dando adeus à claridade. Aí fico calado, e deixo a noite entrar na vida (HATOUM, 2008, p.14).

As palavras metafóricas de Arminto compõem a potencialidade do seu discurso em delinear nuances que dimensionam a sensação de solidão em que vive. Uma solidão que, ressignificada, chegará à situação de *insulamento* interior, condição esta que irá permear toda a história deste personagem, até desembocar, por fim, em um *desamparo* devastador. O *desamparo*, um dos mais importantes estudos de Freud, segundo Pereira (1999, p. 125), não se esgota na referência ao estado de insuficiência psicomotora do bebê, nem se resume a uma condição meramente acidental do funcionamento psíquico. Muito mais que isso, a *Hilflosigkeit* freudiana constitui o horizonte último de todo o processo no qual a linguagem está engajada.

André (2001, p. 96), começa a falar de *desamparo* partindo da “agonia primitiva”, termo utilizado pelo psicanalista inglês Winnicott. Segundo esse psicanalista, “a agonia primitiva condensa a ideia do desamparo, do desamparo extremo, e a de um combate, de uma primeira resposta contraposta ao perigo” (ANDRÉ, 2001, p. 96). Em *Agonia ou Desamparo*, Jacques André (2001) afirma que “é preciso observar que o que esses termos procuram circunscrever é um espaço psíquico situado além da angústia” (ANDRÉ, 2001, p. 96). O *desamparo*, em *Órfãos do Eldorado*, é percebido em toda a obra, mas pode ser, inicialmente, ilustrada pela citação a seguir:

[...] A outra feriu meu coração e minha alma, me deixou sozinho na beira desse rio, sofrendo, à espera de um milagre (HATOUM, 2008, p.13)

[...] Antes eu podia comprar a caixa de picolés e até o triciclo. Agora ele sabe que eu não posso comprar nada (HATOUM, 2008, p.14)

[...] Eu andava enrascado, liso que nem pau de sebo. Sem amor e sem dinheiro, e ainda corria o risco de perder o palácio branco (HATOUM, 2008, p.14)

O desabafo acima comparece logo nas primeiras páginas da novela de Hatoum e expressa bem a situação de penúria, angústia e solidão pela qual passa o protagonista da trama. No presente da narrativa, já velho, pobre e doente, ele começa dizendo que não morava “nesta tapera feia”. Em sua memória, recorda do palácio branco dos Cordovil, sua antiga casa, a qual um dia ele pensou em morar com sua amada. Mas o sonho não se concretizou.

[...] Meu pai era feliz ao lado de minha mãe. Quando ela morreu, Amando não sabia o que fazer comigo. Até hoje recordo as palavras que me destruíram: Tua mãe te pariu e morreu! (HATOUM, 2008, p.16).

[...] Eu ainda era jovem, acreditava que o castigo por ter abusado de Florita era merecido; por isso deveria suportar o peso da culpa (HATOUM, 2008, p.16).

[...] Queria que ele me abraçasse ou falasse comigo, queria ao menos um olhar (HATOUM, 2008, p.18).

[...] Estava a poucos metros de Amando Cordovil, esperei uma palavra, ele olhou meu avental e não falou comigo. [...] Dois dias depois o dono do empório avisou que um sobrinho ia trabalhar com ele. Não precisava mais de mim (HATOUM, 2008, p.20).

Como é possível observar, mais uma vez, o *desamparo* emerge no discurso do personagem. O protagonista está totalmente enredado numa trama de intensa dor, angústia e solidão. Segundo Camon (1990, p.2), a solidão, “nada mais é do que um vagar na incerteza do insólito da existência humana”. E a experiência da dor, assim como a satisfação, faz parte dos estados de desejos e afetos do ser humano.

Garcia Roza (1988, p. 55), destaca a noção de afeto não como uma noção quantitativa, mas qualitativa. No livro “Freud e o Inconsciente”, Roza revela que “um afeto inclui processos de descarga, mas inclui também manifestações finais, que são percebidas como sentimentos. E esses sentimentos podem ser tanto de prazer como de desprazer” (GARCIA ROZA, 1988, p. 55).

Retornando a *Órfãos do Eldorado*, é perceptível que, tanto o pai, Amando, quanto o filho, Arminto, são seres que vivenciam o *insulamento* interior. A situação de *insulamento*, causado pela solidão e angústia intensas, de Arminto e Amando Cordovil é resultado de motivações pautadas em traumas e mágoas, pelo falecimento de Angelina Cordovil. Para ambos, as memórias pregressas estão sedimentadas. Suas experiências construíram sensações que aportam dentro de si o espaço insular. Quer em virtude da privação da afetividade de um

para com o outro, como também na memória afetiva configurada em um compulsivo desejo de expressar suas territorialidades, massacradas pelas suas perdas e ruínas.

[...] Eu esperava alguma coisa, sem saber o quê. Minha maior dúvida naquela época era saber se o silêncio hostil que nos separava era culpa minha ou dele (HATOUM, 2008, p.16)

[...] Ia ao bairro dos ingleses e rondava a chácara com a esperança de falar com o meu pai ou de ser visto por ele. [...] Não tinha coragem de bater à porta e seguia pela calçada arborizada, olhando os bangalôs e chalés com jardins imensos (HATOUM, 2008, p.17)

[...] Ação do pai de Arminto, quando este o procurou: Fechou devagar a porta, como se quisesse desaparecer aos poucos, e para sempre! (p.17)

Camon (1990) diz que a solidão é a configuração extremada da ausência do Outro. Para ele, “o desespero do homem contemporâneo apresenta várias facetas de sofrimento, mas seguramente a ausência do Outro é um dos maiores espectros dessa realidade” (CAMON, 1990, p. 6). Ainda segundo o autor, a solidão é uma condição imanente ao homem. Mas somente em certos momentos ela se manifesta de uma forma mais aguda, sem que as pessoas saibam como lidar com ela. Como acontece com Arminto Cordovil e Amando Cordovil. Eles se veem um ao outro como uma experiência complexa, fora do alcance e da possibilidade de trocar afetos, mesmo sendo pai e filho. Camon (1990) explica que:

Os sentimentos de amor e paixão, inextricavelmente ligados aos sentimentos de estima e rejeição, tornam-se configuração real a partir da maneira pela qual o Outro se faz presente. Até mesmo os sentimentos de estima e rejeição se originam a partir de como o Outro me percebe e na relação da minha percepção de como estou sendo percebido. Ao se manifestar como presença real, o Outro faz com que a própria essência do ser adquira contornos reais, onde os sentimentos de estima e rejeição sejam delineados como abstrações de sentimentos e manifestações transparentes (CAMON, 1990, p. 9).

Arminto e Amando podem também ser percebidos como um sendo a negação da experiência do outro, podendo, inclusive, segundo Camon (1990, p. 10) tornarem-se “sujeito e objeto numa relação com o Outro numa alternância abstrata e insólita” (CAMON, 1990, p.10). Sobre essa reflexão, o homem maduro comenta: “[...] Lembrei também do desprezo e do silêncio. Isso doía mais que as histórias que ele me contava na fazenda Boa Vida” (HATOUM, 2008, p.21). Arminto dilatará o tempo, interligando uma história em outra, serão

relatos provocadores do caos, registrados como divagações, em idas e vindas, reproduzindo a “[...] dinâmica ilimitada da memória” (GAGNEBIN, 1994, p.13).

Em outros momentos, a relação conflitiva entre pai e filho é retomada, como em:

[...] Depois que tua mãe morreu, seu Amando não gostou de mais ninguém, só dos malditos cargueiros (HATOUM, 2008, p.24)

[...] Entre nós dois havia a sombra de minha mãe: o sofrimento que ele suportava desde a morte dela. Para Amando eu era o algoz de uma história de amor (HATOUM, 2008, p.27)

Verifica-se que pai e filho transportam seus repertórios de mágoas para suas ilhas internas e individuais, favorecendo o distanciamento dessas personagens. Essa dinâmica traz para a vida de Arminto o sentimento de *insulamento* provocado pelo *desamparo* sentido frente a uma situação real, a uma realidade objetiva. A lembrança do grande cargueiro-ilha se impõe na memória de Arminto. O navio aqui é um monumento metafórico incontornável de experiências degradantes, que carregam combinações de sentimentos, imagens e pobreza. O sentimento de *insulamento* aqui aparece como um importante diálogo entre o imaginário medieval do Eldorado perseguido pelo homem e o naufrágio da boa vida do personagem-narrador.

[...] Vi o cargueiro alemão uma única vez, de madrugada, depois de uma noitada num cabaré barato da rua da Independência. Sentei no cais flutuante e li a palavra branca pintada na proa: Eldorado (HATOUM, 2008, p.21).

O romance de Milton Hatoum apresenta também personagens desamparados, além dos protagonistas da trama. Alguns deles são moradores de rua, que compõem o cenário da cidade: [...] O problema eram os pobres, o governo não sabia o que fazer com eles. As praças amanheciam com famílias que dormiam sobre os jornais velhos (HATOUM, 2008, p.22). Assim, as experiências vividas e remodeladas por todos os personagens, presentifica um espaço de solidão, angústia, *desamparo* e indefinição, já que suas vidas estão moldadas por uma tensão individual e coletiva.

No trecho em destaque, é possível visualizar as condições estruturais da cidade (*ruas de terra dessa cidade mal cuidada*), tanto quanto a relação da noite, com a escuridão interior, como sendo o tempo vivido. Um momento em que as criaturas, os vultos misteriosos das noites reais e interiores dos sujeitos surgem no cenário da trama. Em destaque também está à cena mais mórbida da obra de Hatoum: “*o único abraço no pai morto!*”. Essa narração passa a

ser dinamizada por meio de um resgate do passado, que irá apresentar-se com mais força do que o tempo presente. Arminto lança-se, então, definitivamente, em meio ao fogo do *desamparo*, na linguagem da novela. O desencontro das personagens, os lamentos, os desníveis sociais, as injustiças, a pobreza, a violência com crianças, enfim, tudo sugere as desventuras incessantes e a expressão dolorosa do “eu”.

Desamparo é um conceito caro para Freud, é o que afirmam Camargos, Prochno & Romera (2009, p. 160); e pode ser considerado o ponto de partida e o de chegada no constructo teórico da psicanálise. Segundo estes autores, Freud indagou-se do por quê do ser humano “precisar de um aparelho psíquico, tocou na questão do desamparo, ou seja, a imaturidade biológica do ser humano leva-o a precisar de um outro que ofereça uma experiência de prazer/desprazer” (CAMARGOS, PROCHNO & ROMERA, 2009, p. 160).

Os autores confirmam mais ainda as palavras de Freud, quando dizem que para este, “o desamparo faz parte da condição inerente ao ser humano, ou seja, a condição de fragilidade do homem coloca-o na dependência do outro” (CAMARGOS, PROCHNO & ROMERA, 2009, p. 160). Para o entendimento destas palavras, pode-se trazer aqui Florita ao manifestar seu *desamparo*, após a morte do patrão, Amando. Esta procura expressar a solidão e o *desamparo* sentido, causado pelas profundas fraturas decorrentes de suas perdas:

[...] Florita reagiu com muita tristeza à morte do patrão. Usava roupa branca em vez de luto fechado e não deixou de cozinhar os pratos preferidos do meu pai. Por distração ou hábito, às vezes ela arrumava no centro da mesa os pratos e talheres de Amando; eu comia sozinho, e não olhava o lugar vazio (HATOUM, 2008, p.29)

[...] Não sei se a minha vida era mais triste que a dela. Era mais fútil. Vazia. (HATOUM, 2008, p.31)

Florita é uma personagem que exerce uma função mediadora entre pai e filho. Mas a combinação de sentimentos que constituem a personagem, no entanto, culminam no seu apagamento enquanto ser. A índia órfã, narradora de lendas, que passa a Arminto as facetas do ‘fantástico-mítico’ amazônico, desdobra-se na consciência da solidão e na precariedade do *eu* interior. Este provocando na personagem a sensação de *insulamento*, também, que estabelece relações intersubjetivas, procurando amortizar conflitos e a crise em Arminto e Amando Cordovil.

Após a morte do patrão, Florita continuou fazendo as mesmas coisas que fazia antes, os mesmos hábitos, como se nada tivesse mudado, como se Amando não tivesse morrido.

Esta situação nos remete novamente à Camon (1990, p. 30), quando este nos diz que “pode parecer uma grande e inextricável contradição, mas vive melhor quem traz a morte para a vida. Somente assim se vive cada dia como se fosse o último, com a mais plena consciência dos próprios atos” (CAMON, 1990, p 30).

Dinaura, a personagem feminina que tem uma passagem rápida, mas extremamente marcante na narrativa de Hatoum, era o amor que preenchia o vazio existencial de Arminto. Atordoado, ele a enxergava em outras mulheres; via miragens, sonhava acordado. Esta personagem também está, na novela, em situação de *insulamento* interior, que se funda na linguagem de Arminto. As características dessa personagem recebe um formato que remete aos mitos amazônicos, delineando-se sobre ela um mosaico com diversas faces do *desamparo* sentido pelo narrador-personagem.

[...] Os sonhos e os acasos me levaram para um caminho em que Dinaura sempre aparecia. Lembro de ter visto uma mulher na beira do rio, uma mulher parecida com ela. Muito cedo, manhã sem sol, com neblina espessa. A mulher caminhou na margem, até sumir na neblina. Podia ser Dinaura. Ou invenção do meu olhar. Lembrei da tapuia que foi morar numa cidade encantada, corri até a margem. Ninguém! (HATOUM, 2008, p.33)

[...] Levantei e dei uma olhada na praia: as canoas suspensas, as taperas fechadas, o lugar deserto (HATOUM, 2008, p.36)

[...] Rondamos em silêncio o nome de Dinaura, nós dois olhando uma canoa na água escura, lisa e calma como uma lâmina de cobre (HATOUM, 2008, p.38)

[...] De onde ela veio? De um lugar qualquer. Mas, não desta ilha! (HATOUM, 2008, p.40)

A órfã Dinaura, muitas vezes, será um espectro presente ao longo da vida de Arminto. O *insulamento* sentido aqui, tanto por este quanto por Dinaura, advém de uma justaposição de experiências e estilhaços de lembranças que atravessa toda a narrativa. E como justificativa para combater o *desamparo* e a impotência interior, Dinaura para Arminto Cordovil passará a apresentar-se em seus discursos como um ser encantado. Loureiro (2007) considera que “a cultura amazônica constitui-se num amplo vitral mítico. Nela, as lendas de amor, líricas ou eróticas, ingênuas ou maliciosas, felizes ou trágicas, brilham de modo especial” (LOUREIRO, 2007, p. 43). Sobre os mitos encantados, ele diz que:

Os mitos amazônicos, “os encantados” que habitam as “encantarias” – espécie de Olimpo submerso nas águas dos rios da Amazônia – são

compreendidos por sua aparência estetizada e por meio dela garantem a força abstrata de sua duração. Eles não falam, não dialogam, não sentenciam, eles não emitem preceitos morais. Revelam-se como imagens de pura aparência. Uma espécie de epifania. Atravessam as galerias do imaginário ribeirinho como iluminações, numa etnocenografia hierofânica, um puro deslizar de alegorias (LOUREIRO, 2007, p. 26).

Está claro que a orfandade, nesta obra, está engendrada não somente nas esferas do psicológico, mas também do social. O *desamparo* estampado nas desigualdades sociais e a sensação de *insulamento* estão ligados à ausência de direitos essenciais a uma vida digna. Em muitos momentos no texto, o *desamparo* social emerge provocando o leitor a perceber as oscilações e desníveis que se perpetuam na dinâmica social.

[...] Florita disse que as órfãs vinham de aldeias e povoados próximos. “Duas delas, de Nhamundá, haviam sido raptadas por regatões e depois vendidas a comerciantes de Manaus e gente graúda do governo” (HATOUM, 2008, p.42).

[...] Vi as filhas de famílias ricas separadas das órfãs, e uma roda de meninas Tapuias encolhidas pela timidez e Pobreza. (HATOUM, 2008, p.43).

[...] Andei de bonde pela cidade, vi palafitas e casebres no subúrbio e na beira dos igarapés do centro, e acampamentos onde dormiam ex-seringueiros; vi crianças ser enxotadas quando tentavam catar comida ou esmolar na calçada do botequim Alegre, da Fábrica de Alimentos Italiana e dos restaurantes (HATOUM, 2008, p.57).

Nos discursos de Arminto, sempre comparece a solidão e ao longo da narrativa a saudade potencializará as perdas de Arminto. O contexto da crise registra e representa o drama do *insulamento* humano, construído nos desencontros, nas limitações vividas pela personagem, nos inequívocos sentimentos de angústia, melancolia e tristeza, que pontuam o percurso de incertezas e na agudeza da condição humana. Júlia Kristeva (1989), quando fala da melancolia enquanto revestimento sombrio da paixão amorosa, afirma que: “conscientes de estarmos destinados a perder nossos amores, ficamos talvez ainda mais enlutados ao perceber no amante a sombra de um objeto amado, outrora perdido” (KRISTEVA, 1989, p.12). Esta autora, em outro momento, declara que a tristeza é o humor fundamental da depressão; e que ela conduz ao campo enigmático dos afetos: angústia, medo ou alegria. E prossegue em sua análise: “irreduzível às suas expressões verbais ou semiológicas, a tristeza (como todos os

afetos), é a representação psíquica de deslocamentos energéticos provocados por traumatismos externos ou internos” (KRISTEVA, 1989, p. 27).

A tristeza e a melancolia de Arminto, como estados de humor provocados pela saudade e o medo de perder para sempre a sua amada, parece reforçar uma das teses de Júlia Kristeva (1989), quando esta diz que se é verdade que uma pessoa escrava dos seus humores, um ser afogado em sua tristeza, revela certas fragilidades psíquicas ou ideatórias, “é igualmente verdade que uma diversificação dos humores, uma tristeza em palheta, um requinte no pesar ou no luto, são a marca de uma humanidade” (KRISTEVA, 1989, p. 28).

Arminto apresenta um quadro desolador, que se reporta às enchentes do rio Amazonas, das águas que vão e vem; e quando voltam, arrastam tudo, com uma força gigantesca, “[...] Dia e noite chovendo, uma semana inteira assim. O Amazonas arrastava tudo: Restos de palafitas, canoas e barcos de bubuia, marombas com bois amarrados, berrando de pavor” (HATOUM, 2008, p.52). Entra em pauta aqui a questão do rio, enquanto fonte de sobrevivência dos povos ribeirinhos da Amazônia, que como bem falou o escritor paraense Walter Freitas (2004, p. 11), no texto “A Cuia Mágica”, o rio vai *impaludando*, com tudo que não presta. Uma fala deste autor é boa para se pensar:

E quem vai me dizer como se salva um rio que sustenta a vida de tanta gente, há tantos séculos; e há tantos séculos vai sendo maltratado? Como se não fosse nada, como se não fosse também um ser vivente, um ventre, uma barriga com tanta vida para desentranhar (FREITAS, 2004, p. 11).

O enredo de “A Cuia Mágica”, texto escrito para o teatro, pelo dramaturgo paraense Walter Freitas (2004), é um texto muito interessante para se pensar essa questão do cuidado com o rio, do cuidado com a natureza, por fim. Um momento do diálogo interessante entre os dois personagens (são apenas dois personagens: um menino e um velho de 120 anos) é quando o menino pergunta ao velho: o que será do rio Amazonas, “com tanta derrubada, desmatamento, queimada, roubo de madeira, extração de minério, entrada das indústrias, garimpagem? O velho, então, responde que tudo terá um fim, porque tudo que nasce, morre!” (FREITAS, 2004, p. 5).

O *desamparo* social é muito falado por Arminto ao descrever cenas urbanas como: o linchamento de um conhecido pela população revoltosa; as ruas e o bonde que transita por entre as ruas da cidade, bem como as palafitas e casebres do subúrbio; crianças que tentam catar alimentos ou esmolar na calçada de restaurantes e fábricas. E no meio desse cenário

urbano, Arminto - o órfão de mãe morta e de pai vivo - já na mais completa miséria, sem dinheiro nem para voltar para casa, ouve mais uma estória de um barqueiro que fala de outra órfã, cuja mãe morreu e o pai a ofereceu a ele; e novamente sabe de mais uma criança, do povoado de Uaicurapá, também órfã de mãe e deflorada pelo próprio pai. Ou seja, mais meninas órfãs, abusadas sexualmente por adultos; mais crianças, que na narrativa de Hatoum, estão em situação de *insulamento* psíquico; estão, portanto, em completo *desamparo*, social, emocional e moral.

[...] Joaquim Roso chegou uns dias depois com outro pesadelo: uma menina sem nome, filha de um povoado do Uaicurapá, o rio da fazenda Boa Vida. A mocinha me deixou zozzo: um anjo triste, o rostinho moreno, cheio de dor e silêncio. Era órfã de mãe e tinha sido deflorada pelo pai (HATOUM, 2008, p.63).

Dinaura neste momento já não morava mais neste mundo, e sim na cidade encantada; e mesmo vivendo como uma rainha é uma mulher infeliz, no entanto. Condição, aliás, que nos faz voltar mais uma vez à Paes Loureiro (2007, p. 42), quando este fala das encantarias, como sendo lugares de encantados nos fundos dos rios ou nas brenhas da floresta. E é pela voz de caboclos solitários, que vivem à beira dos rios, em palafitas, que as estórias são contadas e passadas de geração em geração. Como bem explica Loureiro (2007), trata-se da “condição mítica de origem, consagrada por sua gente, reveladora da busca de uma sociedade ideal em sua própria paisagem geográfica e cultural” (LOUREIRO, 2007, p. 43).

Profundamente imerso na dimensão das suas necessidades Arminto mergulha agora nas lembranças. Percebe a tristeza de Florita e relembra do pasto da fazenda Boa Vida, agora uma paisagem morta, árvores queimadas, tudo destruído. A memória ainda o persegue rio abaixo, enquanto viaja no barco e ouve as conversas, nem sempre felizes: [...] Viajei onde meu pai havia dormido. E a memória me perseguiu rio abaixo, até Belém. Nas conversas, a bordo, só desgraça. Parecia um navio de naufragos (HATOUM, 2008, p.79). E sempre rememora o barco naufragado chamado Eldorado, o mesmo nome do lugar encantado onde estaria morando a sua Dinaura. Por isso afirma: [...] O nome do barco naufragado parecia atado ao meu destino: Eldorado (HATOUM, 2008, p.80).

O lendário mito de Eldorado, cidade encantada, espécie de paraíso tropical que alimentou o imaginário do período colonial na Amazônia, é talvez a mais forte referência da região, nesta obra de Milton Hatoum. Nas palavras de Gandier (2009, p. 1), o autor amazonense não teve o propósito de transformar esta referência no tema central da novela, mas teve a ideia de “perspectivá-lo como um elemento narrativo que possui ressonâncias

universalizantes, próprias dos mitos e de suas implicações no imaginário social” (GANDIER, 2009, p.1). Além disso, continua a autora, ele submete a narrativa à “moldura de criação de outras lendas nativas da região amazônica, conferindo marcas de singularidade à obra, justamente pela apropriação do imaginário mitológico de diversas etnias” (GANDIER, 2009, p. 2).

O *insulamento* e o *desamparo* comparecem mais uma vez dentro do imaginário amazônico, por meio das lembranças de Arminto. Percebe-se uma incapacidade de Arminto, em libertar-se de questões pessoais vividas em seu meio social e sentimental, que o impedem de transcender. O discurso entre a realidade esvaziada de sentidos e sobrecarregada de lembranças ativa a sensação de estar em uma ilha oceânica, rodeada de crises que se descortinam em experiências de solidão e de rejeição. Nas lembranças, pensamentos, melancolia e uma insuportável solidão. Todas essas sensações cabem dentro do *insulamento* do ser. Esse é o ponto principal, o insular, que explica e permeia o esvaziamento de sentido da vida de Arminto. Segundo a análise de Camon (1990), “a solidão desperta sentimentos difíceis de ser incluídos no rol de uma análise que não seja pormenorizada” (CAMON, 1990, p. 8).

Para este autor, a solidão está até mesmo, na maioria das vezes, associada com o desespero, o sofrimento e o suicídio. Como algo inerente ao ser humano, Camon (1990, p. 28) diz que o próprio enfrentamento da solidão depende de cada um. No caso de Arminto, a maneira como ele enfrentou a solidão foi assim: melancólico a maior parte do tempo, envelhecendo em estado de penúria, entregue à própria sorte.

[...] Mas, quando vi Florita empurrando um tabuleiro com rodas de madeira, percebi que ela não morava mais no palácio branco (HATOUM, 2008, p.82).

[...] Na tua cabeça só cabe fantasia, Arminto. E nos bolsos, sobrou algum dinheiro? Não sobrou nada, não é? Perdeste o palácio branco e a Boa Vida. Perdeste tudo! (HATOUM, 2008, p.83).

[...] Estranharam a presença de um homem com olhos tristes no rosto pálido, e roupa velha (HATOUM, 2008, p.93).

Nas frases em destaque, encontra-se o *desamparo* em Florita. E o empobrecimento de Arminto, além de deixá-lo desamparado, transbordou e atingiu a índia. Arminto perdeu todo o patrimônio do pai. Nesta obra, a linguagem narrativa de Arminto é a pele que contorna o

desamparo, este intimamente ligado ao sentimento de solidão e à situação de *insulamento*, vinculado à falta de forças em tentar suprir as necessidades do ser não satisfeitas, assim como, o movimento memorialístico entre saudade, orfandade, amor perdido e miséria dá a ele a possibilidade de viver entre o passado e o presente, atormentado entre imagens e arquétipos que se desmancham em uma vida triste e inexpressiva.

[...] E eu envelhecido sobrava. Então me afastei do mundo. Queria o silêncio. Voz, a minha, para mim. Assim eu podia pensar no silêncio de Dinaura. O silêncio escondia alguma coisa obscura? Nenhuma palavra, nenhum som, essa mudez crescia e parecia uma faca que me ameaçava, cortando meu sossego (HATOUM, 2008, p.92).

Voltando à temática da solidão, Camon (1990, p.17), afirma que esta nunca é excluída dos espectros que avassalam a vida do homem contemporâneo. Para ele, vivemos num mundo, cujo sofrimento e o desespero fazem parte do cotidiano. E que a dor existencial é algo mais do que uma simples abstração teórica e insólita à nossa própria realidade. E ele continua:

E até mesmo muitos dos sofrimentos físicos relacionam-se diretamente com a nossa forma de vida. É o contraponto que a vida nos dá, propiciando momentos arrebatadores, e igualmente apresentando o desespero do isolamento e da constatação de ser só (CAMON, 1990, p. 17).

Em Nietzsche e Heidegger, assim como em Freud, a visão de solidão é inevitável à condição humana. Para Heidegger (2001, p. 141) a noção de ser para a morte efetiva a vida humana como solitária, pois somente cada sujeito poderá viver essa experiência. Para Nietzsche (2008, p. 210-215), a solidão é algo de heroico, visto que o sujeito pensa e age por si mesmo, desbravando a ordem do tempo, escolhendo os valores sociais que ultrapassam os ditames do ser. Esse filósofo acredita que a solidão é um dispositivo fundamental para o desenvolvimento interior humano.

No entanto, para Camon (1990, p. 70) é “na velhice que a solidão apresenta uma de suas facetas mais desesperadoras”. E acrescenta: “é comum, inclusive, a associação direta da solidão com a velhice. Existe toda uma propulsão social no sentido de considerar até mesmo como normal o sofrimento legado ao ‘velho’ pela solidão” (CAMON, 1990, p. 70). Arminto fala sobre essa situação, nos seguintes discursos:

[...] Quando cochilava depois do almoço, acordava com uma voz que me perguntava se era eu mesmo que estava debaixo da chuva, rindo ou chorando, com as mãos cheias de flores (HATOUM, 2008, p.93).

[...] Eu olhava o brilho inútil das estrelas, bebia, às vezes dormia aqui mesmo, na umidade do sereno. E quantos pesadelos: naufrágios que nunca terminavam (HATOUM, 2008, p.96).

A sensação de estar ilhado acompanha Arminto ao longo de sua vida. Vem a ser uma representatividade de seu próprio existir. Um existir no final de sua vida é quase sem sentido; um vazio existencial, depois de uma vida inteira de sofrimento. Simone Weil (1991, p.36), chama a atenção para o sentir que, segundo ela, é sempre sofrer. No entanto, diz ela, “o fato de sentir não nos informa absolutamente nada sobre o mundo e sobre nós mesmos” (WEIL, 1991, p. 36). Para Camon (1990, p.3), a solidão enquanto “o sentir”, é vista como uma forma de alienação. No entanto, enfatiza ele, “uma alienação pode modificar os resultados de uma ação, porém não sua realidade profunda” (CAMON, 1990, p.3). Essas considerações são apresentadas nos exemplos abaixo.

[...] Repeti as palavras, olhando o Amazonas e as ilhas (HATOUM, 2008, p.96).

[...] Ela foi morar no povoado da ilha, o Eldorado, disse Estiliano. [...] A ilha fica a poucas horas de Manaus. Dinaura deve estar no Eldorado (HATOUM, 2008, p.99).

[...] Viajei numa embarcação velha: um vapor do Mississipi, o último que navegava na Amazônia. Pendurei no pescoço o olho de boto que ganhei de Florita e enfiei no bolso da calça a fotografia de minha mãe, Angelina. [...] Aquela podia ser a viagem da minha vida, ao coração esquivo da mulher que eu amava (HATOUM, 2008, p.100).

[...] E a paisagem da minha infância reacendeu minha memória, tanto tempo depois. Costelas de areia branca e estirões de praia em contraste com a água escura; lagos cercados por uma vegetação densa; poças enormes, formadas pela vazante, e ilhas que pareciam continentes (HATOUM, 2008, p.101).

Sobre o universo de Manaus e da Amazônia, nos fala Gandier (2009, p.3), Hatoum vem elaborando um constante exercício autocrítico cuja ênfase é não conferir à questão regionalista uma importância maior da que suas obras retratam. Embora Gandier (2009) tenha afirmado isso em artigo que escreveu sobre esta obra de Milton Hatoum, é inegável a força da temática amazônica, em *Órfãos do Eldorado*, assim como a constante descrição da paisagem

panorâmica e exótica, da região. Algo que agrega um importante valor à trama, servindo como pano de fundo, o cenário exuberante da região.

A viagem que Arminto faz em busca da mulher amada, somente acentuou seu *desamparo*. Solitário e sem recursos, ele não pode escapar à própria sorte. Não há saída, não há mais esperança de uma vida feliz. Ao chegar à ilha de Eldorado, caminha no meio da mata silenciosa e misteriosa. Até que chega a uma casa. No último trecho da narrativa, Arminto termina de contar a sua história a um viajante que pediu água e sentou à sombra do jatobá para ouvir a narrativa de um velho pobre, triste e solitário.

[...] Voltei para Vila Bela e fiquei escondido aqui. [...] Ninguém quis ouvir essa história. Por isso as pessoas ainda pensam que moro sozinho, eu e minha voz de doido. Aí tu entraste para descansar na sombra do jatobá, pediste água e tiveste paciência para ouvir um velho (HATOUM, 2008, p.103)

O penoso mergulho de Arminto no subterrâneo do *insulamento* mostra-se como uma tentativa de arquitetar um entendimento distinto sobre a sua própria existência. Em acréscimo, esse afundar-se na escuridão do *desamparo*, remete a todos os desacertos falados durante toda a narrativa. A imersão às profundezas escuras do próprio passado faz com que o interior deste personagem aceite a recusa e a incapacidade de sair de um destino trágico.

No capítulo seguinte, as categorias de *desamparo* e *insulamento* serão trabalhadas à luz da Psicanálise Freudiana, apresentando o trauma, a angústia e a solidão como constituições do desamparo enquanto categoria psicanalítica. Sobre as teorias da Angústia em Freud, foram considerados dois momentos principais: o primeiro em 1916-1917, teorizada como um afeto que incide posteriormente em relação ao recalque, e a angústia como princípio regulador do aparelho psíquico, desejoso da obtenção de prazer.

Outros conceitos fundamentais articulados com a solidão serão levantados, para compreender o trauma, a angústia e a solidão, expressas nas obras literárias em análise, assim, como o *desamparo* estará presente neste momento, partindo da perspectiva de ser “uma experiência estruturante da subjetividade e da condição humana”, para entender o *desamparo* como agregador de afetos e de sentidos.

2. O DESAMPARO À LUZ DA PSICANÁLISE FREUDIANA

2. 1. Trauma, Angústia e Solidão: constituições teóricas do Desamparo

No capítulo anterior, verificou-se que tanto em *A Ilha da Ira* como em *Órfãos do Eldorado*, a situação traumática que desencadeia sentimentos de angústia e solidão aprofunda-se nos sujeitos. Esses sentimentos possuem impactos devastadores nas vidas das personagens nas duas obras. As personagens de *A Ilha da Ira* não conseguem compreender o motivo que os levou a naufragar e nem entender como chegaram até a ilha. Fato que desencadeia o primeiro trauma e, assim, desencadeia os sentimentos de impotência, medo e de falta de esperança, levando os sujeitos aos estados de angústia e solidão. Em *Órfãos do Eldorado*, os sentimentos de angústia e solidão estão presentes em toda a narrativa. A obra inicia com o desaparecimento da Dinaura. Arminto Cordovil, protagonista, fica durante muito tempo na beira do rio Amazonas esperando a volta de seu amor. Na cena fica explícito o trauma e a orfandade, além de outros afetos nucleares da narrativa.

A solidão, enquanto configuração da ausência do Outro, foi apontada como um fator de extrema importância, tanto na vida como na obra literária. Sendo assim, ela se encaixa como uma das principais categorias do *desamparo*. Nas duas obras, o trauma, a solidão e a angústia estão associados ao sofrimento intenso das personagens. O isolamento e os maus tratos, em *A Ilha da Ira*, provoca nos naufragos sensações avassaladoras de aniquilamento do ser. Em *Órfãos do Eldorado*, o personagem central, Arminto Cordovil, passa a vida inteira em estado de profundo sofrimento, em meio às ruínas vividas.

Sigmund Freud (1996) fala da angústia e do trauma como representações que chegam à consciência de forma distorcida, por meio de sonhos, sintomas ou negações. Tudo isso está presente nas duas narrativas. Percebe-se que o trauma subverte os registros psíquicos das experiências humanas, pois transita sob as ressonâncias de pavor enraizado pelo trauma no psiquismo. É a partir dos estudos da psicanálise que será possível entender o trauma, a angústia e a solidão como constituições do *desamparo* e como problemas próprios da condição humana.

De acordo com a raiz etimológica grega, o termo *trauma* significa lesão causada por um agente externo. O termo é usado amplamente na medicina, em contexto de cirurgia, para designar o local que precisa de cuidados, sejam eles de caráter mais simples ou complexo. Ao se considerar as contribuições freudianas, a partir dos anos 20, trauma passará a ser entendido

como um afluxo pulsional excessivo, sobrepondo-se à capacidade do psiquismo de ligá-lo e elaborá-lo.

A definição de Trauma, segundo o Dicionário Aurélio (HOLANDA, 2010, p. 142), tem a ver com uma desagradável experiência emocional de tal intensidade, que deixa uma marca duradoura na mente do indivíduo; os psiquiatras acreditam que as experiências traumáticas ocorridas na infância levam, às vezes, à manifestação de sintomas neuróticos posteriores, produzindo efeitos na personalidade adulta. O estudo desses traumas ocorridos na infância desempenha importante papel no tratamento psiquiátrico que se dispensa às pessoas emocionalmente doentes; esses aspectos estão relacionados com as perturbações causadas por uma lesão física.

A partir da experiência de Sigmund Freud (1996), numerosos autores têm avançado na pesquisa sobre a categoria do trauma, defendendo ser esta a experiência traumática irrepresentável, ou seja, diretamente ligada à dimensão “intransmissível”, aliando o vivido traumático ao indizível. Assim, ao articular os aspectos psicológicos, Freud (1996) define o trauma como:

Uma experiência vivida que leva à vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou elaboração, pelos meios normais e habituais fracassa, o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético (FREUD, 1996, p. 275).

O trauma recebeu de Sigmund Freud (1996) o estatuto de conceito, permeando todos os estudos do autor desde a sua origem e abordado em três principais etapas que expressam as diferentes maneiras de compreender esse conceito discutido nas seguintes obras: *Projeto para uma psicologia científica* (1980), *Estudos sobre a histeria* (1980), *Além do princípio do prazer e Inibições, Sintomas e Angústia* (1996). Na primeira fase refere-se ab-reação e está ligado aos estudos da histeria. Na segunda fase, o autor aprofunda o tema nos estudos da neurose, referindo-se à lembrança permanente e dolorosa. Na terceira e última fase, que fundamenta este estudo, trauma é compreendido como ruptura, na qual estão presentes todas as fases anteriores somadas ao sentimento de *desamparo* e angústia. Assim, [...] “O que é temido, o que é o objeto de ansiedade, é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio do prazer” (FREUD, 1996, p. 96-97).

Ana Beatriz Favero (2009, p. 17), em sua tese de doutorado “A noção de trauma em Psicanálise” aborda nos ‘*estudos sobre a histeria*’, o que Freud falou sobre sintomas advindos

como resultado das neuroses traumáticas e mais especialmente das histerias traumáticas. Ela explica ser nesse contexto que Freud introduz a noção de trauma, como motivo capaz de desencadear manifestações patológicas. Segundo Favero (2009, p. 17), Freud defendeu que nas neuroses traumáticas, a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante, mas o afeto do susto – o trauma psíquico. Ele cita os sintomas histéricos, como causas desencadeadoras sendo descritas como traumas psíquicos. “E qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos – tais como o susto, angústia, vergonha ou dor física, pode atuar como um trauma dessa natureza” (FREUD, 1987, p.43).

Esta autora explica que Freud (1892 – 1894) assinala como ponto central de um ataque histérico, a existência de lembranças alucinatórias de uma cena significativa para o desencadeamento da doença. E para ele o conteúdo da lembrança, “ou é um trauma psíquico capaz de provocar a eclosão da histeria no paciente, ou um acontecimento que, devido a sua ocorrência em um momento particular, tornou-se um trauma” (FAVERO, 2009, p. 18).

Como se percebe, nos primeiros textos freudianos a noção de trauma psíquico está estreitamente relacionada à teoria da histeria, por “transformar-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora” (FREUD, 1996, p. 220-222). Logo, diz Favero (2009, p. 19), a definição de trauma psíquico implica uma perspectiva freudiana, na ideia de um choque violento, de uma efração sobre o aparelho psíquico e também das consequências sobre o conjunto das organizações psíquicas. Em contrapartida, continua ela:

Nas décadas de 1880/1890, a disposição congênita para a dissociação de um segundo grupo psíquico tem um peso importante na caracterização dos motivos pelos quais uma experiência se torna traumática para certo indivíduo, explicando porque um acontecimento pessoal e real da história do sujeito foi vivenciado como algo que altera o fluxo de excitações do psiquismo, provocando transtornos energéticos transitórios ou efeitos patogênicos duradouros (FAVERO, 2009, p. 19).

Em suas análises, Favero (2009), segue explicando que numa concepção econômica, “o trauma está relacionado a uma ausência de *ab-reação*, de um afeto que permanece estrangulado, na medida em que há uma dissociação das ideias correspondentes a ele da consciência” (FAVERO, 2009, p. 19). Neste sentido, “o afeto estrangulado é vivenciado como desprazer que economicamente compromete a homeostase do aparelho” (FAVERO, 2009, p. 19). Ela explica:

Frente à situação traumática, o sujeito não é capaz de reagir com uma resposta que lhe permitiria descarregar os afetos mobilizados pelo acontecimento, ou através da associação, porque as ideias ligadas ao acontecimento estão excluídas do comércio associativo com as ideias conscientes. Dessa forma, as memórias do trauma ficam carregadas de afeto represado, e se comportam como um verdadeiro corpo estranho no psiquismo (FAVERO, 2009, p. 19).

Para se reconhecer como trauma um evento específico para alguém, devem estar presentes condições objetivas, diz Favero (2009, p. 19), assim como se deve levar em consideração a suscetibilidade particular de determinada pessoa ao trauma. Segundo ela, “acontecimentos que isoladamente não constituem um trauma podem, em seus efeitos e por adição, ter valor traumático” (FAVERO, 2009, p. 19). Além do fator constitucional, continua ela:

Freud dará cada vez mais valor a outros fatores: a própria natureza de um acontecimento pode excluir uma *ab-reação* completa, mas exigências sociais que não permitam uma reação adequada por parte do sujeito, como também conflitos psíquicos que dificultem a integração da experiência ocorrida na personalidade consciente do sujeito são garantidores do valor traumático do acontecimento. Esse último aspecto é o que gradativamente assumirá a dianteira nas considerações freudianas. Trata-se de uma defesa contra certas ideias que provocam o conflito psíquico, por serem incompatíveis com aspirações éticas do sujeito ou com outros motivos. É a defesa que Freud invocará, cada vez mais, para explicar porque certas ideias tem seu acesso à consciência negado (FAVERO, 2009, p. 20).

Segundo Favero (2009, p. 20) a primeira teoria do trauma e da *ab-reação* foi reconhecida desde os primeiros escritos sobre a histeria, quando Freud desenvolveu estudos sobre o trauma psíquico. Ela cita Freud: “como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação” (FREUD, 1987, p. 44). E só mediante a hipnose e com:

A vinda à consciência das ideias anteriormente dissociadas e a reação afetiva correspondente, poderá se tornar passado. Neste sentido, o trauma continua provocando efeitos no psiquismo, como se ainda estivesse presente, ponto muito importante e que caracteriza a primeira teoria do trauma – o trauma como afeto estrangulado (FAVERO, 2009, p. 20).

Ao falar da relação das neuroses traumáticas com a guerra, Favero (2009, p. 36), diz que a ideia - de neurose traumática pós-guerra - é retomada por Freud, entre os anos 1915-

1920. “Isso se deve aos casos de neurose que resultavam de acidentes dolorosos recentes ao período da guerra – resultam de uma fixação no momento do acidente traumático” (FAVERO, 2009, p. 36). Este “passará a ser reeditado nos sonhos e a ressurgir em ataques histeriformes que transportam repetidamente o sujeito para a situação do trauma, como se fosse impossível superá-la” (FAVERO, 2009, p.36).

Favero (2009, p.37) ao retomar o pensamento de Ferenczi (1993, p. 27), reafirma que a primeira guerra mundial multiplicou os casos de pessoas afetadas por neuroses traumáticas, ligadas essencialmente a acontecimentos violentos. Os sujeitos ao serem confrontados com incidentes insuportáveis, repetiam a cena traumática, revivendo-a regularmente em sonhos, numa tentativa de cura espontânea do paciente. Segundo Freud, é “como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda estivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada; e levamos muito a sério esta impressão” (FREUD, 1976, p. 325). Ela ainda conclui o pensamento de Freud sobre isso:

Mostra-nos o caminho daquilo que podemos denominar de aspecto econômico dos processos mentais. Realmente o termo ‘traumático’ não tem outro sentido senão o sentido econômico. (...) Assim, a neurose poderia equivaler a uma doença traumática, e apareceria em virtude da incapacidade de lidar com uma experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso (FREUD, 1976, p. 325).

Esta autora ao estudar a teoria freudiana, percebe que a noção do trauma “permite, desse modo, questionar a realização de desejos como único motor dos sonhos e o princípio do prazer como organizador exclusivo da dinâmica psíquica” (FAVERO, 2009, p. 38). E o propósito do sonho traumático passa a se referir à cena insuportável, na tentativa de promover uma elaboração psíquica que possibilite o restabelecimento do princípio do prazer. Porém, “sendo verdadeira a tese freudiana segundo a qual os sintomas podem ser tratados pela fala. Para que isso ocorra, é necessário que haja uma modificação interna no paciente” (FAVERO, 2009, p. 38). Esta se efetua, segundo Freud, “através de uma parcela de trabalho psicológico orientado para um objetivo determinado” (FREUD, 1976, p. 332).

O acontecimento traumático em *Órfãos do Eldorado* é a morte de Angelina, mãe de Arminto Cordovil, no momento de seu nascimento. O próprio nascimento já configura uma necessidade originária, pois a angústia se instala quando a criança se separa da mãe, angústia esta resultante de uma *falta*. Mas no caso de Arminto o personagem vive duplamente essa experiência da *falta*: como separação originária do Outro, por vir ao mundo; e por ter perdido a mãe em razão da morte física desta. Ao longo de sua existência, na medida em que as

separações – contínuas faltas – vão ocorrendo, essa *falta* se mantém latente, transformando em um drama que Arminto encena com rigor masoquista. Essas condições são suficientes para corroborar a ideia de Freud, ao falar de uma experiência emocional com intensa carga traumática, um choque violento que terá consequências graves sobre o aparelho psíquico do ser. Pode-se dizer que se trata do afeto estrangulado, referido por Freud. Arminto, após o seu nascimento e a morte de sua mãe, tem seu afeto represado, mas sem ter consciência dessa questão. Além de tudo, permaneceu ignorado pelo pai a vida inteira, fazendo com que suas memórias se transformassem naquilo que Freud chamava de “corpo estranho no psiquismo”.

Em *A Ilha da Ira* o acidente traumático é o naufrágio do navio que leva os atores de teatro para encenarem um espetáculo no imponente teatro Amazonas, na cidade de Manaus. O navio não chega ao seu destino e afunda nas proximidades de uma ilha, e a partir daí o elenco inteiro da companhia de teatro passa por momentos extremos, o que Freud postulou como “neuroses traumáticas”, sendo aquelas ocasionadas por acontecimentos violentos.

O texto acima refere-se à guerra como um acontecimento traumático do qual decorre a neurose. Mas na trama de *A Ilha da Ira*, a neurose é desencadeada pelo grupo de náufragos em decorrência, em primeira instância, do naufrágio; e em segunda instância, dos maus tratos e arbitrariedades impostas por uma “regulação” autoritária de estado, por meio da personagem Velha. A neurose das personagens cabe dentro de uma “doença traumática” generalizada, do grupo de teatro, a que o texto acima chama de “incapacidade de lidar com uma experiência cujo tom afetivo é excessivamente intenso”.

Sobre as teorias da Angústia, em Freud, Pisetta (2008, p.405), considera dois momentos principais: o primeiro em 1916-1917, que foi teorizada como um afeto que incide posteriormente ao recalque, e num segundo momento, a partir de 1926, quando ela é considerada um afeto anterior e causador do recalque. Neste segundo momento, afirma Pisetta (2008), a angústia é um “princípio regulador do aparelho psíquico, que quer a obtenção de prazer e a evitação de desprazer, faliu em sua ação. Ela é, pois, um anúncio da falência do princípio de prazer-desprazer, já que é percebida essencialmente como desprazerosa” (PISETTA, 2008, p.405).

A respeito deste segundo momento, Pisetta (2008, p.406), indaga: por que Freud postulou a angústia como algo que incidia antes mesmo do recalque? A autora diz que até 1926, Freud definia angústia como um afeto que tomara essa tonalidade devido ao recalque. Por outro lado, explica ela, destaca-se nitidamente seu caráter de ‘moeda corrente’ “como um afeto que serviria para tudo, pelo qual seria trocado qualquer afeto, desvinculado de sua ideia original após a separação efetivada pelo recalque” (PISETTA, 2008, p.406).

Neste primeiro momento, a angústia seria um anúncio ou uma denúncia de que o “eu” negara acesso a alguma representação inconsciente. Dessa forma, ao mesmo tempo em que “ela velava uma realidade, a da castração, ela a exibia. Havia ali ocorrido algo que não devia ocorrer novamente: a entrada de uma representação inconciliável, que denunciava a castração” (PISETTA, 2008, p.406).

A questão principal imiscuída aqui, diz Pisetta (2008, p.406), é a da origem do recalque, e, em consequência, da neurose. A autora nota um interesse essencial na “defesa”, que no livro “Inibições, Sintomas e Angústia” toma caráter de intervenção contra as moções pulsionais edípicas. Ela explica que em 1916, Freud já relacionava a angústia como um ponto no qual convergiam os mais diversos e importantes problemas. Um enigma cuja solução iria projetar intensa luz sobre toda a vida psíquica do ser humano.

Freud vê a angústia como o centro de suas investigações, tanto que deriva dela até mesmo o sintoma. Pisetta (2008) explica que suas relações com o recalque já estão “definitivamente demarcadas na primeira tópica e se aprofundam na segunda visão do aparelho psíquico” (PISETTA, 2008, p.406). A angústia, segundo Freud, é um afeto. E como afeto, “é definido como algo que chega à consciência e provoca uma sensação. É, portanto, *algo que se sente*” (PISETTA, 2008, p.406). Pisetta ressalta ainda que Freud considerou que não se pode falar em afetos inconscientes em virtude de sua essência perceptiva:

Considerar a angústia, sobretudo um afeto demonstra que não se pode considerá-la apenas algo provindo do recalque, portanto simbólica (nesse momento teórico, obviamente); mas algo que, acima de tudo, afeta. Essa contradição na definição (ser um afeto e, ao mesmo tempo, ser derivada do recalque) instrumentalizará a segunda teoria da angústia e a noção de sinal (PISETTA, 2008, p.406).

Para Freud, a angústia tem um caráter claro de desprazer e, além disso, vem sempre acompanhada de sensações físicas, “como distúrbios respiratórios e cardíacos, indicadores de seu caráter motor” (PISETTA, 2008, p.407). Por este último, diz a autora, “ganha importância à apreciação do caráter econômico na teorização da angústia, já que há uma intrínseca relação entre a descarga afetiva (que caracteriza a angústia) e a inervação motora” (PISETTA, 2008, p.407). Ela chama a atenção ainda para o fato de que, quando o homem se remete à angústia, precisa se considerar a quantidade de energia circulante no psiquismo. Contudo, diz ela:

Se se trata do eu, notamos a implicação obrigatória da percepção desses atos motores para que a angústia possa se fazer notar na consciência. Assim, se analisarmos a fisiologia da angústia,

encontraremos um aumento de excitação que encontra seu alívio em uma descarga motora. Em última instância, é na angústia que o ato encontra sua força energética [Freud, 1923/1976] (PISETTA, 2008, p.407).

Segundo Pisetta (2008), Freud falaria ainda do “ponto de vista histórico, que uniria, filogeneticamente, as sensações provenientes da angústia a tais inervações. O protótipo de situação a qual isso ocorreria seria o trauma do nascimento” (PISETTA, 2008, p.407). Os estados de angústia seriam, então – segundo esta autora – uma reprodução de tal evento traumático. Na primeira teoria da angústia explicada por Freud, foi dito que ela seria posterior ao recalque, por se manifestar como um processo alicerçado na sensação do desprazer. Freud postula o desprazer como base do recalque. Para Pisetta (2008, p.408):

O desprazer relativo ao processo de recalque indica que o princípio do prazer está ligado ao controle de estímulos. O princípio do prazer é a modificação de uma realidade primária, uma inércia, que equivale para Freud ao prazer absoluto, ou seja, à ausência de estimulação. Ele é acionado para dar conta de uma quantidade de excitação não-ligada e constitui uma forma de modificação de uma realidade primária de excitações traumáticas e desamparo absoluto (PISETTA, 2008, p.408).

O princípio de realidade, diz a autora em questão, é uma segunda fase para a continuidade da obtenção de prazer e, como seu predecessor, utiliza vários expedientes para alcançar sua meta. Ela diz que em primeiro momento, a angústia é vista “como uma amostra de que ali houve uma luta incessante, concluída pelo recalque, para evitar a entrada de uma moção inaceitável que geraria mais desprazer do que a própria manifestação da angústia na consciência” (PISETTA, 2008, p.408).

Vê-se, portanto, que Freud relacionou o princípio do prazer com a Angústia, neste primeiro momento teórico. Entretanto, Pisetta (2008, p.408) indaga: de qual recalque se trata a teorização da Angústia? E ao tentar responder, ela argumenta que Freud propõe uma divisão do recalque, compreendendo: uma primeira fase ou recalque primitivo, uma segunda fase, ou recalque propriamente dito, e uma terceira fase, ou retorno do recalcado, que seria, segundo o próprio discurso de Freud, em (FREUD, 1976, p. 171):

Uma primeira fase de repressão, (que) consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e o instinto permanece ligado a ele (PISETTA, 2008, p.408).

Esta autora procura explicar ser o recalque primário a marca da divisão, uma vez que “ele estabelece o limite em que há prazer para um determinado polo de representações de atração libidinal, e, concomitantemente, desprazer para outro. Assim, o recalque primário incide exatamente no cerne da divisão que inaugura um sujeito” (PISETTA, 2008, p.408). O objetivo de Pisetta (2008, p.409), ao tratar da primeira teoria da Angústia, em Freud, foi demonstrar a busca de um lugar para este afeto. E este lugar, segundo ela, restringe-se à sua “manifestação fenomenológica, já que ela se mostra, na clínica, posterior ao recalque, incidente no momento mesmo do recalque secundário. Freud a postula, assim, como um dos destinos do afeto, atravessado pelo recalque” (PISETTA, 2008, p.409).

A angústia em seu caráter fenomenológico pode ser vista, na segunda tópica, com mais rigor, se considerado o seu caráter lógico. E ao falar da mudança paradigmática do conceito de Angústia em Freud (como algo anterior ao recalque), Pisetta (2008) destaca algumas considerações, a saber: “a análise da fobia como o protótipo da neurose, o EU como a sede e o produtor da angústia (porque ela é eminentemente algo que se sente) e, finalmente, a concepção de um perigo real ou percebido como tal” (PISETTA, 2008, p.409).

Ao tentar articular estas considerações, Pisetta (2008, p.409) dirá num primeiro momento que as relações estruturais entre os conceitos de angústia e recalque em Freud obedecem a uma lógica tomada pelo estudo das defesas da fobia como primordial para sua remodelação. Em seguida ela explicará que:

Retomando sua análise de Hans, Freud (1909/1976) vai ratificar suas conclusões acerca do perigo experimentado por Hans. Nesse sentido, ele destaca que a criança acredita que pode ser castrada pelo pai, e é aí que a angústia, como anterior, terá seu peso de empuxo ao recalque do desejo incestuoso pela mãe. Desse modo, torna-se necessária a consideração da angústia como anterior ao recalque. Como o perigo (a castração advinda do pai, aqui representado pelo cavalo) é repensado por Freud em termos de um *perigo real*, destaca-se que não há, *ainda*, recalçamento quando da incidência da angústia. Nesse sentido, o *eu*, não “preparado” para o perigo, se angustia, mobilizando a defesa do recalque (PISETTA, 2008, p.410).

Freud não deixa de acentuar que a fobia é uma neurose, pois o objeto temido é constituído a partir da projeção, enfatiza Pisetta (2008, p.410). Segundo ela, “a fobia é tomada como modelo, protótipo da neurose, nesse sentido, à medida que o objeto (que produz medo e reação de fuga), como nos diz Freud, é um substituto do pai” (PISETTA, 2008, p.410). E nestas, e, sobretudo por isso – diz ela, ser mais claro o processo pelo qual a angústia é anterior ao recalque em função do perigo da castração ser percebido como real.

Quanto ao segundo tópico, esta autora informa que a questão fundamental na demarcação da operância do EU em relação à Angústia, é delimitar como se dá o processo do recalque sob a influência daquela:

Freud diz que o eu percebe uma exigência pulsional que recriaria uma situação de perigo já experimentada; assim, o eu se prepara para evitá-la, retirar-lhe a força. Mas o *eu* não possui essa força, sendo fraco diante da insistência do isso. Freud ressalta que, nessa situação de enfrentamento, o *eu* se serve do que possui, recria em seus domínios uma pequena mostra do que seria a satisfação pulsional e assim permite a revivência da sensação desprazerosa. Dessa forma, o princípio do prazer é colocado em cena, efetuando o recalque da moção pulsional perigosa por intermédio do sinal do *eu*. É então em referência a um perigo superior que o *eu* produz o recalçamento, dirigindo-se a outra ordem que não a sua (PISETTA, 2008, p.413).

De acordo com Pisetta (2008), a concepção de que o *eu* é a sede da angústia é definitiva na teoria freudiana, “embora seja mais elaborada com a concepção de que a angústia do *isso* – ou angústia automática – é um fundo que pode fazer o *eu* produzir o sinal” (PISETTA, 2008, p.415). Ela ressalta a afirmativa de Freud de que o recalque originário e os posteriores são motivados por uma angústia do *isso*.

A referida autora entende ser necessário saber qual relação Freud postula entre a Angústia e seu objeto causador. E explica “com a suposição de que é o *eu* a sede e o produtor da angústia, a questão do objeto toma mais forma” (PISETTA, 2008, p.415). Ela então faz a seguinte pergunta: se é ele que produz angústia, embora seguindo um modelo marcado no inconsciente, ele a produz diante de que objeto? E procura então responder:

Há uma anterioridade das marcas deixadas pela angústia em relação ao sinal no *eu*. Vemos, com isso, que o objeto da angústia é, de certa forma, tanto atual (percebido pelo *eu* em sua atualização) quanto antigo (que deixou marcas psíquicas de desestruturação do escudo protetor e promoveu a clivagem inaugural da subjetividade). Há aí um encontro tanto anterior quanto posterior. Em contrapartida, toda a noção do objeto na teoria freudiana se alicerça nos efeitos simbolizantes do recalçamento, com a produção dos substitutos. Nesse sentido, se há um objeto para a angústia, ele não pode ser considerado a partir dos efeitos do recalque (PISETTA, 2008, p.415).

Finalizando, ela diz que: “o objeto em Freud é entendido como decorrência do recalque, recalque esse que é uma defesa contra o traumático que deixa as marcas da angústia como herança” (PISETTA, 2008, p.415). Um objeto é composto, a partir do recalque, de uma nomeação, de uma apropriação pela linguagem, continua a autora. “Tal conformação o torna

passível de múltiplos sentidos, e cada sentido circunscreve um campo semântico possível” (PISETTA, 2008, p.415). Para essa autora, considerar o objeto algo posterior, algo possível apenas a partir do recalque com a instauração do psiquismo, encontra eco na pressuposição de seu trabalho, baseado no texto de “Inibições, Sintomas e Angústia”, em que o próprio Freud afirma: “a angústia tem inegável relação com a expectativa: é angústia por algo! Tem uma qualidade de *indefinição e falta de objeto*” (PISETTA, 2008, p.415). Ela então indaga novamente:

A coerência com a premissa que ele estabelece neste texto, a saber, “a angústia é anterior ao recalque”, o leva aqui, invariavelmente, a ter de considerar a ausência do objeto, como ele o entende, nessa relação inicial. Para nos repetirmos: Como pode haver objeto sem recalque? A indefinição de que nos fala, como característica inalienável da angústia, só pode ser por nós entendida como aquela que é forçosamente colocada de lado pelo recalque, para instauração da defesa (PISETTA, 2008, p.416).

O trauma sofrido pelo grupo de teatro - composto pelo naufrágio do navio Adamastor – refere-se à experiência de tom afetivo excessivamente intenso, e explica-se que é “afetivo”, porque a angústia - que tomou conta de todos os seres náufragos, após o trauma - é um afeto, segundo Freud. E a Angústia, como está explicado no texto acima, é um ponto no qual iriam convergir os mais diversos problemas, sobre a vida psíquica dos seres humanos.

A autora do texto acima argumenta bem sobre os dois momentos em que a angústia se relaciona ao recalque, e ao relacionar com as obras em estudo, ao segundo momento, em que Freud postula a angústia como sendo um afeto anterior e causador do recalque. Em *A Ilha da Ira*, como já foi falado, após o naufrágio que ocasionou o trauma, veio a angústia intensa de todo o grupo de teatro. E essa angústia (que se instalou tentando avisar o grupo do que iria acontecer, mas estes não compreenderam) os levou diretamente ao recalque. É preciso se referir aqui ao recalque como aquilo que, após o trauma marcante e, conseqüentemente, seu conteúdo penoso, é algo que fica arquivado no inconsciente. Na trama de *A Ilha da Ira*, o trauma (o naufrágio) gerou a angústia e o recalque no inconsciente das personagens.

Em *Órfãos do Eldorado*, é possível relacionar a angústia do personagem Arminto Cordovil, com o que Freud chamou de “um caráter claro de desprazer”. E esse desprazer, provocado pela angústia da personagem atormentada, é o afeto que chega à consciência e provoca uma sensação. Mas, partindo da teoria freudiana sobre a angústia e sua relação direta com o recalque, podemos entender então que na trajetória de Arminto, segundo consta no

texto acima, tanto o recalque originário como os posteriores do personagem, são motivados por uma angústia do *isso*.

E o que seria o *isso* na narrativa de Hatoum? Seria o objeto causador da angústia, a que Freud se refere? O objeto que, segundo o psicanalista, é uma decorrência do recalque – recalque esse alojado no inconsciente da personagem, após o grande trauma sofrido no seu nascimento, no qual deixou marcas profundas da angústia como herança. Neste caso, como bem falou Freud, não se pode considerar a angústia apenas como algo provindo do recalque, mas algo que, acima de tudo, afeta o ser.

O texto “Caminhos e Descaminhos da Solidão”, escrito por Carneiro (2007, p. 19), publicado na revista Cadernos de Psicanálise – SPCRJ (Rio de Janeiro, v. 23, n. 26, p. 17-34, 2007), aborda a constituição do sujeito perpassada pela solidão. Tem como referências teóricas Freud, Lacan e as contribuições do núcleo de estudos Piera Aulagnier. Pensa a solidão como um sentimento que acompanha a angústia do nascimento, levando o sujeito a buscar sempre a unidade perdida. Aponta para os caminhos e descaminhos que o sujeito pode tomar para administrá-la. A criatividade, a produção de obras de arte e a literatura numa relação saudável com o outro, ou em contrapartida, a droga, a paixão, a loucura e a morte.

A autora deste artigo (2007) faz parte do núcleo *Piera Aulagnier*, e afirma que Freud, em “Mal Estar da Civilização” (1930), atenta para a ambivalência habitada na busca do homem pela felicidade. “Nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, e nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o objeto amado ou o seu amor” (CARNEIRO, 2007, p. 26). Em sua análise, afirma que a intensa dor da solidão sentida pela perda do objeto amado, perda real ou imaginária, traz a vivência da dor do irrecuperável. Para ela, angústia não se compartilha, a dor da falta é solitária e cada qual carrega a sua. Diz ainda que, segundo Freud, toda escolha amorosa é narcísica:

O processo se inicia no nascimento, quanto o *infans* normalmente vem ocupar o lugar de falo imaginário da mãe. Narcisismo primário: “*Sua majestade o bebê*” (Freud, 1914). No seu desenvolvimento, deixará de ser o falo para que, na fase edípica, através da castração, possa a vir a tê-lo - ou não. Mas esta experiência de ser objeto de desejo do outro ficará marcada para sempre no inconsciente, sendo revivida ilusoriamente nos encontros amorosos. Acreditamos *ser* objeto do desejo do outro, assim como também o outro é objeto do nosso desejo. O amor demanda e exige reciprocidade. Com ele tentamos driblar nossa falta e a solidão que nos habita. É através do outro que o sujeito se vê como amado, o que dará consistência à sua imagem egóica (CARNEIRO, 2007, p. 28).

O processo de luto, segundo a autora, nos afronta de forma inexorável com a solidão; cai a vestimenta, fica o vazio, o sofrimento. Afirma ela que é preciso desinvestir em cada representação, retirar o excesso de afeto a ela vinculado e “realocar o afeto entre as outras representações egóicas, para depois vir a reinvestir em novos objetos. O amado se torna uma lembrança saudosa como tantas outras”(CARNEIRO, 2008, p. 28).

Ilka Franco Ferrari (2006) acredita ser razoável considerar, com Bassols (1994), que a solidão é um estado de humor, um *feeling* ou, mais propriamente, um afeto, quase sempre vinculado à angústia. Ela diz que pensá-la assim supõe não considerá-la como um sintoma, o que, por sua vez:

Implica marcar ainda mais a distância que separa dos laços sociais os sujeitos que portam esse afeto. Isso porque, ao final do ensino de Lacan, o sintoma aparece como favorecedor de vínculo social. Também nos inúmeros textos atuais que abordam as parcerias sintomáticas, o sintoma é o que possibilita estabelecer um vínculo contingente, inconsciente, com alguns parceiros (FERRARI, 2006, p.8).

Existem uma série de conceitos fundamentais que se articulam à solidão, embora este tema não seja propriamente um conceito, na obra de Freud e de Lacan. Mas isso não impediu as autoras Tatit & Rosa (2013) de fazerem uma leitura de tal temática, partindo do pensamento desses autores, no texto “Pra não dizer que Freud e Lacan não falaram da solidão”. O trabalho de Tati & Rosa (2013, p.136) partiu da experiência de atendimento clínico, seguindo uma abordagem psicanalítica, a qual a escuta da solidão na clínica revelou a presença de uma intensa ‘imaginarização’ e uma inflação de um discurso de auto-suficiência. Neste sentido, dizem elas: “entendemos ser importante atribuímos maior peso a um significante muitas vezes responsável pela possibilidade de flexibilizar esse tipo de discurso: o significante da solidão” (TATIT & ROSA, 2013, p.136).

As autoras começam com Lacan (1964), ao afirmar que o sujeito está no intervalo – e por isso a interpretação não seria apontar o sentido, mas a posição do sujeito, dizem elas. “O sentimento de solidão parece ser um intervalo entre os discursos sociais que engolem o sujeito e que impõem a necessidade de sermos felizes e sociáveis. Em alguns casos se sentir só é um escape da singularidade” (TATIT & ROSA, 2013, p.137).

Por outro lado, continuam a explicar, o isolamento descrito por alguns pacientes na clínica aparecem reforçando um registro imaginário, que valoriza falicamente a auto-suficiência, “optando assim por uma colagem aos discursos contemporâneos do “um por um”,

do “salve-se quem puder”, do “cada um por si”, bem como do *self-made man*, *self-esteem*, *self-realization*, *self-reliance*” (TATIT & ROSA, 2013, p.137).

Quanto a Freud, sua tese central no texto sobre o mal-estar, dizem elas, é a de que há uma dimensão de conflito inerente ao sujeito em seu campo social que se presentifica em dois níveis: “o da renúncia pulsional, que entendemos ser a troca de um tanto de felicidade por um tanto de segurança e o surgimento do que Freud chamou de “miséria psicológica da massa”, que, por sua vez, pode ser evitada” (TATIT & ROSA, 2013, p.137). E quando há uma cristalização nesse estado:

A ligação social se estabelece principalmente pela identificação dos membros entre si, e o sujeito cede a todos os ideais civilizatórios, identificado cegamente a um grupo. No estado de “miséria psicológica da massa” as singularidades são esvaziadas e submetidas a uma unificação do desejo, das escolhas, dos modos de apreender o mundo (TATIT & ROSA, 2013, p.137).

Tatit & Rosa (2013, p.137) questionam o porquê das pessoas sempre possuírem a necessidade de serem bem relacionadas socialmente, amigáveis, populares e rodeadas por outras tantas pessoas. Dizem que Freud já criticava o mandamento do *supereu* cultural “amarás teu próximo como a ti mesmo”, discurso que incita sem muito questionamento o vínculo com todo e qualquer outro próximo. Para Freud, segundo elas, o sujeito sofre da punição desse ideal social de ter que se relacionar, cujo não cumprimento é punido mediante ‘angústia de consciência’.

O sofrimento do sujeito é uma manifestação contra o que está posto socialmente, dizem as autoras. E essa é uma descoberta freudiana desde seu trabalho com as histéricas. “Então há, nesse sentido, uma política nos sintomas a ser considerada pela Psicanálise. Dessa forma, a solidão é tomada por nós como manifestação do mal-estar no laço social” (TATIT & ROSA, 2013, p.137). A solidão, dizem elas, se manifesta “contra a miséria psicológica da massa, miséria essa que postula uma posição de gozo universal cristalizada para todos os sujeitos: ‘goze sendo auto-suficiente e sociável’ (TATIT & ROSA, 2013, p.137).

A solidão, segundo o entendimento das duas autoras, ao contrário da segregação e do isolamento, não se faz inimiga da cultura, como poderiam afirmar alguns. Elas dizem que não se pode confundir solidão com segregação, pois a solidão não é apenas o refúgio em um “mundo próprio, uma fuga do desprazer, ou uma faceta do individualismo, da indiferença ao outro, do narcisismo, onipotência, entre tantos outros nomes que poderíamos usar, reduzindo a experiência de solidão” (TATIT & ROSA, 2013, p.137). Elas refletem:

Há movimentos inibitórios que servem como tentativas de isolamento, de criação de um espaço com risco zero e protegido, buscando um velamento das dificuldades na relação do sujeito com os outros. Há ainda, práticas segregativas advindas do Outro, nas quais a solidão passa ser uma condição forçada (TATIT & ROSA, 2013, p.137).

Dizem elas, “que a solidão singular de cada sujeito se distingue destes por incluir o mal-estar da falta. Inclusive, o sujeito não precisa nem tampouco estar sozinho para vivenciá-la” (TATIT & ROSA, 2013, p.137). Isso porque:

Como afirma Dunker (2011), a solidão é uma versão do que a Psicanálise chama de separação ou castração, uma vez que nessa experiência, o objeto ao qual poderíamos nos identificar, para cobrir nossa falta e a nossa falta no Outro é finalmente deslocado de sua função encobridora (TATIT & ROSA, 2013, p.137).

Tatit & Rosa (2013, p.138) insistem que a solidão não cede aos ideais civilizatórios contemporâneos, “pois questiona os atuais imperativos do ser sem-solidão, do ser popular, do ser independente e com elevada autoestima, resistindo ao estado de miséria psicológica da massa” (TATIT & ROSA, 2013, p.138).

Freud discute sobre o poder de influência do grupo e sobre a vida mental de um indivíduo, ressaltam as autoras, e “ao recuperar as ideias de Gustave Le Bon, o psicanalista reforça que, ao se unir a um grupo cada sujeito sente, pensa e age de modo muito diferente caso estivesse sozinho” (TATIT & ROSA, 2013, p.138). Esta é uma ideia que interessa muito a elas:

Na medida em que Freud fala explicitamente do comportamento diferenciado de quando o sujeito está em um “estado de isolamento”, opondo ao comportamento associado a um grupo, que Le Bon chama de grupo psicológico. Ao compor um grupo como esse, as qualidades específicas de cada um esmorecem, e a heterogeneidade do “como fazer” de cada um se dissolve na homogeneidade das ideias do grupo. O indivíduo isolado age de modo diferenciado, pois não está exposto ao efeito de sugestibilidade que tem um grupo, que adquire para o sujeito uma função de certo modo hipnótica (TATIT & ROSA, 2013, p.138).

As autoras lembram, em seu trabalho, que o sacrifício pela civilização também foi discutido por Freud e Lacan no nível do sujeito em sua relação com o próximo. “Em “Mal-estar na Civilização”, como foi falado nesse texto, Freud aponta que uma das principais

causas de sofrimento do sujeito se dá na relação com os outros” (TATIT & ROSA, 2013, p.138). Quanto a Lacan, elas dirão que:

Lacan, ao retomar essa sua ideia se aprofundará na discussão a respeito do mandamento “Amarás a teu próximo como a ti mesmo”, extraíndo o caráter gozante uma vez que se trata de um imperativo. Lacan (1959-60) credita à Freud a percepção de que esse mandamento é a presentificação da função religiosa no homem. Ao tratar dessa função, Lacan retomará a fase de Nietzsche “Deus está morto” e acrescentará que está morto desde sempre. O autor sustenta que na história humana sempre houve o reconhecimento da função do Pai, que nomeará como Nome-do-Pai, uma vez que Deus já está morto. Essa fórmula muda as bases do problema ético para Lacan, visto que, o que está no cerne de o “Mal-estar na Civilização” é o repensar sobre o problema do mal, “[...] dando-se conta de que ele é radicalmente modificado pela ausência de Deus” (p. 222) (TATIT & ROSA, 2013, p.139)

A subversão da ética da Psicanálise, afirmam Tatit & Rosa (2013, p.139) está nesse ponto, pois se distancia do moralista que evita esse tipo de problema sobre o mal, ao considerar que apenas a via do bem é direcionada pelo prazer. Para Lacan isso é um engodo, pois o prazer tem um aspecto paradoxal, envolvendo o gozo, como Freud (1920) já falava em “Além do Princípio do Prazer”. Portanto, dizem elas:

Para ambos os autores esse amor ao próximo é uma armadilha, posto que imaginamos as dificuldades dos outros a partir do espelhamento das nossas: “Meu egoísmo se satisfaz extremamente bem com um certo altruísmo, com aquele que se situa no nível do útil, e é o pretexto por meio do qual evito abordar o problema do mal que desejo, e desejo ao meu próximo.” (TATIT & ROSA, 2013, p.140)

Tatit & Rosa (2013, p.140) explicam que Freud fala também da falta de liberdade do indivíduo em um grupo, na medida em que a união do grupo se faz por meio de um laço emocional intenso:

Essa discussão entra em foco quando Freud discorre sobre a organização do grupo em torno de um líder, como ocorre na igreja e o no exército, em que o sujeito estaria preso a um laço libidinal que o une com o líder bem como com seus iguais. Em seguida o psicanalista analisará as implicações de um sujeito que rompe ou se desprende desses grupos aos quais antes era ligado. Aproveitaremos os exemplos freudianos para pensarmos a ruptura de nossos pacientes com suas famílias e com os grupos que antes eram considerados referência para aqueles sujeitos. Freud aponta para a emergência de um possível

pânico se houver uma desintegração do grupo (TATIT & ROSA 2013, p.140).

A solidão é um sentimento da presença da ausência, concluem as autoras, ao relembrar Lacan. Ela é essencialmente simbólica, afirmam. E dizem também que aqui entra a maior contribuição de Lacan, em suas formulações em relação ao desejo e sua negatividade. Então contam sobre as reflexões feitas ao retomar Lacan, em seu primeiro seminário ao jogo de carretel descrito por Freud:

Ele ressalta que a criança, ao manejar a presença e a ausência do objeto por meio da emissão dos sons “ooo..aaa”, estaria, em uma tentativa de controlar esses dois movimentos, “provocando-os”, uma vez que antecipa a ausência e a presença do carretel, por meio da linguagem. Nessa passagem Lacan comenta que o jogo do *fort-da* ilustra “o momento em que o desejo se humaniza” (Lacan, 1953-54, pp. 228), que está para além do fato (importante) de a criança tentar dominar a sua privação, mas que por meio desse jogo, ela a assume (TATIT & ROSA, 2013, p.141).

“A solidão, assim como o jogo de *fort-da*, ilustra essa divisão do sujeito, uma vez que, ao entrar no campo da linguagem em que algo se perde, o sujeito se torna desejante, porém (e intrinsecamente) auto-exilado de si mesmo” (TATIT & ROSA, 2013, p.141). Aqui, far-se-á a passagem do que Freud chama de *desamparo*, ao que Lacan trabalhará como *falta*. Lacan entende que quando o primeiro grito da criança é interpretado (por exemplo, o “ooo-aaa” como “*fort-da*”) “algo é perdido para sempre. “Algo” é aquela coisa que não foi significada pelo significante, para Lacan esse é o maior *desamparo* do sujeito, no primeiro grito algo se perde” (TATIT & ROSA, 2013, p.141).

No texto acima, referente à solidão como um sentimento que acompanha a angústia do nascimento e leva o sujeito a buscar, a vida toda, a unidade perdida, é a própria sinopse da história de Arminto Cordovil, em *Órfãos do Eldorado*. A perda da mãe e o desprezo do pai trouxeram ao personagem “a vivência da dor do irrecuperável”. Seguindo ainda o pensamento da autora do texto, a angústia de Arminto foi pouco ou quase nada compartilhada, mas a dor de sua falta foi totalmente solitária, e ele carregou-a sozinho, em toda a sua existência, na obra de Milton Hatoum.

A solidão, também como um afeto (ou um estado de humor, como consta no texto) e quase sempre vinculada à angústia, foi companheira fiel do luto eterno de Arminto, do sofrimento constante e do vazio que ficou em seu *ser*, após o acontecimento traumático que permeou a sua vida.

Em *A Ilha da Ira*, pode ser dito que a solidão instalou-se nas personagens como uma manifestação contra o que está posto socialmente, de acordo com o texto das autoras Tatit & Rosa (2013). No caso da obra em questão, pode-se dizer que se trata daquilo que as autoras chamaram de “práticas segregativas advindas do Outro, nas quais a solidão passa a ser uma condição forçada”.

A condição de *insulamento* a que o grupo de atores foi submetido, em *A Ilha da Ira*, corrobora com o pensamento de Freud, quando este afirma que em determinadas situações, cada sujeito, quando se une a um grupo determinado, sente, pensa e age de modo diferente, como se estivesse sozinho. Devido às condições miseráveis de sobrevivência e à barbárie imposta pela comandante da ilha, o grupo, ao invés de se unir para tentar escapar de uma situação arbitrária, agiu de modo individualizado e diferenciado.

É fato que um dos componentes (Ulisseu) tentou articular uma resolução do problema, mas este grupo, isolado que estava em sua angústia, tristeza, medo e outros sintomas atormentadores do equilíbrio mental e emocional do sujeito, além de não seguir aquele que poderia ser considerado um verdadeiro líder e, quem sabe, conseguiria de fato tirar todos daquela situação, ainda o traíram covardemente. Este foi um momento em que, segundo as autoras Tatit & Rosa (2013) defendem no texto acima, “as qualidades específicas de cada um esmoreceram e a heterogeneidade do “como fazer” de cada um se dissolveu na homogeneidade das ideias do grupo”. Neste caso, as ideias homogêneas das personagens na narrativa de Paes Loureiro resultaram em uma atitude completamente equivocada, a qual, ao invés de salvarem a própria vida, acabou levando-os para a própria destruição.

2.2. Desamparo: um afeto inerente à condição humana

O *desamparo* é um conceito de referência na obra de Sigmund Freud. Mas seria o *desamparo*, realmente, um conceito? Alguns estudiosos da teoria freudiana acreditam nisso, entretanto, há aqueles que afirmam que o *desamparo* não chegou a ser caracterizado, por Freud, como um conceito. No entanto, como experiência inerente à condição humana, ele (Sigmund Freud) o coloca no centro das situações traumáticas, geradoras das angústias no ser humano adulto, por fazerem parte da impotência de seu estado de *desamparo* infantil, originário. Jaime Betts (2014, p. 10) é um dos autores que acredita no *desamparo* como um conceito e explica bem essa definição:

Freud faz do estado de desamparo—*hilflosigkeit*—do bebê humano um conceito fundamental ao longo de sua obra, enfatizando-o como o protótipo das situações traumáticas. As situações tornam-se traumáticas e geradoras de angústia intensa no adulto, na medida em que o confrontam, no tempo presente, com a impotência de seu estado de desamparo infantil originário. Nesse estado, sua vulnerabilidade é absoluta em sua dependência das atenções vindas de um outro cuidador, constituindo o que Freud denominou complexo do próximo (Freud, [1895]1976). O laço social com o outro cuidador está colocado desde os primórdios da constituição do sujeito.

Jaime Betts (2014, p. 10), afirma ser o *desamparo* uma condição estrutural primordial do ser humano. Betts afirma que Freud, em “Mal estar na Civilização” (1996), analisa a infelicidade e o mal-estar (e as situações de vulnerabilidade, potencialmente traumáticas) quando chegam aos seres humanos em três direções: da fragilidade e do sofrimento do próprio corpo; do mundo externo e das forças da natureza; e das insatisfações ou da violência desencadeadas pelas relações com os outros. Este autor afirma ainda que, segundo Freud, o mal estar proveniente da relação com os outros talvez seja o mais penoso de todos eles. E argumenta que o ser humano, quando é atingido por alguma dessas direções, a violência, a perda, a doença ou o catastrófico se articula com o *desamparo* primordial e este ser humano é confrontado, de modo mais ou menos direto, com mais ou menos anteparos, com o trauma do real irrepresentável.

Outras situações apontadas por Betts (2014, p. 11) em seus estudos freudianos, remetem o sujeito novamente ao *desamparo* e à impotência primordiais, uma delas é a ameaça de ser abandonado ou de ser confrontado com a perda do ser amado. Segundo ele, tudo isso se dá “banhado num caldo de cultura que determina as diferentes configurações simbólicas e imaginárias do laço social em que os cuidados são ministrados” (BETTS, 2014, p. 11). De acordo com Betts (2014, p. 11), a cultura/civilização/laço social, substituta da função materna diante do *desamparo* fornece, por um lado, meios simbólicos e imaginários de reconhecimento, reafirmando nos sujeitos a sua identidade. Por outro lado, diz ele:

A cultura é herdeira do *supereu* parental, estabelecendo deveres morais e ideais do eu, bem como é herdeira da função paterna, pois permite que possamos ser criativos a partir do amparo materno diante do impossível, inventando novas formas de viver em sociedade. Ou seja, é em torno da experiência do desamparo que se constitui tanto o sujeito e sua posição no laço social, quanto o próprio laço social, pois cada qual se estrutura em torno do impossível. (BETTS, 2014, p. 11).

Cada língua viva, de acordo com Jaime Betts (2014), constrói uma cultura específica “para aqueles que a compartilham, construção que implica um laço social em que a violência simbólica que determina o que fica excluído da mesma se constitui como tabu” (BETTS, 2014, p. 11). Ele segue explicando que os imigrantes, exilados e refugiados – os estrangeiros, os diferentes, os de outra tribo – são alvos preferenciais da hostilidade e até mesmo do ódio por parte dos que são da cultura local. Indaga o porquê e responde:

Quando uma cultura entra em contato com outra, o que é tabu para uma não necessariamente é tabu para a outra. Quando o que é proibido de um lado é exposto pelo outro, o mal-estar se intensifica e a hostilidade se deflagra no laço social. Quanto mais se recusa a violência simbólica fundadora de uma cultura e se atribui a mesma ao estrangeiro, mais a intolerância se instala e a violência real eclode nos corações e mentes, na convivência dos estrangeiros para nós mesmos (BETTS, 2014, p. 11).

Betts (2014) conclui que a humanidade caminha assim: por um lado cria novas formas de viver e de desfrutar a vida, como também cria novas formas de destruição e barbárie. Ele diz que “as diversas formas de messianismo, tirania, colonialismo ou totalitarismo que são forjadas no laço social respondem de forma alienada e alienante a esse desamparo estrutural” (BETTS, 2014, p. 12). Ele dá continuidade ao seu pensamento, lembrando os campos de concentração e outras tantas formas contemporâneas de banalização do mal em nossas comunidades, que “decorrem da desumanização, fruto da universalização introduzida pelo discurso da ciência, que exclui a singularidade do sujeito do desejo, assim como o aliena de sua implicação e responsabilidade por seus atos” (LACAN, 2003, In. BETTS, 2014, p. 14). E finaliza com as palavras de Hannah Arendt (1963), ao analisar que os discursos totalitários alienam o sujeito, privando-o da capacidade de pensar.

A psicanalista Caterina Koltai (2014, p. 21), no texto “O desejo do Psicanalista face ao desamparo contemporâneo”, diz que Freud recorreu ao termo do alemão corrente *Hilflosigkeit*, sem transformá-lo, entretanto, em conceito. Para ela, *Hilflosigkeit* é, como na maioria das vezes para Freud, uma palavra do alemão cotidiano, compreensível por todos, até mesmo por uma criança. Ela explica que a palavra,

Nos remete à questão crucial da dor original, dor sem a qual o *infans* não seria levado a estabelecer uma relação com o outro humano. Não é um conceito e, sim, uma noção sobre a qual o criador da psicanálise fez repousar nada menos que a causa do laço com o Outro, noção entendida aqui como aquilo que se situa no registro do elementar e do

fundamental. Em alemão, o sufixo *keit*, exprime um estado, o de ser desprovido (*los*) de ajuda (*hilflos*). E é exatamente esse o estado do *infans* quando vem ao mundo em sua total dependência para com seu primeiro Outro, tendo que fazer face à opacidade de seu desejo (KOLTAI, 2014, p. 22).

Koltai (2014) afirma ser preciso relacionar sempre o inconsciente freudiano com as transformações sociais do mundo contemporâneo, por ser a psicanálise uma terapêutica do sujeito, ao mesmo tempo em que é uma teorização da relação desse sujeito com o mundo em que ele vive. Ela lembra que, concomitantemente à natureza sexual, “Freud postulou também a natureza relacional do indivíduo, obrigado a manter uma relação vital com os demais humanos desde o início de sua vida” (KOLTAI, 2014, p. 21). Para Koltai (2014), o *desamparo* também remete à experiência inevitável e inerente à condição humana, “a de se ver lançado no estrangeiro, numa dependência absoluta ao outro e confrontado ao enigma de seu desejo” (KOLTAI, 2014, p. 21). Para ela:

A definição freudiana do desamparo prossegue em direção ao mal-estar que decorre daquilo que o sujeito vive como sofrimento ou impossibilidade de relacionamento com o outro e com o mundo, obrigando-o a defrontar-se com inúmeras situações de vulnerabilidade que evidenciam o eterno conflito entre civilização e barbárie, que atravessa tanto o processo individual quanto o civilizatório (KOLTAI, 2014, p. 21).

Caterine Koltai (2014, p. 25) reflete sobre a existência de sintomas, sofrimentos, infelicidades que remetem diretamente às competências daquilo que ela chama de espécie humana, entre as quais ressalta a crueldade e a competência ao assassinato sem nenhuma necessidade vital para tanto. E atenta para o fato de que a:

Barbárie e genocídio são, portanto, características humanas para as quais Freud nunca deixou de nos alertar, tanto que, no prefácio de seu último livro, *Moisés e o Monoteísmo* ([1939] 2006), chama novamente nossa atenção para o pacto firmado entre progresso e barbárie. Felizmente não viveu o suficiente para conhecer o ápice dessa barbárie, os campos de extermínio para os quais foram mandadas e morreram duas de suas irmãs. (KOLTAI, 2014, p. 25).

A psicanalista Koltai (2014, p. 25), ao lembrar da Globalização e do fenômeno migratório planetário que ela vem pondo em marcha, assim como a segregação que o acompanha, considera o refugiado como um dos símbolos do *desamparo* contemporâneo. Ela esclarece que o sofrimento do refugiado, surge como símbolo de todo aquele que foi exposto a “alguma forma de violência de estado, e isso tem, a meu ver, uma característica própria: a sensação de ter deixado de pertencer à ‘espécie humana’, visto que sua vida deixou de ter valor para os demais” (KOLTAI, 2014, p. 29).

Ao se colocar na posição de analista (ou psicanalista), Caterina Koltai (2014), afirma que “face ao desamparo, somos obrigados, como lembrou Fedida (2002), a imaginar aquilo que o outro diz ou pensa ser inimaginável, porque ser incapaz de imaginar é negligenciar que isso possa ter acontecido” (KOLTAI, 2014, p. 29). Ela explica mais uma vez:

O analista, a quem o sujeito frequentemente se dirige quando a pulsão de destruição, ou de autodestruição, se sobrepõe ao desejo, precisa poder imaginar o que é da ordem da destruição e do horror vivido pelo paciente, e que este não tem como questionar. O analista precisa poder imaginar o que o outro viveu, precisa poder construir, o que não significa reconstruir. Certos pacientes vivem e expressam tamanho sofrimento que nos levam de fato ao limiar do inimaginável. Em tais casos não se trata de nos lançarmos na empatia do horror, mas de termos a possibilidade de saber no que aquilo que é horrível desfaz nossas próprias representações (KOLTAI, 2014, p. 29).

O eterno mal estar de Arminto, em *Órfãos do Eldorado*, expressado pelo seu sofrimento interminável, incurável, torna impossível o seu relacionamento com o pai e com os outros seres da narrativa, com exceção de Florita, a personagem que o ampara, bem como Estiliano, o amigo do pai. Mas além desses dois, o personagem-narrador está sempre em situações de vulnerabilidade, evidenciando o conflito entre civilização e barbárie, a que o texto se refere, pois o processo individual de Arminto, penoso, sofrido, escapa para o seu entorno, para a sociedade em que vive; bem como este lugar, esta sociedade, devolve a ele em forma de rejeição, penúria, discriminação e segregação.

Barbárie e Genocídio estão presentes em *A Ilha da Ira*. A autora do texto em questão, Caterine Koltai (2014), fala de histórias reais, dos campos de extermínio e dos refugiados, como símbolos do *desamparo* contemporâneo. Elementos e situações que se encaixam perfeitamente na narrativa de João de Jesus Paes Loureiro.

Zeferino Rocha (1999, p. 331) acredita que apesar de Freud não ter feito um estudo sistemático da experiência do *desamparo*, hoje a maioria dos teóricos da psicanálise admitem que ele tem, sim, um lugar de destaque na Metapsicologia Freudiana. E concorda que o conceito do *desamparo* está intimamente articulado aos conceitos fundamentais do inconsciente e da angústia. Ele explica o que Freud chamou de “*Urangst*, ou seja, de angústia originária, o *desamparo* revela-se também como uma experiência estruturante da subjetividade e da condição humana e não deveria ser considerado como uma fatalidade, mas como um desafio” (ROCHA, 1999, p.331).

Rocha (1999, p. 332), defendeu isso em uma conferência no V Fórum Brasileiro de Psicanálise, no qual procurou situar o *desamparo* na Metapsicologia Freudiana, ao fazer uma articulação com os conceitos metapsicológicos do Inconsciente e da Angústia. Partindo da distinção entre condição e situação de *desamparo*, ele fez algumas considerações sobre a dimensão estruturante da experiência do *desamparo*, como experiência fundamental da condição humana, e repetindo o parágrafo acima - “deve ser olhada não como uma fatalidade, mas como um desafio” (ROCHA, 1999, p. 332). E sobre o inconsciente, ele diz que:

Freud conceitua o Inconsciente não apenas como o latente, o escondido, ou o inominável, mas como o excluído e, de modo ainda mais específico, como o Outro (*das Andere*). O Inconsciente surge nas lacunas do discurso consciente como o totalmente inesperado e o inteiramente outro. Assim sendo, o descentramento da consciência faz parte da própria noção do Inconsciente (ROCHA, 1999, p. 333).

O Inconsciente para Freud, portanto, é o Outro. Essa afirmação é afirmada por Rocha (1999, p. 334), ao dizer que Freud assim o apresenta, quando define o seu estatuto metapsicológico no artigo de 1915 – *Das Unbewusste*. Segundo ele:

O Inconsciente não é apenas um sistema diferente da Consciência, ou o outro lado da Consciência, mas um sistema qualitativamente outro, vale dizer, o outro da Consciência, que se manifesta, no registro tópico, como uma *outra cena*, no registro dinâmico, como o *outro do desejo*, e no registro econômico, como um *sistema inteiramente outro*, não regido pelo princípio de contradição, *zeitlos*”, isto é, atemporal, um sistema que funciona no registro dos processos psíquicos primários, e no qual a energia psíquica circula de maneira livre e desligada. Sua linguagem é uma linguagem antes da linguagem. Tudo isso define o Inconsciente como um outro psíquico, um sistema inteiramente diferente dos demais sistemas que constituem a personalidade psíquica (ROCHA, 1999, p. 334) .

Zeferino Rocha (1999, p. 334), esclarece que é nesta relação primária com o Outro que Freud encontra o paradigma da situação originária do *desamparo* e a designa como uma experiência de *Hilflosigkeit*. Rocha (1999) também procura explicar o significado da palavra *Hilflosigkeit*, e diz que ela:

É muito significativa, uma vez que é composta do substantivo "*Hilfe*," que quer dizer auxílio, ajuda, proteção, amparo, do sufixo adverbial modal "*losig*," que indica carência, ausência, falta de, e ainda pela terminação "*keit*", que forma substantivos do gênero feminino, cujo correspondente em português é a terminação "dade". A palavra *Hilflosigkeit* significa, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda - *hiflos* - sem recursos, sem proteção, sem amparo. Uma situação, portanto, de desamparo (ROCHA, 1999, p. 334).

A *Hilflosigkeit* freudiana refere-se, segundo este autor, em primeiro lugar ao estado em que se encontra o recém-nascido, completamente impossibilitado de ajudar-se a si mesmo com seus próprios recursos. Rocha (1999, p. 335), afirma que, dificilmente se poderia imaginar um estado de *desamparo* maior do que esse do recém-nascido, "o qual, por causa de sua imaturidade mental e psíquica, é um "*hiflos*", vale dizer, alguém totalmente incapaz de satisfazer sozinho as suas necessidades vitais de sobrevivência" (ROCHA, 1999, p.335).

Portanto, a situação originária de *desamparo* "é o modelo (*Vorbild*) de inúmeras outras situações de desamparo com as quais necessariamente o homem se confronta no decorrer da existência" (ROCHA, 1999, p.336). Contudo, o fato desta situação originária não ser objeto de uma verdadeira experiência, pois, segundo Rocha (1999), o eu do recém-nascido, insuficientemente evoluído, não é ainda capaz de integrá-la como experiência de vida, "não justifica dizer que ela se esgota numa dimensão puramente biológica, como mera descarga de excitação pulsional, sem nenhuma conotação psíquica" (ROCHA, 1999, p.336). Vale dizer que "a situação originária do desamparo é uma vivência arquetípica e, enquanto tal, ela se 'repete' nas vivências ou em situações posteriores" (ROCHA, 1999, p.336).

Em *A Ilha da Ira*, acontece uma situação de naufrágio; logo, o *desamparo* vem do trágico. Em *Órfãos do Eldorado*, Arminto Cordovil nasce em uma condição de órfão. Contudo, esta condição de orfandade de Arminto, o leva a uma situação de *insulamento*; logo, a um *desamparo* agregador de outros afetos provocados pela solidão e pelo sentimento de impotência. Portanto, nas duas obras, percebe-se a situação originária do *desamparo*, cuja experiência dos seres percorre as narrativas do início ao fim. Como está bem colocado no texto de Rocha (1999), o *desamparo* em *Órfãos do Eldorado*, está visível, assim como

também nos outros órfãos da narrativa. Mas em Arminto, este afeto emergido na situação originária do recém-nascido, permanece por toda a sua vida.

Quanto à angústia, Rocha (1999, p.339) esclarece que ela sempre esteve no centro dos estudos de Freud, desde seus primeiros escritos psicanalíticos (presentes no livro *Inibição, Sintoma e Angústia*) e afirma que o próprio Freud se encarregou de articular a angústia com o *desamparo*. E quando Freud procede à reformulação da teoria da Angústia, ele ressalta sua íntima relação com o *desamparo*. Rocha (1999, p.339), diz que esse trabalho de reformulação consistiu em três coisas:

A angústia é associada à dimensão do possível. A abertura para o mundo das possibilidades, onde se encontra o segredo da nossa condição existencial é, ao mesmo tempo, uma experiência angustiante, porquanto, diante do possível, *tudo é possível e nada é impossível*. Kierkegaard nos faz sentir de que modo, diante das infinitas formas de realização e de não-realização da possibilidade que existencialmente nos define, somos todos desamparados. Este desamparo é inerente à nossa condição humana. Ele é o preço e a vertigem de nossa liberdade (ROCHA, 1999, p. 340) .

Para Heidegger, no entanto, afirma Rocha (1999), a angústia constitui-se como o "conhecimento mudo do *nada* sobre o qual nos mantemos suspensos...e nos *projetamos* com tudo o que isto carrega de contingência, efemeridade, precariedade, inutilidade" (ROCHA, 1999, p. 341). Mas, ele explica que o *nada*, este vazio de formas, deve ser também concebido como uma "plenitude" secreta, como a possibilidade dos entes no seu vir-a-ser. Ele diz ainda que não é só a experiência angustiante do *nada*, mas a "*experiência da abertura* e da possibilidade para as infinitas novas formas de manifestações do Ser que torna a experiência do desamparo uma experiência estruturante da subjetividade" (ROCHA, 1999, p.341).

Bem, sendo o *desamparo* uma experiência estruturante da subjetividade, ela tem, por conseguinte, um lugar de destaque na metapsicologia freudiana. E como experiência fundamental da condição humana, nela, o homem ganha uma forma de saber, segundo Rocha (1999, p. 341) só adquirido pelo sofrimento. E lembra Ésquilo, o filósofo grego, que refletiu: sofrer para saber, sofrer para aprender. E o *desamparo* como uma experiência estruturante da subjetividade humana, este autor diz que:

Nela o homem penetra o mais íntimo de sua singularidade e faz, na mais nua e completa solidão, a descoberta da contingência e da finitude de sua existência. Difícil imaginar uma forma de solidão maior e mais dolorosa do que aquela do desamparado. Nela o ser humano encontra-se inteiramente só. O desamparado sente-se tão só,

como o náufrago perdido na imensidão do mar (ROCHA, 1999, p. 342).

Rocha (1999) afirma que esta metáfora é uma tentativa de mostrar que a essência do *desamparo* é a solidão e o sentimento de impotência, “constituídos pela impossibilidade do sujeito de encontrar sozinho uma saída para a situação em que se encontra” (ROCHA, 1999, p. 342). Ele ainda fala que ela não termina aí, pois o *desamparo* abre o campo da alteridade. Ele é um grito desesperado de ajuda lançado na direção ao outro. E quando o grito fica sem resposta, o *desamparo* torna-se desespero.

Sendo assim, “o desamparo estrutura um modelo de *subjetividade aberta*, em contraposição ao modelo fechado do tipo identitário, que enclausura narcisicamente o sujeito dentro de sua autosuficiência, como se ele fosse o seu fundamento autofundante” (ROCHA, 1999, p.343). E como experiência fundamental da condição humana, a solidão, segundo Rocha (1999) ela é o “instante presente, que, precisamente por ser instante, é instável, não fica nem permanece” (ROCHA, 1999, p.343). Para ele, esse instante presente marca a condição humana com a modalidade de existir na insegurança, pois é um existir aberto ao que é inesperado e imprevisível. E enfatiza: “É de total desamparo a experiência da nossa incapacidade e da nossa impotência diante da marcha inexorável do tempo” (ROCHA, 1999, p.343). E nessa inexorável marcha do tempo, a única certeza é a da morte, que, segundo ele é:

A mais incerta de todas as nossas certezas e a mais certa de todas as nossas incertezas. Ela pode nos surpreender em cada esquina, em cada curva de nossas estradas, ou ela pode também estar nos espreitando por detrás de cada um dos nossos gestos e por trás de cada um de nossos sorrisos. Fazendo parte de nossa condição, ela nos condena a ser "um ser para a morte", como diria Heidegger. Mas esta condenação, ao invés de retirar o sentido da vida, convida-nos a viver intensamente cada um dos instantes, como se cada um deles pudesse ser o último, ou o derradeiro (ROCHA, 1999, p.343).

Mesmo sendo uma condição humana, como já foi enfatizado, Rocha (1999, p. 344), considera que o ser humano não deve se submeter servilmente a ela. Para ele, o homem deve usar a sua força criativa da inteligência e da imaginação, como sua capacidade de luta, para conseguir escapar à servidão. Ou seja, o homem aceita a sua condição de *desamparo*, mas deve lutar, a fim de encontrar saídas, para esta mesma situação de *desamparo*. Para ele:

Assumir esta luta é o desafio de todos nós, seres humanos, que, juntamente com a tarefa da existência, recebemos também a responsabilidade de lhe dar um sentido. Olhando a existência como

uma tarefa, o homem deixa de ser joguete do destino e passa, ele próprio, a construir o seu destino e a escrever a sua história. Assumir sua condição fundamental de desamparo e lutar para encontrar soluções para as situações de desamparo, e para construir, como diz Joel Birman, uma estilística da existência, este é o nosso grande desafio (ROCHA, 1999, p.344).

Arminto Cordovil, em *Órfãos do Eldorado*, desde o início de sua vida sentiu a angústia do *desamparo*. E caminhou solitário, com o velho sentimento de impotência diante da vida. Isso, nada mais é do que o próprio *insulamento* do ser, que cabe perfeitamente na frase “o desamparado sente-se tão só, como o náufrago perdido na imensidão do mar”. E ao retomar a peça de teatro de Paes Loureiro, a frase que define com maestria a trajetória das personagens de *A Ilha da Ira* é: “Todo ser sente a angústia diante da morte e do nada”. Aqui se tem uma típica situação de *desamparo*, como uma experiência estruturante da subjetividade, como está posta no texto de Birman (1999), em que o homem, na mais completa solidão, descobre a finitude da sua existência, o grito desesperado de uma ajuda que não vem, o desespero.

Joel Birman (1999, p. 9) procura estabelecer a distinção, não entre categoria e conceito, mas entre a *palavra* e o *conceito* de *desamparo* no percurso do pensamento freudiano. Em um ensaio escrito após uma conferência no Círculo Psicanalítico de Pernambuco, em Recife, no Pré-Fórum de Psicanálise, em 18 de março de 1999, Birman (1999, p.11) preocupa-se em demonstrar em seu texto que existe sim, na psicanálise freudiana, o conceito de *desamparo*, não se tratando, portanto, apenas de uma palavra.

Birman (1999, p.11) inicia a sua argumentação dizendo que existe uma espécie de Babel condensada na mágica palavra *desamparo*. E a magia investida nessa palavra é a fonte inesgotável de enganos, tropeços e mal-entendidos entre interlocutores envolvidos no diálogo sobre esse afeto na psicanálise. E este diálogo se caracteriza pela surdez dos dialogantes. Além disso, diz ele, “o discurso destes é marcado pela prolixidade. Isso porque algo sempre escapa do sentido da palavra, que desliza de forma inapreensível quando se pretende falar dela em psicanálise” (BIRMAN, 1999, p.11). É por isso que neste contexto, a palavra assume uma aura de magia em decorrência dessas particularidades de seu uso, pois é justamente ela que:

Precisa ser decantada na utilização dessa palavra, na medida em que isso iria alimentar as potencialidades de ruído entre os diferentes interlocutores. Isso porque não se trata aqui de uma mera situação de polissemia, na qual a polivalência de sentido seria a condição de possibilidade tanto da criação quanto da criatividade teóricas. Ao

contrário, parece-me que se trata de uma confusão entre palavra e conceito, no que tange ao desamparo (BIRMAN, 1999, p.11).

Este autor concorda que no discurso freudiano a palavra e o conceito de *desamparo* não querem dizer a mesma coisa. Isso porque esta palavra pode ser encontrada, frequentemente, no discurso de Freud, sem que necessariamente esteja em questão o conceito de *desamparo*. Ou, inversamente, como reflete ele: “pode-se constatar ainda a presença operatória do *conceito* de desamparo, sem que a *palavra* desamparo esteja diretamente referida” (BIRMAN, 1999, p.12). O autor compreende que esta distinção é fundamental e reconhecê-la, apreendê-la no registro da escrita freudiana é o caminho necessário para que se possa sair do que ele chama de ‘efeito mágico da palavra desamparo’ e da Babel psicanalítica daí decorrente. A palavra *desamparo*, segundo ele, foi enunciada bem precocemente no discurso freudiano, mas o conceito *desamparo* é bastante tardio, fazendo apenas a sua emergência após os anos 20:

Essa distância temporal indica que Freud teve que empreender um longo percurso teórico-clínico para transformar a palavra desamparo num conceito metapsicológico. Poder surpreender e arguir as razões desse percurso é fundamental para que se possam reconhecer as condições de possibilidade do conceito de desamparo em psicanálise (BIRMAN, 1999, p.12).

Segundo Joel Birman (1999, p. 12) a palavra *desamparo* se encontra presente no “Projeto de uma Psicologia Científica”, porém o seu uso é restrito e até mesmo eventual no discurso inicial da psicanálise. Todavia, após os anos 20 a palavra “ocupará bastante espaço na escrita freudiana e crescerá sempre em volume, de maneira inesperada. Essa transformação na escrita é o signo de uma transformação fundamental no seu uso e no seu sentido, indubitavelmente” (BIRMAN, 1999, p.12). No novo contexto, a palavra *desamparo* não se restringe apenas a um uso adjetivo, explica Birman (1999, p.12), como ocorria nos primórdios do discurso freudiano, assumindo agora também a forma gramatical do substantivo:

Estas transformações, da função gramatical e morfológica da palavra desamparo, aparentemente súbitas, indicam a construção de um conceito anteriormente inexistente. Assim, desde o “Além do Princípio do Prazer” (FREUD, 1981[1920]), até o “Mal estar na Civilização (FREUD, 1971[1930]), passando por “Inibição, Sintoma e Angústia” (FREUD, 1973) e pelo “O Futuro de uma Ilusão” (FREUD, 1971), pode-se caminhar pelas sendas de outro universo semântico, que indica a presença de outra gramática conceitual no campo

psicanalítico. É a construção dessa gramática, nova e outra, que está em pauta aqui (BIRMAN, 1999, p.13).

Birman (1999, p.13), enfatiza que a fratura existente entre a palavra e o conceito de *desamparo*, no discurso freudiano, indica que ele (Birman) está propondo uma leitura deste discurso fundada na descontinuidade. E diz que este discurso “não se apresentou, nem se enunciou sempre da mesma maneira, mas se caracterizou por inflexões, rupturas, pontuações e transformações radicais ao longo de seu percurso” (BIRMAN, 1999, p.13). Ele continua, dizendo que as condições iniciais daquele discurso não são as mesmas que se impuseram no seu desdobramento posterior e diz, enfim, que existiria “um pensamento freudiano nos primórdios da psicanálise que não é idêntico ao que se constituiu no seu final, e que é preciso reconhecer nas diferenças significativas que fundamentam experiências analíticas também diferentes” (BIRMAN, 1999, p.13).

Este autor insiste nas leituras do discurso freudiano para considerar que a “mera presença da palavra *desamparo* nos escritos iniciais de Freud seria já por si mesma a evidência de um conceito, se fundam numa leitura continuísta daquele discurso” (BIRMAN, 1999, p.13). Portanto, “o discurso freudiano que supostamente teria sido reconstituído após os anos 20 já estaria enunciado, de fato e de direito, nos seus primórdios” (BIRMAN, 1999, p.13). Ele explica:

Se nos aproximarmos dessa interpretação continuísta, no entanto, na sua diversidade teórica, pode-se surpreender o mesmo movimento de pensamento. Com efeito, impõe-se ao “Projeto de uma psicologia científica” a mesma racionalidade presente na segunda teoria das pulsões e formulada no “Além do princípio do prazer”, de maneira a fazer falar o primeiro escrito aquilo que se encontra presente apenas no segundo. Foi por esta manobra questionável de leitura que se transformaram palavras em conceitos, sem que se considerassem devidamente os diferentes contextos de discursividade em pauta. Enfim, foi por esse viés que se afirmou a presença do conceito de *desamparo* desde os primórdios do discurso freudiano e não como um conceito tardio, se impondo, pois, um outro sentido para a palavra *desamparo*” (BIRMAN, 1999, p.14).

Contudo, defende ele, “os princípios norteadores do ‘Projeto de uma Psicologia científica’ não são os mesmos que se encontram na aventura metapsicológica dos anos 20, não obstante certas similaridades” (BIRMAN, 1999, p.14). Pelo contrário, continua a sua defesa: “as teses sustentadas naquela obra são homogêneas com o que se enunciou na teoria

psicanalítica até os anos 20, condizentes que são, pois, com a primeira teoria das pulsões” (BIRMAN, 1999, p.14). E afirma que:

Freud inscreveu o fundamental dessa metapsicologia inaugural em “A interpretação dos sonhos”, decantando-a ao máximo de sua linguagem naturalista. Portanto, a ruptura freudiana se realizou mesmo, de fato e de direito, após os anos 20, com os princípios sustentados por Freud desde 1895. Seria, pois, esta continuidade inicial que deveria ser bem mostrada e, se possível, demonstrada, isto é, aquela que existe entre a metapsicologia de 1895, a primeira teoria das pulsões e a primeira tópica. Tudo isso para que se possa indicar a ruptura freudiana posterior, que se desenvolverá em torno do conceito de desamparo (BIRMAN, 1999, p.15).

Entretanto, Birman (1999, p.15) afirma que para se considerar devidamente a ruptura freudiana e a constituição do conceito de *desamparo*, na encruzilhada de diferentes metapsicologias, “é preciso sublinhar as sendas por onde se ordenou e se reordenou o discurso freudiano. Para tal, necessário é que se destaquem as diferentes dimensões que estão implicadas nas escolhas teóricas de Freud” (BIRMAN, 1999, p.15). E quais seriam estas? Pergunta Birman (1999), e ele mesmo responde e apresenta quatro discussões que delineiam, pelo menos, o percurso em pauta, a saber:

1-Uma escolha metafísica de Freud, na maneira como encarou a oposição entre a vida e a morte; 2- A fundamentação dessa escolha metafísica, que se desdobrou nos discursos biológicos manejados por Freud; 3- As consequências disso tudo para a construção das diferentes metapsicologias, que estão aqui em questão; 4- Finalmente, os desdobramentos clínicos que as diferentes opções e desenvolvimentos implicaram (BIRMAN, 1999, p.15).

Birman (2009, p.23) afirma que o conceito de *desamparo* em psicanálise se constituiu, de fato e de direito, no contexto da formulação final da metapsicologia freudiana. E que ele está diretamente tributário da “construção do conceito de pulsão de morte e daquilo que o funda, isto é, a suspensão da recusa imposta nos primórdios do discurso freudiano ao princípio da inércia e a sua nova enunciação sob a forma do princípio do nirvana” (BIRMAN, 2009, p.23).

A questão sobre o *desamparo* ter chegado a estatuto de conceito é um debate que ainda está em pauta e muitos autores e psicanalistas se debruçam sobre este estudo. Assim, finaliza-se aqui esta discussão com a análise de Birman (2009, p.23) - que ainda tem muito a falar, objetivando afirmar que o *desamparo* é o correlato, na natureza humana, de sua

“propensão originária para a descarga total e absoluta das excitações, na medida em que inexistia no ser qualquer meio de domínio destas, apenas restando, para aquele, a possibilidade de sua eliminação” (BIRMAN, 2009, p.23). Então elenca - quase no final de sua análise - no texto “A Dádiva e o Outro: Sobre o Conceito de Desamparo no Discurso Freudiano” (2009), que este remete um conjunto de figuras metapsicológicas e clínicas que foram destacadas no contexto da última teorização freudiana, que seriam maneiras de esta se referir ao *desamparo*, de maneira direta ou indireta. Assim:

O conceito de Angústia do real (FREUD, 1973 [1926]), que se diferenciaria do conceito de Angústia do desejo (FREUD, *idem*), fartamente desenvolvido na metapsicologia inicial, seria decorrente da condição de desamparo da condição humana, onde não existiria, nas origens, a conjunção entre a força, os objetos e o mundo da representação. A angústia do real seria a própria manifestação direta da força pulsional, que como excesso colocaria a subjetividade na condição de *desamparo*. Em decorrência disso, a teoria do trauma foi reatualizada no contexto metapsicológico, na medida mesmo em que inexistiria de maneira inerente à condição humana qualquer instrumento de proteção contra a força e o excesso pulsional (FREUD, *idem*). Portanto, o sujeito humano estaria entregue aos efeitos transbordantes deste excesso, tendo que realizar através do outro um trabalho de conjugação para empreender a conjunção entre a força, o objeto e o mundo da representação, para evitar a produção traumática sempre iminente (BIRMAN, 2009, p.27).

A angústia é inerente à condição humana. O conceito da angústia do real seria decorrente da condição de *desamparo*, que por sua vez, também é uma condição humana. A teoria metapsicológica de Freud é especulativa, segundo alguns estudiosos do autor, ao contrário de sua teoria dos fatos clínicos, é a parte empírica. A parte empírica, pelo que se sabe, vem a ser a psicologia dos fatos clínicos; e a metapsicologia seria um conjunto de conceitos especulativos, como pulsão, libido, aparelho psíquico, etc. *Psi* ou *Meta*, o fato é que Freud revelou as teorias; e o *desamparo* está na vida humana, assim como se encontra nos textos literários, como os em análise. A impotência primordial dos seres, o inconsciente e a angústia, bem como a solidão, companheira inseparável das personagens, está contida nas duas obras.

Mas além do *desamparo*, vê-se no capítulo a seguir que a sensação de *insulamento* das personagens, nessas narrativas, ultrapassa o ambiente físico e geográfico (das ilhas), para se configurar no interior do ser. Em *Órfãos do Eldorado* e em *A Ilha da Ira*, o olhar de cada sujeito se volta para o seu submerso, visto que o “[...] olhar é o instrumento das ordens

interiores: ele mata, fascina, fulmina, seduz, assim como, exprime” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 653). Cada personagem revelará ao leitor o seu olhar interior sobre os sofrimentos da vida, olhares desconhecidos e insondáveis emergidos da alma humana.

Essa reflexão é possível ser feita porque a ilha está intimamente ligada ao movimento sentido no interior dos indivíduos, revelando-se como ordem do sentimento único do homem. Portanto, guardará a certeza da impotência ou da impossibilidade de conseguir sair do *desamparo* agregador, pois nesse estágio o homem estará vestido metaforicamente das próprias características da insularidade. As problemáticas internas frente à violência vivida ou sentida, as experiências traumáticas tornará seu interior sem paradigmas, transformando a realidade pela instabilidade do ser.

Imponente, por vezes insondável, a ilha é um universo que pode representar ora o território infernal – lugar da *falta*, ora as dimensões paradisíacas da *satisfação*, como será visto a seguir.

3. A ILHA COMO REPRESENTAÇÃO DO INSULAMENTO HUMANO

3.1 A Ilha: constituições filosóficas e literárias

Ao iniciar esse capítulo, é necessário rememorar períodos da história mundial, em que aventureiros desbravaram novas terras, tomados pela intenção de transcender-se, ir a um lugar onde nenhum outro havia chegado. Descobrir algo fora de si que trouxesse a compreensão das verdades profundas, escondidas no ser, como se o interior da alma fosse uma ilha.

Para os antigos viajantes, os continentes e as ilhas sempre foram passagem. O Brasil já foi uma ilha, convertendo-se como um entremeio para se chegar ao Cabo da Boa Esperança, no sul da África, no caminho marítimo para as Índias. A “Ilha de Vera Cruz”, primeiro nome dado ao Brasil pelos portugueses, se faz presente no documento inaugural da literatura nacional: a *Carta de Pero Vaz de Caminha*. Um documento precioso no plano histórico brasileiro, mas também revelador da tentativa portuguesa em delimitar um espaço que se mostrava intransponível. Todavia, a imagem da ilha, além de ser considerada uma analogia à natureza, pode manifestar-se como parte subjetiva, inerente a cada ser humano e, chegando ao universo literário, pode se tornar um espaço de interlocução afetiva, social e política.

Neste capítulo, será possível pensar que, na ficção, os sujeitos se cercam de lugares como se os vestissem das suas próprias caracterizações, auxiliando-os a construir o repertório de recordações, conflitos e afetos que irrompem significativamente suas narrativas. Assim, a partir da conceituação de *ilha* faz-se interessante caminhar nesta pesquisa entre a ilha física e a ilha da individualidade humana, com suas problemáticas internas, seus desafios e obstáculos, pois as ilhas de Paes Loureiro (1976) e Hatoum (2008) tornar-se-ão um universo paradigmático do ambiente amazônico.

O vocábulo ilha, na Língua Portuguesa (HOLANDA, 2010), vem a ser no aspecto geográfico, uma porção de terra cercada de água por todos os lados, ou também um grupo de casas isoladas de outras habitações. Pode-se perceber, então, que a imagem da ilha converte-se numa espécie de “entremeio” – provisório, mas imprescindível, provocando uma dimensão ambígua. Platão, filósofo grego, foi quem apresentou pela primeira vez a metáfora da ilha, ao contar a história de um continente perdido, ou ilha de Atlântida, mais ou menos entre os anos 355 a 370 a.c. A narrativa sobre essa terra é encontrada em dois de seus diálogos – *Timeu e Crítias*. Segundo o autor, o Continente ficava localizado no Oceano Atlântico, próximo do Estreito de Gibraltar até sua destruição, 10.000 anos antes.

Platão (2011, p. 69-211) descreveu Atlântida, a ilha-continente, com anéis alternados de mar e terra, com um palácio no centro. Uma terra de maravilhas da arquitetura e engenharia,

composta de uma série de paredes e canais concêntricos. Bem no centro havia um monte e no topo deste um templo para Poseidon, o Deus do Mar, para os antigos gregos.

Atlântida seria uma ilha de extrema riqueza, quer vegetal e mineral, não só magnificamente prolífica em depósitos de ouro, prata, cobre, ferro, como também em *orichac*, um metal que brilhava como fogo. Era riquíssima em petróleo. Uma sociedade que vivia no ápice da sua glória, quando aconteceu seu declínio e destruição, por catástrofes naturais. A história dessa ilha narrada por Platão objetivava refletir junto ao povo da época, sobre os princípios morais e éticos que estavam sendo esquecidos na Grécia do filósofo. O autor, por meio de um relato com viés moralizante, tentou repassar a mensagem que se o povo grego não alimentasse mais as suas virtudes, terminaria sucumbido como os habitantes de Atlântida foram e a sua terra submergida pelo mar. Na verdade, a Ilha de Atlântida era uma crítica à sua própria sociedade.

A partir do pensamento de Platão sobre o que viria a ser uma ilha, é possível tomar como conceito aproximado ao que trata este capítulo, o encontrado no *Dicionário de Símbolos*, de Gheerbrant e Chevalier (2009), que alega ser a ilha um centro espiritual primordial encontrado nas diversas culturas: “A ilha, a que se chega apenas depois de uma navegação ou de um vôo, é o símbolo por excelência de um centro espiritual e, mais precisamente, do centro espiritual primordial” (GHEERBRANT & CHEVALIER, 2009, 501).

O chamado centro espiritual primordial é a configuração da afeição do homem pela natureza. Uma esperança do ser de vencer a desunião da existência provocadora do caos. O longo percurso navegado entre os rios faz pensar que os conflitos vividos serão esquecidos ou reelaborados, em meio ao isolamento geográfico. E, além de isolamento geográfico, falar em ilha é falar em viagens, em estar e não querer partir, em partir e temer voltar. A noção de lugar antropológico, ou de um “não- lugar”, aplica-se à imagem da ilha como portadora de identidade, por aqueles que nela habitam. Mesmo que seja mitificada, a ilha impõe suas marcas, por muitas vezes, longe de manifestarem uma harmonia selvagem ou uma metáfora de paraíso perdido.

Segundo os geógrafos, há dois tipos de ilhas: as ilhas continentais que estão separadas do continente, nascidas da erosão, sobrevivem daquele tipo de solo, ou da absorção que as retinha. As ilhas continentais também podem ser denominadas de ilhas acidentais ou derivadas. As ilhas oceânicas, conhecidas como originárias ou essenciais, em muitos casos, são construídas por corais ou por erupções submarinas que podem submergir sem que haja tempo de serem anexadas ao continente. Essas ilhas são o testemunho da relação paradoxal entre terra e água. Uma das partes remete-se ao homem para lembrá-lo de que o mar está sobre a

terra. Em outra parte, a terra está a congregar suas forças para vir à tona. Assim, é possível pensar a ilha sem a característica tranquilizadora apresentada. De um modo ou de outro, a existência da ilha será sempre algo surpreendente, visto que o homem, segundo as narrativas aqui estudadas, só pode viver sobre esse território, esquecendo a sua representação.

Uma obra importante da literatura que traz histórias no território insular é a *Odisseia* de Homero. Essa obra épica tem cerca de 12 mil versos breves e narra as aventuras de Odisseu, rei de Ítaca, até o seu retorno à terra natal. A narrativa conta que Ulisses, ou Odisseu, esteve ausente de seu país durante vinte anos. Enquanto vivia grandes aventuras, sua esposa Penélope era cortejada por muitos pretendentes em busca de posses e poder. Após a sua longa jornada, o herói retorna à Ítaca, vingando-se de todos aqueles que pretendiam obter suas terras e riquezas. Muitos espaços insulares serão revelados a Ulisses, como a ilha dos Lotógrafos, que será a representatividade do interior humano. Metáfora da vida sem preocupações e esforço. A provação de estar nessa ilha e procurar sair dela será a vitória do herói sobre a inércia a qual acomete a alma humana, deixando o ser de lutar pelo que almeja. Cada ilha terá uma representação, como a ilha de Éolo, símbolo da tormenta psíquica.

Nessa ilha, o rei Éolo, o governador dos ventos, recebe Ulisses no seu território e oferece ao herói um saco que contém feitiços. Ulisses aceita, mas não abre a oferta. No entanto, seus companheiros curiosos, pensando ser algum tipo de tesouro, abrem para ver o que o rei havia ofertado. No mesmo momento, uma terrível tempestade provoca o naufrágio do barco deles próximo à ilha de Lestrígones, local habitado por um terrível canibal e, mais uma vez, perde um de seus companheiros. Os ventos, nessa narrativa, são os conflitos do cotidiano. Ulisses diz ao leitor que é necessário suportar as incertezas próprias da existência do homem. A viagem oceânica se converterá simbolicamente em um paradigma da errância humana. O espaço insular será sempre um processo de configuração desses desafios, serão as ilhas de sentido.

A narrativa de Homero mostra os rumos que desafiam a existência humana, pois sempre conduzirão esse sujeito por espaços remotos, longínquos, fechados em si mesmos, aprisionadores. Em alguns momentos, suas ilhas serão fantásticas, mas sem deixar de ser perigosamente estranhas e desconhecidas do ser. Afinal, muitas vezes, os indivíduos podem encontrar-se com Calypso e Circes, metáforas de obstáculos difíceis de ultrapassar.

Ao narrar sobre *A Ilha dos Amores* nos cantos IX e X, em *Os Lusíadas*, Luíz Vaz de Camões sugere que os territórios insulares são locais ideais, onde as mais belas ninfas esperam os lusos semideuses para mostrar-lhes o verdadeiro paraíso. A ilha se transforma aqui em porto de históricos desbravadores, ao se colocar como o lugar em que a realização

erótico-amorosa se apresenta como representação do término de um projeto utópico. Nesse episódio, a epopeia afasta-se dos desconcertos do mundo e escapa-se para o sonho, como uma catarse reconfigurada em prazeres. Esses vêm suprir os dois planos do *desamparo* sentido pelos navegadores portugueses: o psíquico na figura do amor sensual, provocados pela presença de belas ninfas; e o material, configurado nas várias formas de dominação e conquistas territoriais.

A alegoria da Conquista e êxito dos portugueses ocorre nessa ilha fantástica, pois é nela que toda tensão será configurada em harmonia. Esse lugar compreende os elementos passados pelos heróis: terra, água e céu. Assim como na ilha haverá a ocorrência dos três planos temporais: presente, passado e futuro. Os espaços e o plano temporal farão a seguinte correlação: a terra é o espaço de realização do passado português; o mar é o lugar do presente, onde ocorre a ação expansionista; na ilha se prediz o futuro de outras conquistas que consumarão na grandeza e a fama.

De longe a Ilha viram, fresca e bela,
Que Vênus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naus navegam a movia
A Acidália, que tudo, enfim, podia⁴.

A ilha se configura como o espaço de interstício, o qual ocorre a ação heroica do homem, diante do universo abstrato e atuação dos deuses. A ilha é o restabelecimento da Harmonia, que na ilha e pela ilha se opera. E a recolocação do Amor, como centro da Harmonia e do Mundo, é também uma catarse das misérias da própria História e da vida, no tempo de Camões.

A ilha de Camões opõe-se compensatoriamente às dores, às frustrações e ao desespero que a existência humana acarreta, sobretudo, às privações que os navegantes suportaram durante vários meses. Aliás, esse é um dos componentes do espírito humanista, o retorno à utopia de concepção de homem realizado em plenitude e harmonia, sem as limitações e sem contradições que a natureza humana lhe impõe. A Ilha dos Amores sublima a competência do Homem na busca permanente dos seus ideais. E as Ninfas da Ilha nada mais são do que as honras que imortalizam a vida da humanidade. A partir desse pensamento, excessivamente

⁴ CAMÕES, Luís de. A Ilha dos Amores. Canto X, Estrofe 52. In: Os Lusíadas. Edição completa. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

positivo sobre os espaços insulares, que Thomas Morus publica pela primeira vez, em 1516, *Utopia*, obra que será abordada a seguir e representa uma ilha habitada por uma sociedade perfeita. Por isso, nesse mesmo século, Luís de Camões ao narrar o mito da *Ilha dos Amores* em *Os Lusíadas*, presta um contributo nacional ao papel idílico dos espaços insulares. Nessa perspectiva, as ilhas são como um “espaço-solução” para os problemas existentes nas sociedades do período.

Thomas Morus (2005) por meio da criação de uma ilha imaginária possuidora de uma sociedade ideal, revela o seu desgosto com a dinâmica governamental, causadora do desamparo social e político do território insular em que vivia: a Grã-Bretanha do século XVI. De certo, a obra *A República de Platão* foi uma inspiração para a *Utopia* de Morus, pela temática da filosofia política denunciadora das injustiças da polis. Nessa obra, Morus descreve a ilha como um país em um lugar nenhum, o qual havia um governo sem ações egoístas, uma sociedade sem iniquidades, belicismo, sem a falta de ética e da moral, sem antagonismos entre a cidade e o campo, sem trabalho assalariado, sem luxos excessivos e gastos supérfluos, sendo o Estado, o órgão administrador da sua produção.

O autor divide seu trabalho em dois momentos. No primeiro, denominado de Cidade Real, no qual constrói uma análise sobre as questões políticas e econômicas da Inglaterra daquele período, se manifestando contra a pena de morte para crimes como o furto que, na época, havia aumentado por conta do desemprego e da fome. Na segunda parte do livro, descreve a Cidade Perfeita, inspirado no desencanto da Europa, o autor imagina um Novo Mundo, onde o homem consegue a felicidade almejada. Na verdade, Morus sinalizou a necessidade de transformação da sociedade a qual fazia parte, tornando-se o iniciador da luta pelo sentido da terra e das questões pertencentes às problemáticas políticas e sociais no período renascentista. Assim, entre a esperança de encontrar-se em outro lugar e a crítica do vivido, a ilha é uma metáfora geográfica do Eldorado perdido.

Vale a pena lembrar que a busca incansável pelo amparo ou pela felicidade plena vem com o *Paraiso* perdido, lugar que assegurava ao homem, a perfeição em todas as dimensões. E é no Mito da Criação, encontrado no livro do *Gênesis* na abertura da Bíblia judaico-cristã que a imagem arquetipal de um mundo organizado e harmonioso, construído pelo Criador, se presentifica. Por meio de uma voz de comando, ecoada por Deus: “Faça-se!”, que será configurada a imagem-arquétipo do Paraíso. No entanto, o homem pecou ao desejar saber tanto quanto seu Criador e foi expulso daquele lugar, onde não conhecia nem angústias, nem dissabores, nem *desamparo*. De acordo com Silva (2009, p. 36), essa “[...] perda passou então a motivar a busca para a reconquista do Paraíso que fora perdido pelo homem primevo, bem

como, da religião com o divino”. Mas o Criador deu ao homem uma nova chance e assegurou-lhe a “Terra Prometida”, uma terra especial, localizada na cidade de Canaã. Todavia, o povo peregrino de Israel foi submetido a árduas provações durante quarenta anos no deserto, conflitos jamais sentidos antes no Paraíso. As imagens da cidade de Canaã e do deserto se tornaram culturalmente, segundo Silva (2009, p. 37), imagens arquetipais: “a peregrinação, como ação de travessia, e o deserto, como lugar ou cenário mítico. Daí a contínua peregrinação humana em busca da completude plena”.

A obra de Thomas Morus procura revelar explicitamente uma sociedade perfeita, como crítica à sociedade inglesa imperfeita, como nas obras de Paes Loureiro (1976) e Hatoum (2008), as quais expressam nitidamente a imperfeição da sociedade contemporânea, prevalecendo os conflitos, as perdas e as fragmentações do homem na modernidade. Todavia, as escrituras de Morus, bem como dos autores das obras em apreço, se mostram respectivamente como uma crítica às problemáticas de suas sociedades. Na esteira da *Utopia*, outros escritores surgiram juntamente com suas cidades ou ilhas imaginárias. Um deles foi Francis Bacon que editou, em 1627, a obra *A Nova Atlântida*, inspirada, assim como o livro de Morus, na obra *A República de Platão*.

Outro a se ocupar da utopia foi o monge calabrês Tommaso Campanella, cuja obra *Cidade do Sol* é um dos destaques do século XVII. Essa obra pregava que a ordem social e a hierarquia, inspiradas na astrologia deveriam servir para harmonia à produção coletiva, encaminhando a redução do esforço físico na organização da sobrevivência. Segundo a visão do autor, a astrologia e a religião representam o sol revelador da imagem de Deus. Foi em um calabouço, que Campanella redigiu o texto, configurando-o como uma nova utopia localizada em uma “ilha”, sendo esta uma criação racional. O autor descreve o paradoxo do mundo que o torturava. É uma escritura que revela o oposto harmonioso de uma época decadente, uma cidade ordenada, segundo os astros, um paraíso sem conflitos, sem propriedade privada, nem riquezas indiscriminadas.

Uma das obras importantes que também se refere à temática utopia, é o livro de Johann Gottfried Schnabel, intitulada *A Ilha de Felsenburg* escrita em 1731. Esse texto está inserido na tradição das ilhas como local de projeção de um mundo real, respondendo aos anseios dos indivíduos, bem como, a recusa deste, diante dos regimes absolutistas. E, ainda sobre as grandes utopias, faz-se importante trazer Pierre de Marivaux com a peça de teatro *A Ilha dos Escravos* escrita no século XVIII. A história traz a imagem de uma ilha imaginária, onde senhores e criados desembarcam após um naufrágio e deparam-se com os moradores do lugar. Escravos revoltados, que os obrigam a trocar de condição, de roupas e até de nomes, trazendo

uma profunda reflexão sobre a servidão e a subjugação. Situações estas que estão presentes em *A Ilha da Ira*, de Paes Loureiro e *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum. Importante ressaltar isso, para destacar novamente - ao contrário da *utopia* - a *distopia*, como característica pontual nas narrativas dos autores amazônicos. Vale ressaltar que, no final da peça de teatro de Marivaux, após os antigos patrões terem se conscientizado da dura vida que os criados levavam, mudam de comportamento. O autor prega a boa convivência entre as classes sociais e a diminuição dos excessos de desumanidade, praticada pelos patrões contra seus empregados.

No contexto das representações da ilha no texto literário é possível ainda citar *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago, publicado em 1998, que narra a busca de uma ilha não localizada em mapa algum. O homem (escrito com h minúsculo) pede ao rei (escrito com r minúsculo) um barco. O rei pergunta-lhe qual seria a finalidade. O homem explica que almeja sair ao encontro de uma ilha desconhecida que os geógrafos já haviam adiantado que não mais existia, pois todas as ilhas desconhecidas já foram procuradas e encontradas, tornando-se assim, conhecidas. O homem então esclarece ao rei que assim são todas as ilhas, até que alguém desembarque nelas. Tal afirmativa ocorre porque o conto de Saramago (1998) é rico em metáforas, sendo a própria narrativa uma delas, abrangendo diversos assuntos e questões relativas à vivência humana. É um diálogo imbricado de perguntas e respostas imediatas, que as personagens esbarram em suas próprias incertezas.

“Que ilha desconhecida?”, perguntou o rei, disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, a quem não seria bom contrariar logo de entrada. “A ilha desconhecida”, repetiu o homem. “Disparate, já não há ilhas desconhecidas. Estão todas nos mapas. Nos mapas só estão às ilhas conhecidas. E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura?” “Se eu te pudesse dizer, então não seria desconhecida.” “A quem ouviste tu falar dela?”, perguntou o rei agora mais sério. “A ninguém.” “Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe?”. “Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida”. “E vieste aqui para me pedires um barco?”. “Sim, vim aqui para pedir-te um barco” (SARAMAGO, 1998, p. 17-18).

Dessa maneira, o narrador se opõe ao discurso daqueles que só se preocupam com aquilo que a humanidade já conheceu e conquistou. Mas também destaca a importância do sujeito conhecer o seu interior, como fez o “homem e a mulher da limpeza”. Em companhia dessa mulher, o homem empenha-se em sua “busca”, emergindo da narrativa, questionamentos a respeito da verdade, felicidade, segurança e a incansável procura desses sentimentos pelo ser humano. Assim, o conto de José Saramago (1998) diz ao leitor que a

procura pelo autoconhecimento faz parte da condição humana. Por isso, a personagem insiste em seu objetivo de encontrar o que procura. Pois, descobrir a si mesmo, o sentido de sua existência, é fundamental. Nessa obra, a ilha configura-se como uma metáfora da consciência, daquilo que a humanidade denomina de “mundo interior”. Um interior, muitas vezes desconhecido pelo próprio sujeito. Esse projeto de “buscar a si mesmo”, na imagem poética de uma ilha misteriosa, reflete um anseio universal e que move o homem desde os tempos imemoriais. Sobre esse aspecto, Benjamim Abdala Júnior (2003) assevera que a ilha desconhecida, confunde-se:

Com a própria embarcação, a navegar pelo mar da vida, “à procura de si mesma”. A ilha, afinal está na cabeça de quem a procura – uma imagem utópica que motiva sua navegação existencial, transformada na própria embarcação. O barco-ilha pode ser compartilhado com uma companheira, mas também com outros navegantes interessados em descobertas (ABDALA JÚNIOR, 2003, p. 26).

Por isso, Saramago (1998) mostra a que a busca pelo autoconhecimento, muitas vezes, não acontece de modo solitário, porque cada sujeito necessita encontrar-se consigo mesmo. No conto, a personagem tem como companheira a metafórica mulher da limpeza. Tal procura é comparada aos antigos desbravadores, conquistadores de ilhas e continentes, afinal, é preciso esforço e tempo para se chegar ao próprio Eu. *O Conto da Ilha Desconhecida* apresenta ao leitor a atualização das forças paradoxais exteriores *versus* o interior do ser, em um programa narrativo de personagens representativas que se expressam por meio de dois discursos: primeiro, o da conformidade diante dos desafios da vida; o segundo, contrário ao primeiro, é o desafio de encontrar-se com o desconhecido que carrega dentro de si.

Ao entrar nos estudos da geografia insular amazônica, faz-se importante ressaltar que nesta região estão os dois maiores arquipélagos do mundo. Em primeiro lugar está o arquipélago de Mariuá⁵, com mais de 1.400 ilhas e em segundo, o arquipélago de Anavilhanas, com mais de 400 ilhas. Ambos estão localizados no estado do Amazonas. Mas, é o arquipélago do Marajó⁶ localizado no estado do Pará, que forma um sistema fluvial complexo. Além de apresentar um conjunto de rios, igarapés e lagos é o maior arquipélago flúvio-marítimo do mundo, se destacando também por possuir o maior rebanho de búfalos do país.

⁵ Fonte: <https://tipomanaus.com.br/viagem/amazonia-um-passeio-pelos-maiores-arquipelagos-do-mundo>. Acesso em: 08-07-2018.

⁶ Fonte: <https://viagemturismoaventura.blogspot.com/ilha-de-marajo-para-maior-arquipelago.html>. Acesso em: 08-07-2018.

Outra ilha da Amazônia paraense importante, por ter sido no passado uma ilha-cárcere, é a ilha da Cotijuba⁷. Ela é uma das 42 ilhas que integram o arquipélago próximo à cidade de Belém. Esta ilha abrigou, na primeira metade do século XX, um presídio, rememorando um passado obscuro da história do estado do Pará, por ser um ambiente de torturas e maus tratos. Relatos de moradores da época contam que a ilha chegou a ficar conhecida como “A Ilha do Inferno”.

Partindo dessas premissas, é possível compreender que há muito tempo o homem e a imagem da ilha estão, de alguma forma, interligados. Para refletir sobre essa questão, retomase a ilha *de Eldorado*, manifestada como um espaço de projeção do *desamparo* psíquico. Imagem do ocultamento, da fuga do real, um paradoxo do paraíso perdido, que desemboca na contínua procura de um regaço amparador. Isso acontece porque a paisagem insular é rica em profundidade, enquanto expressão dos sentimentos e sensações humanas. Ela reflete, no homem, a sua própria história.

Ainda na perspectiva da categorização da ilha como expressão dos afetos sentidos, verifica-se que esse território abrigará cenários extremos, em que os traços de *desamparo* e *insulamento* nas duas obras, assumem contornos nítidos e isso pode ser visto nos discursos das personagens:

[...] Entre nós dois havia a sombra de minha mãe: o sofrimento que ele suportava desde a morte dela. Para Amando, eu era o algoz de uma história de amor (HATOUM, 2008, p. 27).

[...] uma menina sem nome, filha de um povoado do Uaicurapá, o rio da fazenda Boa Vida. A mocinha me deixou zonzó: um anjo triste, o rostinho moreno, cheio de dor e silêncio. Era órfã de mãe, e tinha sido deflorada pelo pai (HATOUM, 2008, p. 63).

[...] Senhora dos desesperados/valei-nos, Senhora.
Nossa miséria é grande/e a vida pequena, Senhora.
Nossa vila é sem fartura/Nossa vila é sem fortuna (LOUREIRO, 1976, p.149).

[...] Ninguém quer saber tuas exigências e direitos (LOUREIRO, 1976, p. 152).

⁷Fonte:<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/ilha-em-belem-e-destino-inexplorado-em-plena-regiao-metropolitana.html>. Acesso em: 08-07-2018.

Paes Loureiro (1976) e Hatoum (2008), por meio das suas obras, permitem uma nova significação de ilha. A ilha deixa de ser a imagem de bela paisagem para se mostrar como um cenário extremo, um território aprisionador, repleto de situações e condições adversas característica do contexto conflituoso da pós-modernidade. Essa reflexão fundamenta-se em Bauman (1999, p. 14), ao afirmar que: "a existência é moderna, na medida em que é produzida e sustentada pelo projeto, manipulação, administração, planejamento", visto que foi do interior desse projeto que emergiu o avanço científico-tecnológico que, ao mesmo tempo, proporcionou a globalização econômica e, também, fortaleceu as desigualdades sociais, criando ilhas de misérias de toda ordem (desde a fome até a invisibilização social). Por isso, as ilhas interiores, ao fazerem o homem caminhar em suas ruas em forma de labirintos, dificultando auxílios e facilitando a eclosão de conflitos interiores, provocam no interior do ser o *insulamento*. O qual se encontra agora, assim como o *desamparo*, no patamar da sobrevivência. E, ao comparar um espaço miticamente belo com um cenário extremo, faz-se necessário realizar algumas definições.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa (HOLANDA, 2010), um dos significados de *Cenário* vem a ser o lugar onde acontece ação dramática ou qualquer outro acontecimento fictício; podendo ser ainda, uma conjuntura, fatos ou situações que acontecem num dado momento, como: cenário econômico, cultural e histórico. Quanto à definição de *Extremo*, está ligado ao lugar situado no ponto mais alto, afastado ou longínquo. Essas duas definições são importantes, pois compõem as características das ilhas apresentadas nas obras de Loureiro e de Hatoum. Como já foi dito, as ilhas apresentadas nas duas narrativas não são apenas lugares, redoma ou campo aberto. As ilhas são reveladas como específicas, como territórios originários de desesperança permanentes, em que todos os indivíduos centrais das tramas vivem em condições extremas, dentro de um cenário de violência que propicia o sentimento de *desamparo*, de recolhimento, caracterizada pela metáfora do *insulamento*.

As ilhas de *Órfãos do Eldorado* e *A Ilha da Ira* são ventre e túmulo, guerra e paz, perdas e desconforto, enfim, o início de todos os conflitos. Afinal, para qualquer lugar que as personagens pensarem em ir, o território insular irá com eles. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 501.), a ilha "é simbolicamente um lugar de eleição, de silêncio e de paz, em meio à ignorância e à agitação do mundo profano". Para Paes Loureiro (1976) e Milton Hatoum (2008), este lugar geográfico se faz um abrigo de violências e traumas.

Em *A Ilha da Ira*, a barbárie está instalada. Esse termo faz este estudo rememorar Adorno (1995, p. 155):

Barbárie é algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação à sua própria civilização, – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização –mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda a civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza. (ADORNO, 1995, p. 155),

O sofrimento, sem esperança, faz com que a subjugação, a fome, a iminência de morte, a solidão, construam um ambiente de barbárie que violenta as relações em todos os espaços e estados. O quadro de barbárie permite discutir o movimento duplo caracterizado pelo ideal de proteção dos homens *versus* o esfacelamento do ser. O esfacelamento provoca no interior do sujeito a certeza da impossibilidade de sair da situação de conflito provocada pela violência. Esse sentimento de incapacidade isola o homem e, por isso, remete à imagem da ilha, denominada nesta pesquisa de *insulamento*.

Em *A Ilha da Ira*, o sentido da vida se esgota nas mãos da personagem punitiva Velha. Como já abordado anteriormente, sabe-se que os náufragos passaram a viver, cotidianamente, situações limites que os conduziram ao esquecimento de quem são e de onde vieram. O esquecimento atinge os náufragos como se gradativamente entrassem em um processo de alienação, proveniente da progressiva perda de referência do passado, do mecanismo de domínio e da violência. No seu conhecido estudo, *Mito e Realidade*, Mircea Eliade (1999, p. 113) fala da similaridade entre lembrar e esquecer, dormir e acordar: “o esquecimento equivale ao sono, mas também à perda de si mesmo, ou seja, à desorientação, à cegueira”. Como é possível perceber na conversa entre os náufragos, quando a personagem Sílvia desabafa: “[...] É que não foi só isso que eu esqueci. Já não consigo lembrar quase nada do passado” (LOUREIRO, 1976, p.167).

Anteriormente, já foi comentado que o cenário extremo, em *Órfãos do Eldorado*, manifesta-se no *desamparo* social e econômico, após a decadência do ciclo da borracha. É nesse contexto que o personagem de Arminto Cordovil encontra-se, lembrando as perdas afetivas e os traumas não superados. O protagonista carrega consigo o sentimento de orfandade, como: a ausência de pessoas, amores perdidos e esquecimento político e social. É possível exemplificar essas considerações nos seguintes trechos do romance de Hatoum:

[...] O problema era os pobres, o governo não sabia o que fazer com eles” (HATOUM, 2008, p.21)

[...] entre nós havia a sombra de minha mãe: o sofrimento que ele suportava desde a morte dela. Para Amando, eu era o algoz de uma história de amor” (HATOUM, 2008, p. 27).

Em contraponto ao cenário extremo de desamparos, perdas materiais e orfandade, surge o mito medievo do Eldorado, como proposta de lugar perfeito, sendo a própria manifestação da esperança de encontrar Dinaura. No entanto, mesmo que ainda vislumbre a breve possibilidade de ser feliz junto da mulher amada, Arminto encontra-se imerso em sua ilha conflituosa e controversa, onde se vê a expressão dos dramas existenciais e, sobretudo, dele mesmo, pois este protagonista expressa em sua narração conflitos fundamentalmente psicológicos. Arminto Cordovil vive a angústia da orfandade, a ausência afetiva do pai, as perdas materiais e de Dinaura. Sua neurose habita no pensamento fixo, de ser o oposto de Amando, visto que desperdiçou a herança familiar, sinalizando ir de encontro com os sonhos de riqueza do pai. Um dia, o protagonista reflete: “[...] Queria ser diferente, mas uma sombra do meu pai estava dentro de mim, como um caroço numa fruta podre” (HATOUM, 2008, p. 32). Outra certeza que o amargura é a lembrança da culpa que carrega pela morte da mãe. Culpa esta imposta pelo pai desde o seu nascimento e jamais superada, bem como, pelo breve relacionamento com Florita: a índia que o criou, a primeira mulher de sua memória, o seu anjo da guarda moreno.

No entanto, nenhum drama será maior do que o amoroso. A solidão, a constatação do *desamparo* toma proporções terríveis sem Dinaura. O desejo de reencontrar a jovem órfã pulsará na memória e no coração de Arminto, somando com abandonos, rupturas e desapegos materiais. Em uma das reminiscências, o protagonista dispara: “[...] Eu não morava nesta tapera feia. O palácio Branco dos Cordovil é que era uma casa de verdade. Quando decidi viver com a minha amada no palácio, ela sumiu deste mundo” (HATOUM, 2008, p. 14). Esse trecho revela o estado de *insulamento* no qual o personagem está inserido. Vivendo em estado de *desamparo* pessoal, mas também social, como os ribeirinhos, nas crianças órfãs, a mulher que se suicida nas águas do Amazonas, nos índios, em tantos tipos humanos que marcam presença no palco deste romance de Milton Hatoum.

Vale a pena ressaltar que por via das produções discursivas, as personagens de Paes Loureiro (1976) e Hatoum (2008), imprimem e propagam os aspectos geográficos da região, mas, sobretudo, manifestam o desenredo dos sujeitos e de suas sociedades. E se o mito do Eldorado ajuda os seres humanos a terem esperança em uma realidade melhor, como fuga àquele presente incompreensível, o anti mito da Matinta Perera, configurado na Velha, narra a

irrupção brutal da experiência humana. Isso acontece porque os dois autores, por meio de suas narrativas tentam manifestar, mesmo que de formas diferentes, o aniquilamento humano. O ser corroído, tanto pela perda da família, bens materiais, amores, quanto pela marca da violência extrema. Essa, em *A Ilha da Ira*, constitui a arma para os protagonistas efetivarem a sua prostração, visto que é o mecanismo de rebaixamento.

O *insulamento* fortificará, nas obras em estudo, uma característica eficaz para configurar a ilha interior enquanto cenário complexo e avassalador. Uma dificuldade geográfica psíquica que será percebida na alma de cada personagem, sufocados pela emergência em resistir aos seus cenários, pois se mostram inaceitáveis tanto do ponto de vista afetivo quanto social. Suas vozes irão aflorar então, ainda que contraditoriamente, o desencantamento em meio às paisagens exuberantes exteriores ao ser.

As águas, recorrentes na literatura universal, serão, para as personagens, os seus anseios, a passagem do tempo, a morte, a subsistência e uma constante busca por algo perdido. Todavia, Arminto e os naufragos sabem que o movimento de suas vidas assemelham-se às passagens dos rios, pois não há possibilidade de recuperação, estão marcados pelos traumas sofridos. Cada ilha é a imagem central do sofrimento na narrativa, mas que recebe também a confluência de espaços e nacionalidades, deixados nos resíduos dos deslocamentos de suas personagens. Vale novamente ressaltar que a ilha e as conexões com os sentimentos, assim como a dinâmica do lugar, tornam-se no “eu” destes protagonistas, um cenário extremo.

Nesse processo, as conexões com o *desamparo*, associado ao sofrimento de múltiplos aspectos, se firma. Emerge também do passado lembrado, ao mesmo tempo individual e coletivo, um evento vivido pelo “eu”. É a memória individual, como assevera Duvignaud no prefácio da obra de Halbwachs (2004, p. 14), que está “[...] enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente”. Esse passado constantemente retomado, pelas vias da memória, também é um agente potencializador de conflitos, emoções e sensações, e direciona as ações das personagens para a condição de insulamento.

Em *A Ilha da Ira* há regras estabelecidas, valendo a vida se não forem cumpridas. Condição que evoca sistemas totalitários de governabilidade, sustentados por um jogo de controle sempre imperando a barbárie. Em *Órfãos do Eldorado* a ilha configura-se como lugar evocativo das apreensões existencialistas do protagonista, que tenta procurar um Eldorado psíquico, na esperança de encontrar a verdadeira felicidade, apagando da sua vida as perdas e danos provenientes das suas relações afetivas. Porém, esse espaço pode abrir trilhas

em meio a um cenário nunca antes visitado, por um homem que abriga no seu interior, a traição em sua alma. De certa forma, para essas personagens, esses espaços não serão apenas fuga de uma dura realidade, “mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 68). E isso é visível porque os próprios espaços insulares provocam, no leitor, um efeito de questionamentos por se perceber a mescla de ações dos sujeitos, ao apontar a submissão, a subjugação pacífica e o abandono de pessoas e lugares.

No texto literário, ao se chegar a uma ilha, após uma viagem sem nome e sem destino, é constatada a errância de uma determinada personagem em busca de algum conforto, ou de um reconhecimento de si. E, é exatamente por esse motivo, que as personagens de *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado* sempre optarão por um espaço que, na realidade, não está em lugar algum. Isso ocorrerá porque a condição dos sujeitos se constrói a partir da dúvida, do amor, da perda, da eminência de morte, da instabilidade de conhecer-se a si mesmo, das circunstâncias da vida, da orfandade, do *insulamento*, do *desamparo*. A partir dessa perspectiva, a ilha será para as personagens, ao mesmo tempo, causa e efeito de seus conflitos e sofrimentos, levando-as a morar nela ou ir ao seu encontro. O retorno à ilha se faz necessário para que o homem sacie a sede de seu espírito. Entretanto, as viagens, para ele, permanecem inevitáveis porque, como desbravador, precisa alimentar-se das descobertas que cada viagem proporciona e da emoção que esta provoca nele. O ser humano é, irremediavelmente, um eterno viajante. Em vista dessa reflexão, faz pertinente retomar o raciocínio de Finazzi-Agrò (1993), que garante:

Ilha é fragmento espacial reconhecível, dotado de uma identidade cartográfica própria, ao mesmo tempo, uma condensação retórico-discursiva, é o local ilocável em que se juntam e se sedimentam imagens muitas vezes contraditórias (FINAZZI-AGRO, 1993, p.2).

As narrativas de *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado* apresentam personagens à procura de outros espaços, com funções compensatórias, ainda que pareçam ilusórias. Isso acontece porque a violência, a orfandade e a solidão do ser são formas geradoras de *insulamento* percebido nos caminhos discursivos e imagéticos, utilizados pelas personagens a partir de seus respectivos olhares sobre as suas ilhas

Para Arminto, a ilha é o ponto necessário para um resgate do passado, é o material que fará dele sobrevivente das catástrofes de sua vida. Já a ilha-cárcere dos naufragos é a degradação do ser humano, travando-se uma batalha entre o ser e as torturantes injustiças

humanas e sociais. A imagem desse lugar associa-se diretamente à violência de ordem psicológica e física e, com isso, a orfandade irá sedimentar-se nas contradições que serão a tônica da ação das personagens da narrativa, sendo estas: a derrota e a submissão, criando-se um elo inextrincável entre a ação e os moradores da ilha-cárcere. Esse confronto entre forças antagônicas produz uma rede de significações que contribuem para o entendimento dos mecanismos de conflito na ilha.

Dessa maneira, a imagem da ilha e, por conseguinte, a condição de sujeito insulado será, em ambas as obras, a resposta da condição deficitária, categoria nuclear para o *desamparo*. Com isso, percebe-se que o simbolismo da ilha ultrapassa os séculos, cujo sentido se configura sempre na perspectiva de uma nova leitura e ressignificação, pois na contemporaneidade:

Já não é a ilha que se separou do continente, é o homem que, estando sobre a ilha, encontra-se separado do mundo. Já não é a ilha que se cria do fundo da terra através das águas, é o homem que recria o mundo a partir da ilha e sobre as águas. (DELEUZE, 2004, p.7).

O tema da ilha está intimamente ligado à passagem, ao isolamento, à orfandade, ao *desamparo*, à solidão. As ilhas, desligadas dos continentes, podem apresentar-se na literatura como o berço ideal para os afetos humanos. Nesse sentido é exemplar a adoção, de acordo com os discursos do personagem Arminto Cordovil, em partir para uma viagem aventureira e desembarcar em uma ilha, cujo resgate se faz na busca de encontrar o amor perdido. Personagens como Patroni, Sílvia, Tião, Ana, Heitor, Ulisseu, assim como Arminto, Dinaura, Florita, Amando e Estiliano são colocados frente a uma situação radicalmente adversa. A estrutura negativa em que vivem é sobreposta à estrutura positiva da situação imaginada e constantemente buscada, pois o que ganha relevância é a condição distópica do espaço insular projetado sobre o destino das personagens.

O teor utópico, como percebido anteriormente neste capítulo, oferece relatos sobre os mundos do passado, o qual defendia-se a presença de uma sociedade melhor. Outros acreditam na existência de ilhas nas quais os homens criaram sociedades harmônicas por meio de seus empenhos para que isso acontecesse. Assim, o pensamento utópico enquanto expressão do imaginário, construiu uma longa trajetória através dos séculos. Até chegar John Stuart Mill e defender o termo distopia, em 1868. Mill afirma, “o que é comumente chamado utópico é algo bom demais para ser posto em prática, mas o que eles parecem defender é algo

ruim demais para ser posto em prática”⁸. A síntese desse pensamento pode ser iniciada pela perda da esperança no desenvolvimento pleno da humanidade. A partir dessa reflexão, a não realização dos sonhos e projetos ao longo da vida, configuram-se como utopia realizada.

As distopias são, portanto, formas de criticar, a exacerbação do poder nos regimes e modos vigentes. Se a utopia promete um mundo melhor a partir da comparação com o atual, a distopia revela um mundo nada favorável a partir do exagero na aplicação de leis, dos modos de dominação, dos sistemas econômicos ou políticos desiguais e monopolizadores, costumes, ideologias ou crenças contemporâneas que favorecem os desníveis sociais. Em *A Ilha da Ira* a distopia se presentifica. As personagens vivem em crise, seja ela de ordem afetiva, econômica ou social e toda crise não oferece chances de transformação, bem como, riscos de fracasso. Nos conflitos percebidos nesta obra, o medo e a desesperança se mesclam; pois somente os seus conflitos internos é que manterá as personagens caminhando. É possível perceber nos discursos a permanência de uma busca. Essa busca compara-se à dos grandes navegadores que desbravavam oceanos e mares para encontrar o desconhecido.

Para ilustrar essa reflexão, traz-se a viagem de Arminto em uma velha embarcação, rumo a ilha de Eldorado. Fato este que remete à lembrança de viagens feitas por personagens literários ao longo dos séculos. Assim como os viajantes modernos chegaram à Amazônia, impulsionados em descobrir novas terras, e reencontrar o Eldorado perdido, Arminto torna-se o viajante que continua essa faina.

[...] Viajei numa embarcação velha: um vapor do Mississipi, o último que navegava na Amazônia. Pendurei no pescoço um olho de boto que ganhei de Florita e enfiei no bolso da calça a fotografia de minha mãe, Angelina. (HATOUM, 2008, p. 100).

Desse modo, pode-se constatar até o momento que as distopias para as personagens são transgressões presentificadas por meio de seus discursos e, por isso, todos são punidos com a impossibilidade no tempo presente, porque a realidade em que os narradores de *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado* se inserem, é como o *desamparo* que impõe sempre, o seu poder sobre o homem. É que nos contextos de *desamparo*, os narradores desenham, muitas vezes, com desencanto, as suas realidades e o caráter distópico entra como uma força sem medidas, anunciando a impotência do Eu. O pensamento distópico, em *A Ilha da Ira*, está intrinsecamente ligado à negação da existência de sistema defendido pela *Utopia*,

⁸ Russel Jacobi (p. 202, 2007) recupera o texto original a partir de Mill, John Stuart. *Hansard's Parliamentary Debate*. Londres: Cornelius Buck, 1868, terceira série, v. 190: 1867-68, p. 1517.

despertando, assim, a impossibilidade de transformação da sociedade, de acordo com um ideal de liberdade e igualdade da humanidade.

Essas observações entre utopia e distopia desenvolvidas a partir dos discursos das personagens, direcionam o leitor para uma perspectiva crítica da distopia. Afinal, é visível que nelas, os autores não se abstraem das realidades do ser, pelo contrário, trazem-nas de forma integral. Delineiam-se assim, áreas de tensão, no qual os sujeitos históricos e ficcionais – em busca de recuperar-se de rupturas internas, a fim de instaurar uma revisão dos valores, dos contextos vividos e de modos de ser – cultivam em suas lembranças, as imagens utópicas de um tempo perdido.

A utopia, então, servirá para impelir, na imaginação, o movimento que conduz os narradores à ilha ou a tentar desesperadamente sair dela. Sob essa perspectiva, a ilha seria “tão somente o sonho do homem, e o homem seria a pura consciência da ilha” (DELEUZE, 2004, p. 8). Sobre essa perspectiva, a ilha seria uma representação que procura mostrar um instante revelador do interior humano. É assim constituída como um espaço necessário para que as personagens desvelem seus interiores e fiquem diante de suas fraquezas frente à realidade violadora que os cerca. Das respectivas ilhas de Paes Loureiro (1976) e Milton Hatoum (2008) surgem imagens tão íntimas e profundas que, por vezes, tornam-se enigmas a serem decifrados. Essa associação do real concreto e a imagem da ilha, por via de metáforas, tornam as duas narrativas repletas de imagens e significações.

3.2. Ilhas e Encantados da Amazônia: o imaginário mítico como evidência do *desamparo*

As ilhas que compõem a paisagem amazônica apresentam uma interessante composição florística, solos férteis, árvores exóticas em bosques que se perdem até a densidade de matas fechadas. O acesso às ilhas amazônicas se dá, na sua grande maioria, pelo transporte fluvial. Estes desbravam rios, furos e igarapés, como ruas e estradas, do qual emerge o *desamparo* vivido pela população cabocla e ribeirinha em meio à exuberância da floresta. Nessa perspectiva física, o *desamparo* vem do *insulamento* do homem amazônico, cujos espaços fluviais são a prevalência das únicas vias de integração entre as principais cidades e suas moradias. Origina-se também e, principalmente, nos graves problemas sociais que historicamente atingem as comunidades abrigadas ao longo das terras à beira desses rios e nas inúmeras ilhas. Esse *modus vivendis* agrega elementos de antigas civilizações, congregado a um imbricado diálogo com as metrópoles, intimamente ligado a uma cultura de origem indígena conservada ao longo dos séculos, desde antes da chegada da expedição de Orellanas.

Os saberes culturais dos moradores das inúmeras ilhas amazônicas representam o existir pessoal e envolvem situações de sobrevivência, como forma de respostas para a supressão do *desamparo* vivido. A utilização dos saberes e das crenças em elementos lendários se tornou um campo norteador da ação do amazônida *insulado*, possibilitando que a própria convivência com a natureza sirva de justificativa e, ao mesmo tempo, seja uma solução, para a condição de *desamparo*. Mesmo assim, viajantes ainda percorrem a Amazônia, no sentido literal ou metafórico, enveredando por entre o rio e suas ilhas, o mito e a realidade, à procura do inexplicável. Alguns dizem que as ilhas situadas na região são um campo provocador do imaginário humano, visto que o olhar do homem amazônida, segundo Paes Loureiro (2001, p. 122) “não confia no que vê. O olhar, através do que vê, vê o que não vê”. E é nesse universo interior que os mitos e as lendas habitam.

Essa composição por vias do imaginário, em Hatoum e em Loureiro, resgata elementos lendários e fantasmagorias da região, articulando uma linguagem aquecida por sujeitos que convivem com seus *insulamentos* pela ausência de defesas seguras diante do perigo e da dor. A oposição versada entre o passado e o presente, enfatiza corpos e mentes desgastadas pela ausência de “um paraíso perdido”, pois o presente está contaminado pela desilusão e muitas vezes por diferentes formas de violência. Os elementos da natureza, viventes no imaginário cultural, mostrarão em ambas as narrativas uma estranha simbiose entre os sujeitos. Isso acontece porque as ações e as ilhas físicas ou interiores, das personagens, rememoram uma relação primordial com o mito, claramente mostrada em um presente incerto, de degradação e perdas. A ilha subsistirá como um lugar de experiências brutais.

Segundo Loureiro (2001), que além de escritor é pesquisador, a essência do mito se faz a partir da organização de símbolos, seus traços de caráter e a função a eles atribuídos, confirma sua ambiguidade e complexidade. O estranhamento imanente a esta região de ilhas cria para o caboclo amazônida, em especial o ribeirinho, uma necessidade explicativa. Por seu imaginário ser natural, ele busca a “coexistência afetivizada” (LOUREIRO, 2001, p.237), na tentativa de suprir suas necessidades materiais, emocionais e espirituais.

Toda essa análise se reporta à manifestação do *desamparo* no contexto mítico narrativo, trazido por Milton Hatoum e Paes Loureiro, em suas respectivas obras. Caapora, Curupira, a Velha rememorando a lendária Matinta-Pereira, a mulher encantada que se apresenta como a bela órfã Dinaura, a ilha de Eldorado, a ilha dos naufragos, são a presentificação da incompletude humana, funcionando como a distância entre o objeto do desejo e a presença que escapa do terreno da completude humana: aquilo que se coloca entre

o objeto do desejo - a necessidade - e todos os infortúnios em constante ameaça à plenitude. Esse terreno desfaz as certezas, promovendo insatisfações e vazios e determinando a busca de auxílio ou de um alívio para o seu padecer. E a ação de transferir a justificativa para a impossibilidade de acesso ao objeto desejado e superar o *desamparo* é percebido nas duas narrativas em análise.

No início das duas obras, os autores propõem uma ruptura que atinge o vínculo que o amor traz, aos seres. Em *Órfãos do Eldorado* há uma índia tapuia que entra no rio Amazonas e seu “corpo vai sumindo no rio iluminado” (HATOUM, 2008, p.12) até submergir. Em *A Ilha da Ira*, o navio que levava um elenco de uma peça que seria encenada no grande teatro Amazonas naufraga, e a situação os leva a uma ilha do *desamparo*. Os estudos de Freud (1987) acentuam o conflito do homem e sua luta inacabada. E pela humanidade estar presa tanto em sua natureza animal como a cultura em que pertence, o apelo a uma entidade mítica ou delegar a ele justificativas pelo desconforto sentido se faz necessário, pois ele atuará como desvelador da situação de *desamparo* e das perspectivas desejanças do ser.

A Amazônia, região em que se passa a trama das narrativas de Paes Loureiro e Hatoum, aponta a *falta* ligada ao *desamparo social*, pois além de sofrer incuráveis problemas sociais, a relação articulada entre o homem e o “Inferno Verde”⁹, apresentou-se com o passar dos anos, em uma desenfreada cobiça das riquezas naturais e degradação de sua população nativa. Não foi por acaso que Alberto Rangel, publica em 1908, a obra “Inferno Verde”, para falar da realidade amazônica das primeiras décadas do século XX, descortinando a visão paradisíaca da região e afirmando que o Eldorado não se encontrava nesse território. Essa escritura na verdade declara a conflituosa relação entre seus tipos humanos, levantando a reflexão se o Eldorado existente não se apresenta na rotina dos exploradores, dos que comandam a região.

Nesta narrativa dos primeiros decênios do século XX, o cenário apresentado e os conflitos das personagens coexistirão deixando marcas no discurso narrativo. A interpretação que deve ser realizada propõe considerar a participação evocativa e estimulante do *desamparo social* que deixa de ser uma ação simbólica para se tornar uma ação significativa. Essas assertivas mostram que os textos literários do século XX, escritos pelos autores da região norte do Brasil revelarão uma Amazônia sobre a influência de outras pátrias, pontuando os rastros de seus deslocamentos. Nessa atmosfera, as vilas, os rios, a floresta, representarão o distanciamento, a solidão e as dificuldades de convívio entre o eu das personagens e o outro,

⁹ RANGEL, Alberto. Inferno verde. Tours: Typographia Arrault, 1927.

na tentativa de expressar os desafetos e conflitos submersos nascidos com o homem e que vem à tona sempre quando o ser se sente abandonado.

Desde as viagens ao “Novo Mundo” (GONDIM, 1994, p. 10 - 30), quando o homem medievo, em meio às transformações sociais de uma “Europa que envelhecia”, sai para o mar em caravelas, instigado a desbravar e explorar o desconhecido, levando na bagagem o sonho de encontrar o “Paraíso e a fonte da eterna juventude”, a Amazônia inicia sua história, possuindo o rio como um veículo representativo do cenário mítico que determinaria o destino da região no decorrer dos séculos. Esse território mítico perseguido pelos antigos navegantes possui o seu alicerce na tradição medieval religiosa que mantinha acesa a existência de um grande rio, “[...] cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais” (GONDIM, 1994, p. 10). Esse sentido existencial, no qual a região é tomada, em seus seguimentos singulares, nascido no imaginário dos povos, dá voz a um local, cujo proceder poético se torna prisioneiro de suas dimensões. Um lugar em que o destituir do interior humano incorpora o tom ameaçador e revelador de ausências.

A região do *desamparo* ergue-se quando Francisco de Orellana, governador da cidade de Guayaquil, em 1541, desceu o rio chamado “[...] ‘mar de água dulce’, que luego de este viaje comenzará a llamarse Río de Orellana” (JOBIM, 2005, p. 136, grifos do autor), até o Oceano Atlântico, atravessando a mais misteriosa floresta já conhecida pelos europeus, vivenciando um embate histórico com um grupo indígena de cabelos longos, que julgou serem as lendárias Amazonas. César Tonho Montalvo (apud D’ANGELO; PEREIRA, 2007) descreve as Amazonas e um pouco desta batalha travada entre os espanhóis e as bravas mulheres guerreiras, baseado no relato do dominicano Frey Gaspar de Carvajal (1941), expedicionário às ordens de Francisco de Orellana, que assim as descreveu:

Estas mujeres son muy altas y blancas y tienen el cabello muy largo y entrenzado y revuelto a la cabeza son muy membrudas, andaban desnudas en cueros, y en verdad que hubo muchas de éstas que metieron un palmo de por uno propósito y pelea, fue Nuestro Señor servido de dar fuerza y ánimo a nuestros compañeros, que mataron siete u ocho, que éstas vimos de las Amazonas, a cuya causa los índios desmayaron y fueron vencidos con harto daño de sus personas. (CARVAJAL, 1941, p.73).

Orellana e seus expedicionários teriam avistado essas índias, no pretense reino das Pedras Verdes, sendo elas conhecidas pelos indígenas como Icamíabas, expressão que significava “mulheres sem marido” (GONDIM, 1994, p. 09-20). Depois de uma batalha travada na foz do rio Nhamundá, entre o Pará e o Amazonas, com a vitória das “mulheres

guerreiras”, “[...] los expedicionários bautizaron al río como el Río Grande de las Amazônas” (D’ANGELO; PEREIRA, 2007, p. 73). A elas está ligada a lenda do talismã verde, o Muiraquitã, conferindo êxito àqueles que o possuem. Os índios narravam histórias aos espanhóis, quanto à existência de campos que pareciam paraísos com suas ilhas e jardins, ao se referirem ao Rio das Amazonas.

Outra narração mítico-lendária que chamou atenção do Velho Mundo foi a do Eldorado. Uma cidade onde havia prédios feitos de ouro maciço, ruas cravejadas de pedras preciosas, tesouros inigualáveis e justiça social. Enfim, um lugar alusivo, segundo Gondim (1994, p.99), às “áreas contíguas do Éden” que representavam uma sedução da coletividade humana, na medida em que era um “lugar fabuloso”, livre de tristezas. Esse inebriante relato trazido pelos antigos navegantes implantou uma valorização regional, como uma maneira de identificar a Amazônia. E ainda, como uma forte manifestação poética. Essa primeira imagem da Amazônia, pautada em narrativas míticas resultantes da informação de um modo de vida e de uma comunicação cotidiana entre homem e natureza, com o passar dos anos deparou-se com a modernização e com a racionalidade que aportaram trazendo seus males, suas pragas, seus conflitos sociais. A mata, os rios, os animais, vertidos em mitos e em lendas, revelaram-se, pertencentes a uma idade primeva, em um tempo cósmico, o qual tudo brotava como nas originárias fontes da criação e que hoje são a representação da linguagem impulsionadora do abandono.

A dimensão lendária e cultural da Amazônia é pauta das reflexões de Paes Loureiro (2001, p.416) ao assinalar que no imaginário dos povos, o paraíso terrestre sempre ocupou um lugar mítico “originário e fundador”. Para esse autor, conquistar terras nessas viagens inaugurais:

[...] era como aportar em um enigma, território do maravilhoso visível, lugar de revelação. A América foi descoberta também pela fantasia, por uma espécie de caravelas do imaginário que navegou do Oriente ao Ocidente – esse novo mundo imaginal. (LOUREIRO, 2001, p.416).

Por isso, Milton Santos (1997, p. 37-40) diz que o homem imprime sentidos nas paisagens, transformando-as em um ambiente social, por se encontrarem repletas de memória. Ela, para todo imaginário humano, revela características de um povo, suas ruínas, a natureza, presença, ausência, o desconhecido. Aqui, cabe lembrar Castoriadis (1986, p. 150-156), para quem o imaginário pode ser comparado ao fluxo de representação-afeto-intenção, sendo este, livre de determinações, cujo produto é o inconsciente humano, lugar em que ocorre a

“criação”, possibilitando o surgimento da subjetividade, o que o leva diferir os seres humanos entre si. Essa argumentação é a fórmula contida em toda narrativa em que o cenário amazônico se faz presente. Sua paisagem em ilhas é a continuidade do ser interrompida pela usurpação, evocando carências e faltas que desassossegam a existência do ser. O “Inferno Verde” é sensivelmente diferente e oferece acentuadamente “o nada”, a “falta de”. Por isso, o afeto que deverá ser experimentado pelos seus personagens é o *desamparo*, que se revelará na verbalização destas, descortinando a representação da palavra. A partir desse experimento, todas as personagens da literatura amazônica poderão re-presentar os vestígios terríficos do *desamparo*.

Para prolongar a singularidade dessa reflexão, segundo Gondim (1994, p. 100 - 149), a Amazônia entra no circuito literário internacional ao servir de tema aos romances de Júlio Verne (*A Jangada*, 1881), Conan Doyle (*O Mundo Perdido*, 1912), Vicki Baum (*A Árvore que Chora*, 1949) e Ferreira de Castro (*A Selva*, 1967). E em cada uma dessas obras “[...] está presente o confronto entre homem e natureza, cujos resultados imprevisíveis encaminham questionamentos inquietantes por não resolverem a incompatibilidade da fusão” (GONDIM, 1994, p.139). Sobre o romance *A Jangada*, de Verne, Gondim (1994, p.141-142, grifos da autora) relata ser:

Um criptograma semelhante ao *O Escaravelho de Ouro*, de Edgar Allan Poe, dá início ao romance *A Jangada*, de Jules Verne, publicado em 1881. No livro, cada personagem foi cuidadosamente escolhido como recurso narrativo para explicar a história do Brasil, e suas ações correspondem a algum produto ou animal nativo e seu histórico. O romance é pontuado por datas. São citados diversos viajantes, como Orellana, Pedro Teixeira, dentre outros. Na narrativa há compra de produtos naturais dos índios, dos ribeirinhos.

A narrativa de *A Jangada* é imersa em fatos históricos sobre a origem populacional da Região Amazônica, com riquezas de informações geográficas e explicações dos fenômenos naturais. O narrador dessa obra alia-se ao coro dos expedicionários medievos ao maravilhar-se com o Rio Grande das Amazonas, quando descreve as belezas incomparáveis do rio frente a outros rios do globo terrestre, como “[...] o Nilo, o Mississipi ou o Living-Stone, o antigo Congo-Zaire-Lualaba” (GONDIM, 1994, p.163). No entanto, *A Jangada* apesar de apresentar uma narrativa de certa forma histórico-semântica evoca uma construção em torno da ambivalência de sentimentos, desejos de morte, nostalgia. A força da capacidade de apresentar a comunhão entre território e natureza, se defronta com a desmedida questão atual que sobrepuja as incertezas, a tentativa visível de encontrar nas extremidades dos rios a zona

de conforto histórica construída através dos séculos e que na trajetória dos anos resultou em perdas e descaminhos.

Sir Arthur Conan Doyle, mais conhecido por ser autor do clássico Sherlock Holmes, escreveu também “O Mundo Perdido”. Este texto narra a história do Professor Challenger, um estranho doutor em zoologia, que afirma ter encontrado dinossauros na Amazônia. A sociedade inglesa então, sempre muito cética, o convence, entretanto, a organizar uma expedição, para o que eles chamam de “os confins do mundo” – a Amazônia – em busca de evidências definitivas. Quatro personagens formam a equipe dando início à expedição pela floresta amazônica, numa aventura cheia de surpresas, até encontrarem um mundo jurássico protegido por uma parede de pedra muito alta, chamado de Platô. Além dos dinossauros, a sobrevivência na floresta é dura, mas eles ainda conseguem estudar como o Elo Perdido, as espécies de dinossauros e índios. “O Mundo Perdido” é uma incrível obra de ficção a qual inspirou muitos filmes e ganhou várias traduções para o português. Todavia, vale aqui destacar que este romance também evidencia algumas “marcas” culturais da sociedade da época, como o racismo, representado pelo personagem *Zambo*, um homem negro, de origem africana.

A ausência de auxílio está presente em *A Árvore que Chora* (1949). Construída a partir da tese de Doutorado da vienense Vicki Baum, fala do fetiche que a borracha exercia naqueles que buscavam enriquecer com o comércio do ouro branco, do alargamento das pesquisas gomíferas científicas, estimuladas pelo consumismo mercantil e industrial que, em contraponto, exerceram seu poder devastador, contribuindo para as transformações na mentalidade do povo nativo da região. A obra de Baum (1949) relata, ainda, a fabricação de produtos, como: sapatos, aventais, e também assinala que o jogo do mercado foi o responsável pela bancarrota em 1837, arrastando para o caos, não somente a fábrica da borracha, e sim fortunas inteiras a nível internacional. A autora esclarece na introdução da obra que, essa narrativa:

[...] só poderia ser considerada como um romance se o leitor estiver disposto a aceitar a BORRACHA como o denominador comum, como o herói e o vilão, o assassino e a vítima, o explorador e o explorado – enfim, como a principal personagem que estabelece conexão com quinze capítulos da obra (BAUM apud GONDIM, 1994, p.212, grifos da autora).

A Árvore que Chora fala da metamorfose sofrida pelo homem que, transformado em mercadoria, vende a sua força de trabalho para uma atividade extrativa e comercial que só o

absorvia. Os cortes, percebidos no tempo narrativo, não desarticulam a trama romanesca, e sim, ao contrário, agilizam as ações “[...] e realçam as semelhanças comportamentais entre personagens distanciadas em tempos e lugares diferenciados” (GONDIM, 1994, p.219). As questões históricas e sociais devaneiam sobre um passado que precisa ser recuperado por desencadear todo um processo de reconstrução do tempo esquecido, por muitas gerações, pois, deixou seus vestígios na memória do passado que por vezes parece estar distante e irrecuperável. Todavia, parece que na obra de Baum essa união entre memória e história, ancora-se nas impurezas não somente do período de ouro e queda da borracha, mas nas projeções de sentimentos, conflitos e paixões que assume questões plurissignificativas.

O português Ferreira de Castro também imprime a sua marca, seu sotaque e sua passagem pelo Brasil, no romance “A Selva”. Em sua obra, este autor também percorre os rios da Amazônia, falando de um território cercado por lendas e histórias fantásticas. E, ao propagar um humanismo sem fronteiras, aproxima Brasil e Portugal através de seus personagens simples. Vander Madeira (2007, p. 15) explica que “A Selva”, romance de maior sucesso de Ferreira de Castro foi escrito no final da década de 1920, em Portugal, onde o autor retornaria em 1919:

O período histórico evocado em *A Selva* é também posterior a 1919. A referência às datas se justifica para que possamos nos situar no contexto do Ciclo da Borracha, cujo auge (1880-1910) gerou uma onda migratória para a região. Castro nos mostra a crise na comercialização da borracha brasileira. Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a possibilidade de riqueza levou milhares de brasileiros e estrangeiros a deixarem suas terras para tentar a sorte na região norte (MADEIRA, 2007, p. 15).

A cidade de Belém, referida no romance de Ferreira de Castro, segundo Vander Madeira (2007, p. 16) apresenta a riqueza dos comerciantes e negociantes brasileiros, portugueses e ingleses, mas o preço da borracha iniciara então sua queda irrecuperável. “É o fim da ostentação e o início da decadência, provocada pela incúria dos produtores locais e pela concorrência dos seringais europeus, cultivados na Ásia” (MADEIRA, 2007, p. 15).

De qualquer maneira, a “inventada” Amazônia resgata seu verde misterioso na obra *Verde Vagomundo* (1974), quando Benedicto Monteiro ‘lança mão’ das experiências linguísticas da Amazônia e de sua diversidade cultural. A cor local dá o tom ao enredo, bem como, as notícias de rádio que atravessam o fio narrativo. A região passa do súbito

isolamento, para ser sonoramente conquistada; os sons externos confrontam-se com o murmúrio da mata e dos rios.

As ondas do rádio se rompem no espaço e no tempo, transgredindo a estrutura romanesca de seus contemporâneos. Benedicto Monteiro (1974) toma essa obra para expressar que o diálogo entre o mundo exterior e a Amazônia sempre foi favorável. Essa terra pródiga entoada no texto mantém o resgate da nostalgia, ao estabelecer um discurso que dá conta desse cenário, por meio de um processo amplo de construções retóricas para falar da identidade de um povo, da sua história, do trabalho e da intervenção na natureza pelo progresso. Faz-se possível perceber essas reflexões por meio de reiterações poéticas que se fazem presentes em toda a narrativa:

[...] Verde! Milhares de tons verdes: verde-cinza, verde-mar, verde-mata, verde-chão, verde-terra, verde-barro, verde-curva, verde-reta, verde-plano, verde-margem, verde-campo, verde-capim; verde-azul, verde-luz, verde-planície, verde-planura, verde-verdura; verde-sombra, verde-ouro, verde-prata, verde-vazio, verde-vago, verde-vago-mundo, verde-espaço, verde-manhã, verde-tarde, verde réstea-de-sol, verde mancha-de-nuvens, verde-quase, verde lugar-de-roçado, verde caminho, verde-senda-estreita, verde-estrada, verde-perto-de-casa, verde-água, verde-árvore, verde-lago, verde-algo, verde-rio, verde-cerca, verde-divisa, verde-limite, verde-horizonte, verde-verde, verde... (MONTEIRO, 1974, p. 25).

O autor manifesta a sua contemplação espacial diante da Amazônia, ao revelar a força da região na compilação de uma lista de palavras aliadas à palavra “verde”, que evoca as imagens do cotidiano regional. A arquitetura fragmentária dessa construção poética revela a sagacidade intencional de Benedito Monteiro (1974), ao expressar quais são os verdes da paisagem, bem como, levar o leitor a refletir o real do homem, que vive entre a aproximação e o isolamento, provocados pelo espaço amazônico.

A região imaginada, cravada na mata, nas narrativas de Loureiro (1976) e Hatoum (2008), também se aproxima de qualquer região periférica e pobre da Terra, pois como assevera Maria Zilda Cury (2000, p.71), a própria Amazônia revela-se “[...] tentacular e devoradora, exhibe a degradação dolorosa de sua população nativa. Os homens, confundidos ao lixo urbano, a cidade transformada no corpo em chagas de seus habitantes”. Isso quer dizer que a Amazônia também é uma região em que o progresso em muitos casos destrói os espaços de convivência, maltratando seus tipos humanos em ‘prol’ dos “avanços econômicos e sociais necessários à vida moderna”. Nas obras, fica evidente uma Amazônia ilhada, repleta de rios

em forma de labirintos que dificultam o acesso, isolam as comunidades e conduzem seus habitantes a uma condição de *desamparo* político e social.

3.3. *Insulamento* Amazônico e o *Desamparo* Vivido: o esquecimento social e político

Um patrimônio biológico como a Amazônia, unificador de vários subsistemas ecológicos com uma rede de teias amplamente interligadas por um sistema fluvial grandioso, representa um terço das florestas tropicais do planeta Terra. Um imenso potencial mineral e genético que desperta interesse em todo o planeta, sobretudo pela dinâmica econômica que este apresenta. Todavia, a infraestrutura precária, a desigualdade social, a concentração de poder sobre terras, a baixa escolaridade, a pobreza de seus tipos humanos, a falta de adequadas estruturas institucionais, o *insulamento* que dificulta em demasia a integração econômica, social e política, caracterizam o *desamparo* político e social vivido nesta região. Fauna, flora e moradores interioranos e das ilhas tem sofrido com impactos causados pelo avanço da fronteira agrícola, com as queimadas, construção de hidrelétricas e outros tantos megaprojetos, causando a supressão de uma inestimável riqueza natural.

Outros seres que o *desamparo* social abraça são os povos indígenas, dizimados desde os tempos coloniais por guerras, doenças, redução de seus territórios, preconceitos e pressão social. Os índios, seres insulados, sinônimos de resistência, correm o risco de serem extintos em decorrência das invasões e inundações de seus territórios, do desmatamento, da aniquilação de sua língua, arte e cultura e, sobretudo, do *desamparo* do Estado. Esses são alguns dos dilemas e paradoxos vividos pelas comunidades indígenas, que permanecem sempre em situação de deslocamento e de exílio, pela ampla paisagem amazônica. Essas questões incidem pela ausência de políticas públicas de caráter efetivo, que garantiriam, de certo, a integridade em amplo aspecto dos primeiros tipos humanos da Amazônia. Aquele que domina, subjuga e explora gerando graves ameaças a essa sobrevivência, provocam a sensação de degradação e, por conseguinte, a exclusão leva à existência do *insulamento* interior, ultrapassando o isolamento de suas moradias.

Em tempos de *desamparo* regional, o homem coloca-se às margens não da subjugação, mas da indignação. Na verdade, a ameaça maior sobre a Amazônia é proveniente do próprio *insulamento* em que a região está submetida. O *insulamento* físico colabora para uma subjugação empírica, instalada nos sujeitos distanciados dos grandes centros. Essa servidão é danosa por acabar sendo interligada à realidade do cotidiano, submetendo os sujeitos

insulados ao silenciamento e passividade diante dos equívocos e erros irreversíveis sobre o ambiente amazônico.

No mundo amazônico, o índio e o caboclo, desde as raízes da história regional tem se mantido na servidão. Essa ação vem agredindo o que muitos chamavam anteriormente de *Hileia Brasileira*. Isso acontece, segundo Schrödinger (1997, p. 15), porque se herda dos antepassados um profundo desejo por um conhecimento unificado e abrangente, pois, desde a Antiguidade e através de muitos séculos, o caráter universal tem sido o único a que se dá total crédito. No entanto, isso parece ser um provocador de certa desconfiança, pois a Amazônia multidiversa, pode ser mais bem compreendida na contemporaneidade como uma zona artilosa e redutora de seus sujeitos. O que se vê por meio de um viés político e social é a expropriação do seu constitutivo universal, que há tantos séculos originou o mito amazônico. Salva-se ainda o saber tradicional, intuindo um canal para a universalidade, sempre como um lugar de imanência e transcendência.

Assim, a Amazônia situa-se em uma zona de conflitos fixada entre o descaso governamental e a barbárie. A vontade operatória do poder e a evidência perversa da voracidade mercantil enfraquece a região de forma ampla, frente ao caráter destrutivo do capital. São séculos de depredação que hoje apontam para uma região desamparada. Mesmo que as soluções estejam no campo do provável, a ameaça do devir resultará sempre nas intervenções técnicas, imperativas à transformação regional e o *desamparo* potente e totalizante de seus tipos humanos, como o caboclo e o índio. Já por muitos séculos o homem vive e permanece no território da desigualdade. E a Amazônia também pertence neste território, sempre tutelado pela moeda de troca.

Escrito nos primeiros anos do século XX, Judas-Asvero de Euclides da Cunha, crônica presente na *À Margem da História* (1909) narra o singular e o simbólico do espaço amazônico. Ao trazer uma história ambientada no Alto Purus, cujo ritual da malhação de Judas se faz o traço da história. Judas, denominado de Asvero extrapola o limite factual, remontando a antiguidade cristã, ao entrar no diálogo complexo e rico em contradições promovidas pela construção discursiva entre o sagrado e o profano. Na crônica pode-se perceber o diálogo do judeu errante, configurado na imagem do homem que vive na Amazônia, o seringueiro. Um homem insulado em um mundo esmo e hostil. A celebração litúrgica praticada por esses homens seringueiros promove o alívio do *desamparo* vivido durante todo o período de trabalho nos seringais, perdurados por todas as cenas da festividade.

O *desamparo* vivido nos seringais é comparado ao *desamparo* de Cristo na sexta-feira da Paixão. Uma apresentação que marca a aceitação do isolamento geográfico e o

insulamento interior.¹⁰ O conceito de seringueiro é tratado na narrativa como um “excomungado pela própria distância que o afasta dos homens [...]” (CUNHA, 1999, p. 53). O trabalho do seringal é narrado em momentos de angústia. Todavia, esses sentimentos se dissipam com a celebração. A figura do boneco e sua confecção são narradas pelo próprio seringueiro. O boneco apresenta-se como uma figura horrenda.¹¹ E distinto a tradição, o boneco é exposto em uma jangada e lançado ao rio. Ao ver o boneco, as comunidades ribeirinhas o saúdam em meio a tiroteios,¹² finalizando assim, a “vida” daquela temível imagem que segue nas águas do rio sem destino, no mais completo *desamparo*.

Após a “morte” de Judas, as pessoas a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. “E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos - lá se vão, em filas, um a um, vagorosamente, processionalmente, rio abaixo descendo...” (CUNHA, 1999, p. 58). Esse relato euclidiano explica o dilema vivido pelos homens da região em meio ao *desamparo* social e o *insulamento*, que da própria região emerge.

O fato da confecção do boneco e a dura vida do sertanejo frente aos conflitos agregados, às dificuldades e às atividades que os subjagam, gera um martírio interior. E esse sofrimento precisa ser punido mediante tiros de rifles para ser exterminado. Assim, os sujeitos da Amazônia podem retomar as suas labutas diárias, até chegar novamente o dia em que poderão extinguir, por meio de uma ação catártica, o *desamparo* sentido. E refletir sobre o ambiente amazônico sugere repensar sobre as injustiças sociais que prevalecem na região e reduzem os seus sujeitos durante séculos no seu devir social e político. A esses reducionismos, desde a chegada de *Orellanas*, vivido na Amazônia, fere o corpo e a alma do homem, morador, sobretudo das inúmeras ilhas que configuram a paisagem.

Esse *desamparo* pode ser identificado como um *insulamento* imposto, uma barbárie evolutiva provocada pelo poder desnivelado e errante expostos na região. Contra esse descaso

¹⁰ Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o Redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfrequentados rincões. (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 53).

¹¹ [...]figura demoníaca (...). (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p.56).

¹²Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles aquele bota-fora. As balas chofram a superfície líquida, eriçando-a; cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Ele vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até se reaviar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem-fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas, “de bubuia” sobre as grandes águas. (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 56).

reducionista, uma lição de Propper (2002) deve ser considerada quando se pensa em Amazônia.

No sentido biológico e evolutivo que eu atribuo ao conhecimento, é obvio que não só os homens e os animais têm expectativas e, por isso, conhecimento (inconsciente), mas também as plantas e todos os organismos o possuem (PROPPER, 2002, p. 50).

Essa reflexão de Propper (2002) remete ao ambiente inóspito, sem qualquer amparo em que vivem muitas comunidades. E muitas delas na Amazônia. O ocultamento da barbárie social continua a negar o valor de suas formas societárias (índio e caboclo) e de sua exótica natureza, gerando agonias e tristezas cotidianas, sendo expurgadas pela religiosidade do homem amazônico, como uma célebre estratégia de minimizar o *insulamento* e o *desamparo* eternamente sentidos.

O texto de Euclides da Cunha (1999) discute os sentidos humanos, em meio a mais alta categoria da narrativa ficcional. Judas-Asvero é a presentificação da dor, da ausência, do vazio, da angústia não somente do homem amazônida, mas da Amazônia como um todo. Euclides da Cunha concilia a perspicácia do olhar sobre uma paisagem e inteligência de sentir a grandiosidade do sentimento de *insulamento* e *desamparo* que acomete os sujeitos naturais da região.

Judas-Asvero, na verdade, é uma complexa teia que presenteia o leitor com o mal-estar que alcança o mundo humano e deságua na grandeza de um ambiente repleto de debilidades invisíveis aos olhos de muitos. Judas-Asvero adentra no interior natural da Amazônia por meio de um combate entre o local e o universal, cuja compreensão acende uma paisagem extensa e multidiversa, com seus variados tons de verde florestal e aquático, imaginário mítico e conflitos humanos. As cenas reveladas nesta ficção determinam um significado expressivo dos sujeitos viventes na Amazônia. Percebe-se nela, as lacunas recorrentes e antológicas reverberadas desde as gerações passadas, afastando-se da visão promocional de uma falácia universal.

As questões da Amazônia são fundamentais para se perceber e entender nela o *desamparo* sentido pelos seus habitantes. As lutas e o silenciamento das vozes regionais são frutos do vazio de recursos de vários aspectos, produzidos pela própria tragédia regional que se prolonga desde a queda da borracha. Embora o extrativismo tenha marcado a economia amazônica e formado uma sociedade e uma cultura singular, o enfraquecimento dos habitantes se deu por meio da imagem dos “dominadores”. Assim, o destino da exuberante

região se pautará sempre em revelar exploração movida pelo puro olhar do capital líquido, que há muito tempo impõe sua presença na região. Por isso, seus seres “insulares” não podem mais se surpreender com os abusos provocadores das maiores expressões de resistência e sobrevivência da região. O que vivem hoje são consequências de séculos de subjugação. É preciso que o homem natural da Amazônia se imponha diante do subjugador; para que não continue a ser um estrangeiro na sua própria pátria. Mas, como um sujeito da resistência, considere-se um conhecedor da região amazônica, para que possa apontar o tipo de vida e cultura que luta para permanecer na sua terra.

Para finalizar a reflexão sobre os efeitos do *desamparo* erigidos do texto literário, o último capítulo desta tese traz dois campos reflexivos: a violência e a resistência. Primeiramente, se discute como as marcas da violência arruínam a estrutura do ser. Seja a violência estatal ou psíquica, ela desfigura o homem em seu processo de completude. Em segundo momento, a importância da resistência. Pois, por meio dela, é possível reduzir as dores sociais e políticas que poderão vir a gerar o *desamparo*.

A falta traduz-se como violência. No que tange à necessidade de se compreender que envolve uma falta intimamente ligada ao luto, que extrapola a ausência ou perda de um objeto. Essa necessidade é sentida, vivida e alimentada como *desamparo*, independentemente de o luto ser superado. Dessa forma, a necessidade que nutre o *desamparo* torna-se um campo aberto para a compreensão das várias incompletudes humanas. Se o *desamparo* cola-se sempre à violência representada por uma *falta*, resta saber como essa condição definitivamente se expressa nas duas obras propostas para análise. A hipótese é que isso se dá com base em dois aspectos: a experiência violadora e o abandono, conforme será mostrado no próximo capítulo.

4. FACES DO DESAMPARO NA LITERATURA DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO E MILTON HATOUM

4.1. A Experiência Violadora

Até aqui, pode-se perceber nesse estudo, como a experiência violadora se faz concentracionária, coletiva, em a *Ilha da Ira*; já em *Órfãos do Eldorado* essa experiência é vivida individualmente, como experimento eminentemente psíquico. Para a confirmação de todo o processo analítico desta tese, é preciso retomar a afirmativa de que, toda violência física ou verbal, causa impacto psíquico na vítima. Isso ocorre por causa das mensagens nascidas no inconsciente do agressor, que se comunicam – de modo verbal e por meio de práticas violentas – diretamente com o psiquismo do violentado. Cardoso (2002, p. 70-80), denomina essas mensagens de *intrometidas*, pois elas expressam o poder que o outro externaliza sobre o subjugado. Essas informações, a partir de ações violentas, inscrevem-se como marcas no sistema psíquico, indo além das representações e permanecendo como enclaves na mente.

É possível pontuar vários momentos de violência e desamparo social em *Órfãos do Eldorado*, uma delas é a situação precária dos moradores de rua que vivem mendigando, à margem da sociedade, em condições terríveis de sobrevivência. Como também na cena do linchamento de um ladrão, no subúrbio da área urbana de Manaus, composta por palafitas e casebres, no acampamento de ex-seringueiros, e nas crianças que esmolavam comida, na porta de restaurantes. Contudo, estas cenas revelam uma interminável força interior destes sujeitos, ao enfrentar situações sociais extremas de adversidades, cotidianamente.

Além desses exemplos, é possível também perceber a presença de extrema violência psíquica. Para entender este conceito é preciso retomar a afirmação de Yves Michaud (2001), “violência vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir” (MICHAUD, 2001, p. 8). O autor diz ainda que tais termos devem ser referidos a *vis*, significando força, vigor, potência, emprego de força física, como também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. No entanto, acrescenta ele, “a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital” (MICHAUD, 2001, p. 8).

Dessa forma, o autor caminhará junto à ideia de Michel Maffesoli (1987) em *Dinâmica da Violência*, ao falar sobre a utilização da força invocada, simplesmente, para causar a destruição do outro, possuindo o poder de criar forças destrutivas, sejam elas

simbólicas ou físicas. Essa força, abordada por Maffesoli (1987), dissipa todos os acordos ou regras estabelecidas em cada sociedade.

Com relação à opressão, claramente percebida em *A Ilha da Ira*, é preciso lembrar ainda de T. W. Adorno (1995, p. 119-155), quando discorre acerca da violência, que é a filha direta da insatisfação, e eclode tão facilmente quanto é produzida e alimentada pela massificação das ideias e pela materialização da felicidade humana em objetos sempre inalcançáveis. Na concepção Adorniana, a banalização da violência é também fruto da alienação produzida pelo que ele chama de “bovina conformação”, gerada pela aceitação dos pseudo-valores sociais impostos por uma cultura de massa, pelo consumismo e pela competitividade desenfreada. E ao tomar Adorno (1995) como base, não há como esquecer um aspecto indiscutivelmente relacionado à violência sexual em *Órfãos do Eldorado*, quando barqueiros abusam de meninas órfãs, entregues pela própria família em troca de algumas moedas para matarem a fome. Um caso de violência explícita, já que este fato também revela casos em que meninas eram defloradas pelos próprios pais.

Em meio a questionamentos sobre “certo” e “errado” em uma sociedade, os personagens de *A Ilha da Ira* parecem não mais saber sobre isso, pois, para eles, não há mais parâmetros, como também não há mais passado e presente, pela perda gradativa da memória. Um dos naufragos sabe a importância do não esquecimento. Sabe que é preciso manter a memória viva dos acontecimentos. E o amor, afeto proibido na ilha, também não pode ser esquecido. Alguém se preocupa com o sentimento do amor, assim como se preocupa com que o ódio e a indiferença não se tornem sentimentos e atitudes normais. E assim, desamparados, eles seguem divagando a respeito da própria sensação de *insulamento*.

Adorno (1993, p. 120-128) reivindica a “desbarbarização” através da valorização de sentimentos que provoquem asco à prática da violência. Todavia, segundo o pensamento de Adorno, se abster de atitude também não é a forma certa de lidar com os problemas. Para ele, erra da mesma forma aquele que se isola em sua individualidade, propondo discursos entendidos como escudos protetores. Isso permite o uso da passividade negativa e da máscara da inocência. Contrapor-se à barbárie e resistir à violência para fugir do desamparo, é um dos pontos nucleares da narrativa de *A Ilha da Ira*, o que fica evidente na personagem Ulisseu.

Ulisseu, um personagem emblemático, que aparece na ilha misteriosamente, e do mesmo modo desaparece, no final da narrativa. Ulisseu (ou Odisseu), talvez em mais uma viagem mítica, chega à ilha como o escolhido para enfrentar corajosamente aquela que se torna sua grande antagonista: a Velha. Esse personagem funciona como uma resistência à

violência extrema implantada pelo seu opositor naquele ambiente. Uma ilha possuidora de uma situação sócio-política nada favorável.

Ulisseu identifica-se com os sujeitos oprimidos da ilha. Isso o leva à proximidade com as personagens daquele espaço insular, pois ele não está escondido no passado. Ulisseu está no presente e se apresenta como um companheiro na tribulação. Desse modo, ele é o herói que se deixará persuadir pela esperança na fala do Caapora e tentará dar cabo à violência na ilha. Ele reconhece a subjugação a que estão sujeitos os que habitam a ilha, estes destruídos até na sua própria identidade. A ilha é esse espaço dominado por um opressor (a Velha) e Ulisseu tenta de algum modo resgatar a liberdade para esse lugar. Nesse percurso, Ulisseu quer romper com o despatriamento de um povo, que fraqueja por se encontrar submerso – afogado – na violência. Ele acrescenta, de maneira enigmática e simbólica, a finalidade de trazer consolo e coragem na luta contra o violentador (a Velha), a partir da crença de que é possível resistir. Envolvidos na catástrofe violadora, esses personagens – incluindo o próprio Ulisseu – são movidos pela necessidade e é nesse complexo cenário que o *desamparo* ganha expressão, até o limite do perecimento de cada um dos personagens.

Em *A Ilha da Ira* as personagens - do início ao fim da narrativa - apresentam um processo de autodestruição, por conta do *insulamento* que os obrigará a ficar subjogados e submetidos, permanentemente. Quando eles dizem “naufragamos” querem dizer, nada mais, nada menos, que “ficamos insulados, desamparados”. Na Ilha, não existem leis que os amparem e, além disso, não há liberdade de expressão, pois o silenciamento dos sujeitos impera neste lugar. E impedidos de se comunicar e com pouco alimento para prover a vida, os personagens de *A Ilha da Ira* começam então um movimento cruel ao “invocar” mais naufragos, mais pessoas, para um *insulamento* sinistro, funesto. Nesta ilha é assim: todos trabalham para a Velha, cujo objetivo é capturar outros seres para o *insulamento* e, assim sucessivamente, num movimento interminável de aprisionamento do ser.

Em *A Ilha da Ira*, de João de Jesus Paes Loureiro, as personagens, num primeiro momento ainda lúcidas, percebem a necessidade de resistir. No entanto, aos poucos, como consequência do *desamparo* vão perdendo as esperanças e começam a ficar conformados, dóceis e sujeitos às regras estabelecidas. Eles têm medo da repressão e se autodeclaram miseráveis, ao perceberem-se completamente insulados.

Se o ser humano não consegue extravasar o seu enfrentamento diante uma ação opressora e traumática, Freud (1996, p. 321 – 348) justificará que as excitações internas, quando não encontram resistência, acarretam nos sujeitos distúrbios comparados a neuroses traumáticas. Na sua obra *Projeto para uma Psicologia Científica* (1996), o mecanismo da

resistência possibilita uma organização. A partir dela, a descarga de energia acumulada, ligada ao princípio da realidade, encontra vias envolvidas pelos estímulos externos que devem ser liberadas, podendo influenciar na tolerância ou no desprazer sentidos pelos indivíduos.

Baseado nos estudos de Freud, Birman (2006, p. 320-331) retoma a resistência a partir da noção de reação, pois resistir é agir de encontro às intenções do outro. Para este estudioso, o homem resiste em luta para que a integridade física e psíquica permaneça. A resistência está ligada a todo tipo de força, como uma maneira de manifestar as experiências violadoras que impõem aos sujeitos. Esta, muitas vezes toma caráter de enfrentamento contra uma realidade traumática.

Em *A Ilha da Ira*, o personagem Caapora, em um diálogo com Ulisseu, introduz a resistência na narrativa, quando tenta provocar a coragem neste personagem, para que este procure sair daquela ilha-cárcere, juntamente com seus companheiros. O Caapora, neste momento, sinaliza a possibilidade de sobrevivência dos naufragos, mas para isso conclama a necessidade de resistir. Na obra de Paes Loureiro, o autor compartilha com Hatoum a cultura ribeirinha amazônica, e a Velha, então, comparada à filha da Cobra Grande precisa ser exterminada, pois ela é o medo. E é exatamente este medo, segundo o Caapora, que fará brotar em Ulisseu a coragem para matá-la. É preciso matar o mal, para a vida prosseguir.

[...] Mas só tu poderás encontrar uma saída. Tu e teus companheiros poderão ajudar-te. Pois todos tem necessidade de que a cidade submersa volte à realidade, e as pessoas que lá estão petrificadas voltem a viver como pessoas que são. (LOUREIRO, 1976, p. 164).

A presença do Caapora é uma representação do discurso na necessidade da resistência. Ele convida Ulisseu a ser o grande articulador da resistência. Neste sentido, a *falta* evidenciada no discurso do Caapora é o da resistência, pois na ilha há uma ausência de resistência, pela experiência catastrófica vivenciada por aquela coletividade. E é este o motivo que faz o Caapora tenta convencer Ulisseu a se tornar esse agente organizador da resistência. Ele tem sucesso no seu discurso, porque realmente Ulisseu tomará a frente das ações de resistência. Mas, infelizmente, não há um final feliz para esse movimento realizado pelos naufragos.

Ulisseu, por sua vez, apresenta como característica a sensibilidade em perceber as coisas do modo como realmente são e tenta apontar alternativas para os naufragos. No entanto, esses sujeitos não conseguem compreender suas reflexões. Patroni é o personagem questionador dessa presença e passa a indagar: quem é Ulisseu? Na história oficial do estado do Pará,

Felipe Patroni é um figura entendida como “louco”, de “gênio intempestivo” e cheio de “falta de razões”. Por conta de suas atitudes, foi preso e deportado para Portugal. O nome do personagem desta narrativa pode (ou não) fazer alusão ao personagem da história real. De todo modo, Patroni foi aquele crítico ferrenho das autoridades, na época da Cabanagem.

Segundo consta na história, ele implantou no Pará o regime constitucional. Era contra a conduta desonesta do triunvirato que governava o estado, por isso iniciou uma trama para derrubá-lo. Esta parte da trama pode ser um intertexto, um pedaço da história trazida pelo autor para a narrativa, visto que o personagem Patroni arquiteta uma trama para derrubar Ulisseu – é a cena do julgamento. Mas, na obra de Paes Loureiro, Patroni precisa culpar alguém pelo infortúnio, pela situação desesperadora a qual se encontram. Então ele escolhe, para isso, aquele que tudo vê, tudo percebe com clareza e por isso mesmo deve sofrer ou ser culpado. E isso se faz claro, em uma das falas de Ulisseu, quando ele (falando de si próprio) queixa-se que, “quem tem consciência da realidade, se torna infeliz”. Principalmente, se não pode transformá-la.

Outro movimento importante de resistência, que vale destacar, é a representação de fuga na narrativa. A ideia de um dos naufragos de construir uma jangada é a imagem metafórica que leva os demais a refletirem a sua quietude diante das experiências violadoras enfrentadas na ilha, ao invés de tentar romper com a sensação de *insulamento* sentido. Ninguém faz nada para mudar a situação, mas é preciso acreditar que há meios de escapar daquela ilha-cárcere, nem que para isso precisem desbravar novamente as águas que o fizeram chegar até ali.

Em *Órfãos do Eldorado*, um primeiro aspecto de violência contra o ser humano revelado na obra é a apresentação do sujeito retirado do convívio de sua família, para viver em outro lugar, sendo tratado como um subjugado neste novo ambiente. Isso está posto na obra de Milton Hatoum, quando o texto fala das indiazinhas órfãs, como Florita, que eram levadas de suas aldeias para trabalhar em casas de pessoas ricas e até mesmo para suprir as vontades sexuais de seus patrões.

As experiências violadoras em *Órfãos do Eldorado*, entre outros momentos da narrativa, estão no desprezo do pai de Arminto. Percebe-se uma forte violência psíquica exercida por este pai, ao se prevalecer da justificativa de seus atos, no fato de sua mulher ter morrido na hora do parto. A mãe morreu e o filho nasceu. Um filho que passou a ser ignorado pelo pai, desde então. A privação da afetividade empreendida de pai para o filho e do filho para o pai, em *Órfãos do Eldorado*, constitui-se em uma forma de violência emocional e psíquica intensa. As experiências violadoras emergidas ressaltam a proposição de que a

experiência do abandono se transforma na experiência psíquica do *desamparo*, pois ela não é menos violadora do que a constatada em *A Ilha da Ira*.

Ela é tão violadora que marca de forma traumática todo o restante da vida das personagens do romance de Hatoum, sobretudo em Arminto, que irá ruminar o trauma da *falta*. Esse trauma é o que norteia toda a vida deste personagem, inclusive reverbera na decisão de insular-se. Um trauma potencializado pelo silêncio hostil, imposto por Amando Cordovil ao filho, mais uma ação de violência psíquica velada, no entanto, desconhecida até para o pai. Por outro lado, Arminto também não podia entender porque a rejeição se efetivou em seu pai, passando então, este personagem, a vida inteira à espera de um carinho jamais ocorrido. Vê-se aqui a face de uma atitude violadora impiedosa. Na verdade, o *desamparo* de Arminto, por si só, já se configura como uma violência ao ser, apresentando a sua face em vários setores da vida.

Ao refletir sobre o contexto das obras, vale dizer que, tanto a desigualdade social e cultural, como a separação entre classes e etnias, também são formas de violência, muito comuns na Amazônia. E podemos ver esta violência na narrativa de Hatoum, no momento em que o personagem-narrador relata a cena das crianças índias, órfãs, que não podiam se misturar nas brincadeiras de rua, com crianças filhas de famílias ricas. As Tapuias, ao se recolherem em sua timidez e pobreza, estavam sendo, portanto, alvo de uma intensa violência social. Raptadas, vendidas, comercializadas e ainda discriminadas por uma sociedade excludente.

Esse mal-estar empreendido pelas múltiplas formas de violência, nas narrativas de *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado*, talvez seja o mais penoso, pois percebe-se que os sujeitos, ao serem atingidos por alguma experiência violadora, seja psíquica ou física, as perdas e privações se articularão ao *desamparo*, pois isso acontece devido ao confronto direto com os traumas vividos. Freud, em *Mal-Estar da Civilização* (1996), sugere que a infelicidade, em situações de vulnerabilidade, intensifica as experiências traumáticas, chegando aos indivíduos em três direções: a partir da fragilidade e dos sofrimentos sentidos no próprio corpo (como em *A Ilha da Ira*), do mundo externo e das forças da natureza, como também, das insatisfações ou violência desencadeada pela conflituosa relação com os outros, como acontece em *Órfãos do Eldorado*.

O que se percebe a partir dessa análise, é que as experiências violadoras sentidas e vividas nas obras em apreço, marcam a dissolução de vínculos, promove duros conflitos, como também desigualdades sociais. O mito do Eldorado ou da imagem da ilha paradisíaca construída ao longo dos séculos, dará lugar ao *desamparo*, que se mescla ao deslocamento

interior das personagens, cruzando fronteiras físicas, tornando o convívio, no conjunto de seus construtores, impossível.

Um *desamparo* constitutivo a partir das variadas formas de destruição e barbárie, concebida diante da falta do Outro (LACAN, 2005, p.30 – 50), visto que, a figura do opositor ou opressor retomará a imagem de uma autoridade totalitária em amplos aspectos. Como falado anteriormente, e aqui vê-se importante retomar, a função dos arquétipos *ilha* e *Eldorado* apresentarão o seu simbólico esgarçado, reduzidos a fragmentos humanos ao apresentarem um real concebido como intransponível. Um real que ao romper a coletividade ou a individualidade humana, provoca violência, angústia, solidão, falta, *insulamento*, *desamparo*.

4.2. A Experiência do Abandono

Como visto anteriormente, em todo o processo de análise das duas narrativas, o *desamparo* expressa-se, sobretudo, como necessidade, como *falta*, a partir da experiência do abandono. São seres irremediavelmente abandonados, os encontrados nessas duas obras. Freud (2006, p. 245 - 255) considera que quando o homem se percebe abandonado por todos os seus semelhantes, ou mesmo pelos seus deuses, deparando-se com o sentimento de desamparo radical, um lugar vazio, do homem sem o seu Outro, há nessa condição a experiência aguda da necessidade e essa condição leva ao sentimento de abandono. O abandono, enquanto experiência psíquica é, por vezes, tão insuportável quanto as outras condições violadoras, ressaltadas no tópico anterior.

O abandono vem, na narrativa de Hatoum, materializado em rosto de mulher. Ao relembrar as histórias ouvidas na infância, Arminto Cordovil compreende como um momento importante de sua vida. Entretanto, ao lembrar a lenda da cabeça cortada, da mulher dividida, faz imediatamente uma analogia com a sua vida, marcada por duas mulheres. Uma, o arruinou. Seria a sua mãe Angelina, morta quando ele nasceu. A outra feriu o seu coração e a sua alma e o deixou sozinho a esperar por ela, na beira do rio, por muitos anos: Dinaura, o grande amor, o teria deixado também insulado, física e psiquicamente.

Arminto Cordovil, em *Órfãos do Eldorado*, ainda tentou se aproximar do pai, enquanto morava na pensão Saturno. Mas o pai, orgulhoso, sempre o rejeitava. Aconselhado por Estiliano, advogado, amigo de Amando, foi cursar Direito, na Faculdade Livre de Manaus. Estudava e trabalhava à tarde, carregando caixas em um Empório, para conseguir pagar o aluguel do novo lugar em que morava. Havia mudado da pensão. Todavia, foi

despedido após um encontro-surpresa com o pai, enquanto trabalhava. Dois dias depois do acontecido, ficou sem saber se o pai teria sido o responsável por sua demissão. Percebe-se aqui, o *desamparo* econômico na vida de Arminto.

A experiência do abandono é encontrada desde as primeiras páginas de *Órfãos do Eldorado*, quando Arminto narra uma cena de afogamento voluntário. A tapuia se atira nas águas do rio Amazonas. Nada até sumir. Desencanta-se com o marido que a deixava muito só, na aldeia. Faz isso, segundo o narrador, por querer viver em um mundo sem sofrimento. Então decide viver com um ser encantado, no fundo das águas. Essa história da tapuia cola-se de certa forma ao trauma que movimenta as dores de Arminto, presa de contínuas *faltas* ao longo da vida. Essas dores, bem como a decisão radical de Dinaura frente ao sentimento, perante o inexorável abandono, facilitam neste estudo a categorizar a *falta*. Sentir-se abandonado é sentir-se privado de algo: essa é substancialmente a *falta* de que as análises sobre as obras falam desde o início deste estudo.

Como já falado nesta tese anteriormente, foi a inserção de Arminto nas aldeias que o tiraram, durante a idade tenra, do *insulamento* psíquico instalado mais tarde no personagem. Arminto, quando criança, brincava com os indiozinhos da aldeia e costumava ouvir as histórias deles. É preciso então considerar que este é um momento de alegria na vida do personagem, mesmo tendo a sua vida marcada por um intenso e devastador *desamparo*. Ouvir narrativas na Amazônia significava, para ele, afeto. Ele e Florita costumavam ouvir histórias dos avós das crianças da aldeia. Depois Florita repetia as histórias nas noites de solidão. Aqui tem um dado interessante que vale a pena ser novamente destacado: o sentimento de solidão ocorrido no interior de sua casa, quando criança. Era neste momento, portanto, que o *desamparo* apresentava-se com mais força, por ser expresso na forma do abandono.

Em *Órfãos do Eldorado*, nas lembranças de Arminto, ao falar de sua ruína financeira, ele explica que não era igual ao pai, obstinado por riqueza e poder. Na verdade, ele fez um movimento contrário ao longo de toda a narrativa, na tentativa de apagar a fama do avô, outro homem obstinado por dinheiro e posses materiais. Arminto Cordovil jamais daria continuidade a esse sistema de poder econômico. Sentia-se insulado, preso à sua própria condição de órfão. Desamparado, visto que faltava para ele um suporte emocional e afetivo. Ao completar 20 anos, Amando Cordovil obrigou o filho a ir morar numa pequena pensão em Manaus. Uma punição, depois que Arminto foi pego em flagrante, envolvendo-se sexualmente com Florita. O pai nunca o perdoou por isso; e por este motivo, tirou o filho do

convívio familiar. Aqui temos uma atitude clara de segregação paterna. Mais um momento de *desamparo* e orfandade psíquica, na vida de Arminto Cordovil.

Em *A Ilha da Ira*, desde o momento em que o navio dos atores de teatro naufraga, estes entraram em um estado de abandono social e material. As personagens também não puderam mais retornar ao convívio da família. Além disso, foram tirados deles todos os bens e pertences. Há uma nudez que os assalta e que vai além do âmbito social, pois leva as personagens a estados emocionais que exasperam o sentimento de abandono, como a tristeza e o medo. Além desses aspectos, é possível também uma condição que, embora seja implícita, também delinea o abandono como elemento estruturante do *desamparo*. Na ilha não há nenhuma lei que os proteja, há somente a soberania absoluta da Velha, situação que os deixam alijados dos direitos necessários a todo ser humano, para viver com dignidade. O que há na ilha é a vida *matável* e miserável, sem fartura, sem fortuna e sem direitos básicos, em oposição à plena ausência de uma vida feliz, saudável e próspera. Essas ausências exacerbadas pela nudez social movimentam a necessidade, e, dessa forma, o *desamparo*.

A experiência do abandono na ilha de Paes Loureiro é marcada pela extrema solidão sentida pelas personagens, a ponto de indagar o próprio sentido da vida. Essa indagação se faz presente no momento do nascimento do bebê de Tião e Silvia. Os personagens tem a consciência de que, naquele lugar, seu filho já nascerá desamparado, órfão de uma vida com impossibilidades mínimas para ser vivida. Todavia, o abandono atinge o seu ápice no final da trama, momento da morte das personagens, por execução, em uma caverna apertada e escura denominada na narrativa de Novo Brigue Palhaço. Neste momento de desespero e *insulamento*, os seres estão completamente atormentados e entregues a uma situação definitiva de morte. Ninguém e nada irá ampará-los.

A experiência de abandono torna os naufragos e os nativos da ilha, impotentes diante da situação em que se encontravam, insulados em seu interior, tudo o que resta para as personagens de *A Ilha da Ira* é a oração. Pode-se considerar, então, que esta é uma situação causada pelo *desamparo*, pois a solidão os atormenta. Ao pensar nos povos das ilhas da Amazônia, é importante declarar (lembrar) que eles denunciam uma região repleta de situações precárias, em condições absurdas de miséria, em um verdadeiro abandono social e político, favorecendo a refletir aqui, que as áreas de rios e rural da região amazônica são ambientes desamparados. O opressor, em função do poder, silencia os sujeitos sociais do local, roubam a terra, derrubam árvores, incendiam a mata, poluem os rios e atrapalham o curso dos mesmos. E assim caminha a Amazônia, durante séculos.

Isso está posto na narrativa de *Órfãos do Eldorado*, cuja história se passa na cidade de Manaus do início do século XX e nos pequenos povoados vizinhos. Manaus, a capital do Amazonas, é um lugar interessante. Trata-se, na verdade, de uma cidade situada no meio da selva, cercada de rios e matas. Não há saída para o mar. Não há mar. Os habitantes só podem chegar ou sair de lá, por via marítima ou aérea. Sendo assim, é possível dizer que os seres vivem metaforicamente ilhados. Por conta disso, existe um grande investimento no transporte aéreo, mas, principalmente, no transporte naval. E isso é um elemento presente nesta narrativa de Milton Hatoum. Os navios-cargueiros do pai de Arminto são o motivo da vida próspera do grande empresário e comerciante, Amando Cordovil. Estrangeiros aportando na selva e de alguma maneira dela se servindo, para a realização de seus projetos de trabalho e sustento.

A riqueza de Amando contrasta com a pobreza de grande parte da população, que caracterizará o abandono social; os benefícios, recebidos por ele, contrastam com a indiferença do governo diante da miséria do povo, como descrito no fragmento a seguir:

[...] O problema eram os pobres, o governo não sabia o que fazer com eles. As praças amanheciam com famílias que dormiam sobre jornais velhos e eu podia ler notícias sobre meu pai nessas folhas amassadas e sujas; a notícia mais importante era a concorrência de uma linha de carga de Manaus para Liverpool. Se Amando ganhasse, conseguiria ajuda do governo pra comprar mais um cargueiro. (HATOUM, 2008, p.22).

Ainda em Manaus, Arminto presencia o linchamento de um ladrão, Juvêncio, que ele conhecia da Saturno, pensão onde morou quando foi trabalhar em Manaus. Percebe-se, então, o *desamparo* diante da miséria (social, econômica e política), consequência do fim do primeiro ciclo da borracha, na medida em que o narrador se refere aos “ex-seringueiros”:

[...] Andei de bonde pela cidade, vi palafitas e casebres no subúrbio e na beira dos igarapés do centro, e acampamentos onde dormiam ex-seringueiros; vi crianças ser enxotadas quando tentavam catar comida ou esmolar na calçada do botequim Alegre, da Fábrica de Alimentos Italiana e dos restaurantes. A cadeia da Sete de Setembro estava lotada, vários sobrados e lojas à venda. (HATOUM, 2008, p.57).

A presença de inúmeras órfãs na região amazônica, o comércio de crianças e mulheres para fins de serviços domésticos e os maus-tratos dispensados, são fatos sociais referidos que não distanciam das ações narradas, das condições históricas e sociais que marcam a territorialidade referenciada no texto literário. O trecho a seguir ilustra esta formulação:

[...] Florita me disse que várias órfãs falavam a língua geral; estudavam o português e eram proibidas de conversar em língua indígena. Vinham de aldeias e povoados dos rios Andirá e Mamuru, do Paraná do Ramos, e de outros lugares do Médio Amazonas. Só uma tinha vindo de muito longe, lá do Alto Rio Negro. Duas delas, de Nhamundá, haviam sido raptadas por regatões e depois vendidas a comerciantes de Manaus e gente graúda do governo. Foram conduzidas ao orfanato por ordem de um juiz, amigo da diretora (HATOUM, 2008, p.41-2).

A partir do naufrágio do Eldorado, iniciam-se os problemas econômicos para Arminto Cordovil. Num determinado momento da narrativa, referindo-se à decadência da borracha, Estiliano avisa-o: “[...] O gerente quer conversar contigo. Não pode mais pagar os empregados, nem enviar teu dinheiro. A empresa anda mal. A exportação da borracha despencou” (HATOUM, 2008, p.48). E aliado à temática da pobreza e do *desamparo* das populações, ou seja, do abandono do povo, insere-se o tema da ineficiência e da corrupção dos políticos, da falta de ética. Sem dinheiro, o narrador não sabe que rumo dar à sua vida. Estiliano comenta a situação: “[...] Nesta terra, só os políticos podem dormir e acordar de bom humor” (HATOUM, 2008, p.66).

Está claro neste cenário que esta é uma “pequena ilha” no meio da floresta, inundada e conduzida por norte-americanos, europeus, asiáticos e latino-americanos, pois além dos empresários que se instalaram no lugar, há o enorme fluxo de turistas estrangeiros, com o intuito de ver de perto os encantos e maravilhas da cidade-floresta-amazônica. Hoje, passados muitos anos, a cidade-ilha em meio à selva ainda carrega as características de um lugar permissivo, no sentido de que, de qualquer lugar do mundo, a qualquer momento, podem aportar pessoas (com seus projetos) e se instalar na região e, em seguida, explorar todas as suas riquezas naturais.

Em *Órfãos do Eldorado*, após a morte de Amando Cordovil, vem a fase do interesse por Dinaura. Aquela que ele enxergaria pela primeira vez no enterro de seu pai. Ela estava lá, junto às outras meninas do orfanato Sagrado Coração de Jesus. E ao observar essas personagens, percebe-se que a orfandade vai além da ausência paterna e materna. Ela também se refere ao retorno do estado de *desamparo* que acompanha o homem, sempre quando este se sente insulado nas questões conflituosas e descalças da vida. Essas observações corroboram para pensar o abandono como um afeto, sempre presente na vida dos indivíduos, apesar de que, em alguns momentos do homem, seja impedida explicitamente de vir à tona, seja pela imposição social, ou por meio dos vínculos de amor.

Arminto Cordovil passou a namorar Dinaura sempre aos sábados na praça. Um namoro classificado por ele mesmo como “silencioso”, pois a órfã pouco falava. O amor de Arminto era uma mulher misteriosa. O desejo por ela era imenso, mas ele não conseguia tê-la efetivamente em sua vida. O personagem-narrador, a partir de então, será só emoção e espera por sua mulher encantada. Inicia-se aí mais experiência, dessa vez amorosa, que culminará em abandono, provocando o *insulamento* psíquico do ser. E com o sumiço do amor de Arminto, cresceram as especulações acerca do desaparecimento da moça. As lendas, traduções e/ou interpretações típicas do povo ribeirinho da Amazônia procuravam explicar o inexplicável. Percebe-se aqui, além do abandono amoroso, a presença do *insulamento* do ser.

Arminto Cordovil, então, vendeu todas as propriedades do pai e passou a viver em total *desamparo* econômico. Uma questão vale ser ressaltada, pois o personagem vende sua herança após ter descoberto que o pai era contrabandista e sonegador de impostos, como também, subornava funcionários e se aliava com políticos para obter regalias. O filho de Amando teve a certeza de que o pai morreu após perder uma licitação vantajosa. O coração não aguentou tamanha decepção e frustração.

O protagonista de *Órfãos do Eldorado* não conseguia suportar esta realidade e isso só aumentava a sensação de *desamparo*. No entanto, em outro momento, mesmo caminhando em direção contrária ao pai, em relação às atividades ilícitas, Arminto sentia que de algum modo seu temperamento se assemelhava ao de Amando Cordovil. Dizia que procurava ser diferente, mas era como se a sombra do pai estivesse dentro dele. “Era como um carço, uma fruta podre”. E por conta disso, preferia ser a casca e ser jogado fora, para não causar danos a mais ninguém. Esta é mais uma situação psíquica que fatalmente leva o indivíduo a uma situação de *desamparo* primordial.

Freud (1996) mostra como os homens se organizam em sociedade e conferem a um líder o lugar de Deus ou desse pai idealizado, o grande Outro protetor, que leva o homem à renúncia pulsional em função de compensações civilizatórias, pois a maior necessidade existente desde o nascimento humano é a proteção do Outro. Essa reflexão dialoga com a necessidade do homem em buscar constantemente o Eldorado perdido, desde os tempos originários, para a supressão de seus males como ausências, limites e doenças. Essa tentativa contínua é uma experiência subjetiva a qual o sujeito se sente em comunhão indissolúvel com o mundo exterior em sua totalidade, porém não implica em nenhuma segurança de imortalidade pessoal. A explicação de Freud em *Inibição, Sintomas e Angústia* (1996), para esse sentimento, retoma a dimensão do *eu*. Segundo ele, a sensação de identidade, de comunhão indissolúvel e inseparável pertinência à totalidade do mundo exterior são dadas

pelo *eu* que não tem limites internos no aparelho psíquico. Para Freud não há estado oceânico inicial, o que há é o *desamparo* primordial.

Em *Órfãos do Eldorado*, bastaram dois meses para Arminto gastar todo o dinheiro recebido da venda das propriedades de sua família com farras, viagens, passeios, presentes e todo tipo de futilidades fugazes e efêmeras. Parece que nada mais interessava a ele. Até mesmo pensar no futuro ou comprar uma casa para morar e outra para alugar, como sugeriu o amigo Estiliano. Arminto, a esta altura, era mesmo um ser “preso” na sua condição de órfão, ilhado em sua tristeza, angústia e infelicidade.

A narrativa de Milton Hatoum finaliza com o personagem-narrador velho e solitário, isolado em uma tapera, mas sempre sonhando com a sua amada Dinaura. Um sonho que talvez fosse o último fio de esperança; a única coisa que ainda o mantinha vivo. Principalmente depois da morte de Florita. A índia órfã que o criou e foi sua companheira dos infortúnios, certo dia não acordou mais. Este foi o último choro da vida de Arminto, como ele mesmo disse; e os últimos laços com o passado dos Cordovil.

Mas uma coisa ainda o perturbava: Dinaura. Queria estar com ela novamente. E foi assim que recebeu a última visita de Estiliano, seu único amigo. Depois de sua morte, Arminto ficou irremediavelmente desamparado. No entanto, nesta visita, o último segredo revelado. O advogado contou a ele que a órfã foi levada para morar no orfanato pelas mãos do pai, Amando. Este teria recomendando à mãe, os cuidados com a moça, dizendo ser sua afilhada. Estiliano guardou este segredo a pedido do amigo, mas nunca teve a certeza se Amando era o pai, ou o amante de Dinaura. Em seguida, revelou a Arminto que ela teria ido morar no povoado chamado “Eldorado” situado em uma pequena ilha. Arminto parte à procura de sua amada. A viagem entre o rio e a floresta para encontrar Dinaura foi longa, penosa e difícil. Uma paisagem bela, exótica, misteriosa, mas um lugar habitado pela solidão. Até que avistou uma casa, na sombra da floresta. Uma moça o recebeu e disse que morava com a mãe. Arminto perguntou se ela conhecia Dinaura. A moça fez um gesto com a cabeça e apontou para dentro da casa. Arminto entrou.

A narrativa finda com a volta dele, para Vila Bela. A viagem de Arminto foi pautada em seu último suspiro de esperança. Ao considerar o abandono como algo associado ao reconhecimento da incompletude na relação com o Outro, o sujeito terá que contar com seus próprios recursos e, neste sentido, somos todos desamparados. Esse estado de ausência sentida ou vivida é fundamental para que o sujeito possa romper com o estado ilusório de proteção e libertar-se das “amarras”, que muitas vezes são confortáveis ao próprio inconsciente. A ausência do outro é o que o sujeito mais evita, porque gera angústia e para

defender-se desse encontro esquece ou tenta esquecer o recalque provocado pelo trauma. Freud (1895) descreve, em *Projeto de uma Psicologia Científica*, uma cena hipotética em que o recém-nascido estabelece o primeiro e rudimentar laço social com o seu próximo (Nebenmensch). O seu próximo é o primeiro Outro que atende seu grito de socorro, satisfazendo sua sede, frio e fome, livrando-o do estado de *desamparo* em que este se encontra.

Segundo Lacan, o Outro não é só um Outro imaginário de quem o bebê recebe um objeto para suprir sua falta. O Outro, para além da mãe, pode ser entendido como o lugar do inconsciente, o tesouro dos significantes, aquilo que determina o sujeito, que preexiste a ele no desejo da mãe e que se impõe na linguagem, constituindo um registro simbólico (LACAN, 1960, p.820). Em *A descoberta do Inconsciente*, Quinet (2003) acrescenta que o enunciado de uma necessidade implica a dimensão do Outro, ou seja, quando o sujeito fala que tem fome, mesmo que este enunciado inclua uma necessidade, já traz implícita uma demanda, um apelo dirigido ao Outro. Dessa forma, diferentemente da necessidade, uma demanda não visa a um objeto, e sim ao Outro a quem a demanda é dirigida. Essa demanda do Outro é incondicional e o sujeito diante dela se vê *assujeitado*.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905, p. 225-230) propõe como paradigmático de ‘todo vínculo de amor’ o elo inicial entre o lactante e o seio materno. Esse modelo de felicidade perdida mantém-se como referência na escolha dos objetos amorosos. Deste modo “a criança aprende a amar as outras pessoas que remediaram o seu desamparo e satisfazem suas necessidades” (FREUD, 1905, p.228). Portanto, uma experiência de abandono específica por ser provocada pelo *desamparo* e constitui nos sujeitos a ruptura psíquica, permite que este passe por um processo lento de solidão e *insulamento* interior, possibilitando o convívio com a realidade evidente, como uma experiência traumática, reaparecendo sempre ao longo da vida.

Por tudo isso, o *desamparo* percebido nas obras estudadas vai além da concepção de *desamparo* visto ao longo dos estudos de Freud. Para o autor, a sensação de *desamparo* estaria mais relacionada a situações específicas que, mesmo inconscientemente, se ligariam à lembrança do estado de *desamparo* no nascimento, junto com as suas terríveis consequências. No entanto, o que irá emergir das obras é a constatação de que o *desamparo*, no espaço ficcional, agrega outras categorias dentro de si, aparecendo estas como consequências deste, em determinadas situações em que os sujeitos acreditam-se impossibilitados de enfrentar. Faz-se importante citar, entre outras categorias, ou afetos, presentes em *A Ilha da Ira* e em

Órfãos do Eldorado, o medo, a morte, o amor, o esquecimento, o sofrimento, o abandono, a loucura, a miséria, a impotência, a tristeza, a melancolia, a dor, e possivelmente, outros mais.

Neste sentido, devido a todos estes sentimentos (ou afetos), o *desamparo* coloca os sujeitos em dois caminhos: de um lado, dá condição para a luta; de outro, pode estacionar, paralisar, aprisionar, enfraquecendo-os de recursos internos. E a experiência do abandono adquirido pelo *desamparo*, por sua vez, possuidora de uma inegável relação com a ausência de algo, possuindo a qualidade de indefinição, faz o homem se deparar com uma grande aflição interior, trazendo a ideia de uma situação de impotência, pois o abandono abre a possibilidade para pensamentos aflitivos. A dimensão de falta de garantias do homem sobre a sua existência e sobre o seu futuro, obriga-o a uma renúncia pulsional, como condição impulsional, para viver em sociedade. E em consequência de uma satisfação pulsional frustrada, o ser experimenta o mal-estar que seria o desconforto, conforme é possível ver nos textos: *O Futuro de uma Ilusão* (1976) e *O Mal-Estar da Civilização* (1980).

Freud (1937), em toda sua obra, sustentou esta proposta asseverando, em um de seus últimos trabalhos, denominado *Análise Terminável e Interminável*, que mesmo depois de anos de análise não existe como o sujeito proteger-se do *desamparo* e dos riscos que a existência lhe impõe. Segundo esse autor, os homens deverão admitir para si mesmos, “toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de eterno cuidado por parte de uma Providência beneficente” (FREUD, 1937, p. 63). Em um mundo marcado pela dor e sofrimento, a luta pela sobrevivência na contemporaneidade se torna o único objetivo. Já que as ausências sentidas no ser, são causadas intimamente por adversidades transmitidas pelas catástrofes constantes, trazendo consequências sumamente negativas, comprometendo o futuro dos indivíduos, de forma coletiva ou individual.

Por isso, vale ressaltar que, ao longo das análises realizadas por Freud (1976), o *desamparo* passará a fazer parte da dinâmica humana. Faz-se pertinente observar que para esse autor (1980), os perigos internos, no processo da vida humana se modificam, permanecendo uma característica comum: sempre vão se envolver na separação ou perda de um objeto amado, sendo uma perda de um amor, ou uma situação de abandono, remetendo sempre à situação de desamparo. Isso leva à reflexão de que o indivíduo, por possuir uma natureza frágil e mortal, busca estratégias para sustentar sua pensada autossuficiência e seus ideais narcisistas, objetivando suprir a condição de *desamparo*, reflexo da sua incompletude e da sensação de *insulamento* interior. De acordo com essa reflexão fica expresso que a sociedade, de uma forma geral, acaba assumindo o papel de proteção do Eu. O que antes era

uma relação estrita a outro ser, passa a ter um caráter geral, pois o homem também busca na sociedade, bem como nas demais instituições de que faz parte, o amparo sonhado.

E corrobora para defender aqui novamente, que o *desamparo* é uma experiência de impotência, vivenciada pelo homem, seja no campo afetivo, social e político, iniciando no psiquismo e revelando-se no corpo, a partir da tentativa de evitar as consequências de um vazio, gerador do estado de fragilidade e desesperança provocado pelo trauma, angústia, solidão, sensação de abandono e *insulamento* interior.

4.3. O *Desamparo* como Paradigma da Falta

Não obstante, o *desamparo*, mesmo como categoria - ou conceito – tendo lugar de destaque na metapsicologia freudiana (como se pode aferir neste estudo), com a constatação de que ele gera uma angústia típica da condição humana, cuja angústia, ao lado da solidão e do trauma, são elementos constituintes do *desamparo*, ainda assim, ele não deu conta de elucidar, sozinho, as experiências angustiadas e traumatizadas constatadas nas obras aqui analisadas. Vejamos então o porquê, desta proposição.

A preocupação com a *mimesis* sempre foi uma questão importante para a arte. Sua tentativa em buscar o mínimo expressivo revelador do papel do homem fragmentado, no caótico pós-guerra fez com que o seu garboso campo, chamado literatura, falasse da impotência humana e da tentativa em se reerguer, mesmo depois de Auschwitz, visto que, o texto literário continuará carregando a ação dramática. No entanto, a necessidade de falar da devastação interior a que as personagens das produções literárias estão submetidas e seus contextos destrutivos consolida-se em uma nova poética esgarçada pela função expressiva de falar dos estranhamentos humanos. Assim como Samuel Becket tornou suas narrativas em:

Expressão de que não há nada a expressar, nada com o que expressar, nada a partir do que expressar, nenhuma possibilidade de expressar, nenhum desejo de expressar, aliado à obrigação de expressar (BECKETT apud ANDRADE, 2001, p. 175)

Frayze-Pereira (2004) propõe que a psicanálise, ligada à arte, não se apresenta como “psicanálise aplicada”, mas como “psicanálise implicada”, isto quer dizer “derivada das artes ou engastada nelas, [...] pois a psicanálise não é uma rede de representações abstratas, aptas a atribuir sentido ao sensível” (p.445). O autor afirma que a experiência estética em meio à dinâmica da presença e ausência do sensível pressupõe contato com o pensar humano,

implicando necessariamente transitar entre o não dito e o dizível, considerando que a psicanálise, assim como o campo ficcional, depara-se com a necessidade de contar e de analisar as manifestações de um dizer fugidio, sempre aquém da plena realização (p.446).

Por isso, ao longo desse estudo foram expressas reflexões acerca de uma das gêneses da desventura humana: o *desamparo*. Este e seus desdobramentos, a partir de Freud, coloca em cena análises e reflexões para além dos primeiros estudos, pois o *desamparo* deixa de ser apenas uma sensação psíquica interpretativa e passa a construir um sentido transferencial, agregando em si outras categorias afetivas alusivas às ausências humanas, possibilitando a expressão e, conseqüentemente, a constituição de novas subjetividades.

A partir da análise pontuada nas duas obras, com relação às observações acerca da relação entre *desamparo*, violência, necessidade e *insulamento* como um possível paradigma de funcionamento do *desamparo* nas produções literárias do século XX, até os dias atuais. E que esse paradigma pudesse se constituir como ferramenta de análise possível para ser aplicada em outros textos literários, sendo possível tomar a literatura precisamente como uma das ilhas apresentadas para pensar o *desamparo* como um paradigma.

Primeiramente, acredita-se que nessa tese o paradigma da *ilha*, construído ao longo dos anos, rompe-se para dar lugar a uma ilha com significado de sofrimento, de solidão, de ausência, visto que, as experiências totalitárias do século XX, com a crise de um modelo centralizador de Estado-Nação e o descentramento do ser individual permearam a construção analítica desta tese. E essa imagem da ilha configurada em ausências, tornar-se-á possível ser tomada como um paradigma para futuras análises de produções literárias dos séculos XX e XXI.

A validade de defesa, em perceber o *desamparo* enquanto agregador de afetos que remetem uma *falta* no ser, provocado por experiências violadoras e catastróficas, é um fio condutor para refletir sobre o literário como uma manifestação da difícil e conturbada vida humana, cuja presença de destroços ou restos causados pelos traumas condena os indivíduos a revisitar constantemente o *desamparo*. Isso porque, é preciso pensar que uma escrita ficcional apresenta constantemente busca e perda constituída na projeção da finitude humana.

As narrativas dos séculos XX e XXI, não representam mais no literário um desenho fixo do homem, pois o homem não apresenta mais centro no sentido em que se apresenta à deriva. O ser faz do seu caminho conflitivo, tateios e tropeços. Os limites do *desamparo* representam a impossibilidade, oclusão, *insulamento*, por emergirem da promessa de rupturas do Eldorado humano. Por isso é possível tomar a leitura de *desamparo* (uma *falta*

transformada em Falta). E essa síntese do paradigma do *desamparo* pode servir como ferramenta analítica para a compreensão de outras produções literárias semelhantes.

A ideia de *falta* segundo Lacan (2005, p. 98), é a experiência subjetiva da angústia, que aponta para o surgimento do objeto representativo da pura *falta*. Lacan mostra que a angústia percebe a falta como uma constituição do indivíduo, pois a falta que o autor propõe, propicia múltiplas significações promovidas pelo próprio discurso do homem. A conclusão lacaniana de que o objeto, segundo Freud, deve ser tomado pelas vias da *falta* resulta na impossibilidade de confinar a necessidade como uma definição em função do objeto. A dimensão da necessidade se define pela presença do objeto, visto que, efetivamente a partir da falta dele é que o desejo deste opera.

Na teoria psicanalítica de Freud, em *Além do Princípio do Prazer*, a força motriz do id implica na busca da satisfação imediata de todas as necessidades humanas. Quando essas necessidades não são satisfeitas, o resultado é um estado de tensão, pois a necessidade deixa registro na memória, que se põem associados às percepções geradas pelas experiências do que o homem acredita ser a satisfação. Na próxima aparição da necessidade, em função da relação estabelecida com a *falta*, ocorrerá um movimento psíquico o qual irá investir novamente em uma imagem de completude, para reestabelecer a situação de satisfação. Com essa proposição é preciso retomar o *desamparo* como perspectiva de um embaraço, pela presença da *falta*.

A ideia de *falta* e ausência, já que a *falta* está relacionada a um objeto ausente ou perdido, gerador do fundamento de necessidade presente. Esse fundamento da necessidade presente, por sua vez, é à base do *desamparo*, pois a necessidade de algo tem a inegável relação com a expectativa, ou seja, angústia por algo, possuindo, então, uma qualidade de indefinição e *falta* do objeto. No entanto, é preciso aqui recuperar a relação entre *falta* e ausência, pois nem toda ausência é algo perdido. Em muitas situações o sujeito tem algo próximo, mas que é percebido por este como ausente. Já um objeto perdido é algo que se foi, como a concepção de Outro, em *Órfãos do Eldorado*.

Nesse sentido há uma *falta* irreversível, diferente de como a *falta* se apresenta em *A Ilha da Ira*, visto que nessa narrativa existe uma esperança de reversibilidade, portanto, esse Outro, ou objeto é a liberdade. É o querer estar a salvo daquela experiência concentracionária construída a partir de uma esperança emergida da fala do Caapora e abarcada por Ulisseu. Logo, o objeto que constitui a *falta*, na narrativa de Paes Loureiro não está perdido, está ausente. Porém, as duas ideias de *falta* provocam uma crise em que o *insulamento* sentido no interior do ser altera a noção de realidade, favorecendo a manifestação do inconformismo

particular dos sujeitos. Isso acontece, tanto em relação aos afetos vividos, como diante dos problemas sociais e econômicos sintetizados nas suas trajetórias pessoais.

Essa possibilidade de leitura, bem como as contradições encontradas nos próprios discursos das personagens de *A Ilha da Ira* e de *Órfãos do Eldorado* entra em tensão no espaço ficcional de um modo singular, manifestando o incômodo do *desamparo* a partir dos estudos de Freud. Uma vez que o *desamparo* se contextualiza na vida do homem enquanto forma e no texto literário como tema. Com essa perspectiva, os problemas suscitados nas obras em destaque, causadores da sensação de *insulamento* e provocadores do *desamparo*, descrevem as incertezas, as inseguranças e as renúncias feitas em prol da sobrevivência. A violência a nível individual e coletivo é contada, refletindo no futuro das personagens, sendo a sobrevivência negada frente às ameaças de aniquilamento e destruição. O que se legitima nas entrelinhas do texto, é a violência estatal e psíquica sentida no Eu dos sujeitos, como também, vivida em políticas de repressão com suas incontáveis prisões e barbarismos.

As reflexões acima fazem este estudo rememorar o crítico literário Antônio Cândido, que se tornou notável ao refletir a literatura por meio de relações dialéticas entre a construção da obra ficcional e o viver social. Pensamento que acabou por direcioná-lo às teses de Lukács (1965).¹ Para o autor, a obra artística está sempre de acordo com a realidade histórica e social da humanidade.

Caminhar entre diferentes campos do saber é o que poderia ser descrito como caminhar de maneira vigilantemente flutuante sobre um terreno invisivelmente acidentado. Caminhar pelos encontros, ou pelas encruzilhadas, onde a multiplicidade de direções nos coloca em situação inusitada (MORGENSTERN, 2009, p. 147).

Tais assertivas conduzem novamente à conclusão de que o texto literário está intimamente ligado à interioridade, à alma, ao destino, desejos e ausências fundamentais do homem. Por levar dentro de si a força e os fragmentos humanos, possíveis e passíveis de dor, de vazios e de solidão, emergidos pelas ameaças vividas e pelos anseios essenciais para o gozo da sua plenitude. Isso ocorre porque o texto literário emerge da subjetividade humana, sendo capaz de falar dos diversos tipos de *desamparo* refletidos nos sujeitos. Nesse sentido, o ser social e suas fragmentações estarão presentes na obra de arte após a catarse das personagens. Presença a qual o leitor não se sente mais sozinho, mas ligado aos personagens

da obra. Nesse momento, o efeito estético e a relevância humana na obra literária se entrecruzam.

Nesse sentido, e levando em consideração as pesquisas realizadas nesse estudo, faz-se pertinente retomar a afirmação de que, no campo ficcional, o *desamparo* colocar-se-á em uma nova configuração, por agregar afetos que retomam o sentimento de ausência (Falta) frente à necessidade de tomada de consciência, apontando a busca incessante por ajuda apresentada nas obras, em sua totalidade intensiva. O *desamparo* emergirá da memória das personagens em tempos de transição, das organizações sociais e econômicas que se dissolvem, da *falta* de confiança na justiça. Esses momentos críticos percebidos nos textos revelam a força provocadora de uma reflexão sobre os problemas e limites humanos. Ao convidar o leitor a observar, por meios dos recursos artísticos a subjetividade humana em um fazer estético, a necessidade de narrar, confessar-se para um passante que pediu água e sentou-se à sombra do jatobá, ou em súplica, moradores de uma ilha pedirem melancolicamente para forças superiores a supressão de seus males, é a clareza da consciência do *desamparo*.

Um *desamparo* que culmina em uma nova categoria literária: o *insulamento*. A relação deste nas obras de causa e efeito, ficção e confissão, vida e morte, determina uma rede de complicações que as personagens procuram levar às últimas consequências artísticas, para narrar as suas experiências angustiantes e traumáticas vividas. Por isso, o conceito de *desamparo*, tal como se conhece (e como se apreende), ergue-se dos textos literários contemporâneos reconfigurado, organizando-se como provocador de vazios e manifestando por meio das experiências e das relações humanas, as transformações essenciais dos sujeitos, identificando ao longo das narrativas as suas ramificações que a ele pertencem, como a solidão, a orfandade estrutural, além da angústia, do medo e, por fim, do *insulamento*.

O *insulamento* retoma os movimentos das ilhas, pois, em alguns momentos, os sujeitos terão a nítida impressão de estarem à deriva, ou em direção ao território original. Em outros momentos, os personagens, tomados por esse sentimento, tentarão encontrar uma razão para conviver com suas ilhas interiores, adensada e cravejada de corais, sem possibilidades de ir a lugar algum. O sentimento de *insulamento* das personagens se constrói a partir da violência estatal e psíquica percebida no quadro imagético da dúvida, das perdas, da eminência de morte, da instabilidade de conhecer-se a si mesmo, das circunstâncias da vida, da orfandade, do medo. As ilhas situam-se na encruzilhada entre o real vivido e as idealizações, entre o mito e a história.

A impressão de estar em uma ilha permite recordar o passado sem, todavia, abandonar o presente. Como possibilita também reconhecer seus fragmentos interiores

dotados de identidades singulares, expressadas pela condensação narrativa necessária em prol de mostrar que a ilha interior é *ilocalizável* e revela imagens contraditórias, mesmo que procure refletir o estado humano com seus anseios universais e imemoriais. O retorno à ilha interior se faz necessário, para que o homem se depare com suas próprias limitações; a ilha é o porto necessário para um (re)começo, é o território imaginário que fará do homem sobrevivente, diante das catástrofes de sua vida, pois se vincula à batalha metafórica entre suas ausências e a amplitude do ser.

Assim, ao pensar em todas essas fragmentações humanas emergidas do campo ficcional, o conceito de *desamparo* estudado por Freud e retomado nesta pesquisa, não é suficiente para dar conta das experiências humanas de *falta* e necessidade, erigidas no texto literário. Isso acontece porque o texto ficcional permite falar das ausências humanas como uma relação constante de causa e efeito, ativando por meio das situações fictícias, a retomada de experiências intensas, projetando sentimentos nessas vivências. No campo verossímil os sujeitos falam de seus desejos mais íntimos e internos, não atenuando o que para eles seja ofensivo, tendo em vista a permanência das leis narcisistas de cunho social. Ele por si só é um espaço revelador de experiências vividas, advindas de violências sofridas pelos sujeitos, seja ela estatal ou psíquica. O sofrimento sentido, provocado pelo trauma, convive intimamente com o *desamparo*, que não pode mais ser percebido apenas como uma ausência de ajuda. Mas, sim, como o grande mal-estar contemporâneo perturbador a todo homem.

A inserção do *desamparo* no texto ficcional potencializa outras categorias literárias e afetivas, acabando por lançar as primeiras reflexões acerca do que viria a ser esse afeto. O *desamparo* é, na verdade, uma onda de emoções que constrói no ser humano uma rede associativa de ausências desencadeadoras dos sentimentos de isolamento interior no ser. O *desamparo*, nos textos ficcionais produzidos a partir do século XX, como um agregador de outros afetos, sinônimos de vazio, como visto neste estudo: solidão, medo, orfandade, angústia. Todos eles servem como ponto de resposta para o *desamparo*. Este, por sua vez, gera no homem uma sensação de aprisionamento e impotência, que contribuem para a não percepção de saída do sujeito, para a supressão daquilo que lhe provoca dor. Seja a dor física ou psíquica. Essa sensação interior pode-se denominar de *insulamento*.

Os sujeitos sentem-se como se estivessem em uma ilha, pois nela não há saída. O *insulamento*, um dos frutos do *desamparo*, aplica-se perfeitamente às narrativas ficcionais do século XX, pois nelas os vazios sentidos são postos em cena, pelos seus protagonistas. Por isso, as produções literárias, aqui estudadas, falam sobre situações de crise e rupturas evocadoras de um *desamparo* ressignificado. Todavia, pensar na categoria *insulamento*,

nascida no *desamparo* e emergida do texto literário, é descobrir interfaces entre o homem e seus anseios. Um território não de união, mas de diferentes campos de impossibilidades geradoras e um processo violento, sentido no interior dos sujeitos.

A própria linguagem trama a construção do *insulamento* interior do qual é preciso livrar-se, e para tanto, a violência vivida trará efeitos ilusórios da linguagem sobre a mente. Percebeu-se isso tanto nos habitantes como em os náufragos, em *A Ilha da Ira*, ao falarem de seu desespero e o que passam na ilha, causando vertigem de medo e angústia e um mergulho profundo no *desamparo*. Já *Órfãos do Eldorado* apresenta cenas que evocam uma organização da fragmentação humana na unidade narrativa. Arminto media um complexo entrelaçamento de afetos. Embora as implicações das personagens sejam distintas, as variáveis da orfandade estão expostas nos discursos, ressaltando a pluralidade do *desamparo*.

Ambas as obras, além de evidenciar a diversidade do *desamparo*, ultrapassam as manifestações observáveis para desvendar o cerne subjacente da questão manifestada nos textos literários, que é o *insulamento* do ser. Esse mecanismo pode ser comparado entre uma condição mais geral de impossibilidade interior do sujeito. Tal aproximação se torna possível em função da identificação de traços semelhantes entre eles. Efetivamente, o texto literário realizará um entrelaçamento entre esses estados, sempre provocando no leitor a comparação e, quem sabe, um possível diferenciamento. Assim, não é apenas o *desamparo* compreendido a partir da *falta* de auxílio, mas também este é mais bem compreendido ao assumir o caráter de catalizador de outros sentimentos de desprazer.

A presença da solidão, orfandade, medo, angústia, *insulamento*, são tão certas ao longo da caminhada da humanidade, quanto a certeza de que jamais terão um fim. A imagem desses afetos na literatura leva à destruição adequada durante a descrição desses conflitos, pois esbarra na realidade da impossibilidade do ser em manter uma vida sem frustração, sem desenganos, sem perdas, sem *desamparo*. Talvez essa certeza no homem seja interrompida, simplesmente pela ilusão de que o mundo possa atendê-lo de forma plena em algum momento da vida.

As narrativas do século XX, por falarem da fragmentada humanidade contemporânea, encontram em seus personagens sinalizadores das situações de tormentos vividos pelo ser, bem como, representante destes. Todo o universo narrativo, sua caracterização, tempo, espaço, enredo, ficarão sob a égide de questionamentos e seus embates representativos de vários outros afetos sinalizadores do *desamparo*. Isso porque a literatura é uma estrada aberta, se propondo a revelar a imensidão do mar. Um mar da distância entre terras que esconde segredos humanos e, por isso, precisa ser desvendado, visto que a constante busca em

desvelar o obscuro é uma das metas mantidas pelo próprio homem, sendo possível dizer que o *desamparo* sentido ou vivido, apresenta como fundamento três vértices: a *falta*, a *necessidade* e o *insulamento*. Estes sempre relacionadas à experiência violadora.

Portanto, como afirmado anteriormente e a partir dessa síntese, é pertinente tomar o paradigma do *desamparo* apresentado ao longo da construção textual desta tese, que pode servir como ferramenta analítica para a compreensão de outras produções literárias semelhantes.

CONCLUSÃO

As catástrofes e experiências extremas vividas e sofridas pelos homens durante o século XX fizeram do *desamparo* a marca da humanidade. Não somente a psicanálise, mas outros campos do conhecimento viram-se frente à necessidade de recuperar esse afeto para investigação. As duas grandes guerras mundiais provocaram no homem pós-moderno consequências psíquicas importantes, pelas experiências traumáticas vivenciadas. O Holocausto, considerado um crime nacional-socialista contra a humanidade será sempre o exemplo de sofrimento, miséria, subjugação, transtorno, *desamparo* e morte.

No Brasil, a ditadura militar marca a sombra da história brasileira com ações desumanas e silenciadoras, típicas dos regimes extremistas e totalitários. Por isso, abordar temas complexos marcam o texto literário da pós-modernidade. Dessa forma, as produções literárias da Amazônia não poderiam deixar de se fazer presentes dentro dessa estética ficcional contemporânea. Essa postura é percebida nas duas obras estudadas e analisadas nesta tese, *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado*. Os autores, João de Jesus Paes Loureiro e Milton Hatoum propõem, em suas histórias, os múltiplos aspectos do complexo e conflituoso campo histórico amazônico e, conseqüentemente, social. Percebeu-se que as obras estão constituídas a partir do campo das perdas, opressões e ruínas, cuja violência física e psíquica despertam nas personagens o olhar do *desamparo*, ao perceberem sua realidade como instrumento e proposições de caminhos sem volta.

Baseado nessas observações, esta tese tratou de responder a uma perspectiva da literatura contemporânea muito centrada em expressar as violações e inquietações que esses conflitos provocam para a existência humana. Para tanto, é possível dizer que os textos literários produzidos a partir do século XX, que refletem determinados momentos históricos, bem como perdas inerentes aos conflitos humanos, sejam eles psíquicos ou não, apresentam uma nova configuração do *desamparo*, aqui entendido como *falta*. Um *desamparo* agregador de outros afetos que remetem também à *necessidade*, implicando na associação com uma categoria muito saliente quando se trata de produções literárias em que se manifestam algum tipo de violação ou de sofrimentos intensos, causando o que neste estudo denominou-se de *insulamento*. O *insulamento* dos seres, retratado nas obras literárias dos autores amazônicos, apresentou-se entre dois cenários, o físico-geográfico (a região amazônica) e o interno-individual (o “eu” interior dos sujeitos), o qual desencadeado pelo *desamparo* manifestou-se como potencializador dos sentimentos de vazio, solidão e angústia das personagens nas obras *A Ilha da Ira* e *Órfãos do Eldorado*.

As narrativas em estudo são diferentes. Uma está dentro do âmbito de uma comunidade, provocada por uma alegoria do estado autoritário: *A Ilha da Ira*. Já em *Órfãos do Eldorado* observou-se o *desamparo* associado a uma violência no âmbito individual, uma violência psíquica relacionada a uma experiência, sobretudo, vivida individualmente e não coletivamente, como acontece no texto teatral de Paes Loureiro. Mas, em ambas, aparece um paradigma que relaciona o *desamparo* a algum tipo de violência. Perceber a diferença entre as duas obras era um dos objetivos desta tese, sendo que o principal era propor para o âmbito dos estudos literários um estudo sobre o *desamparo* na literatura dos séculos XX/XXI. Por esse motivo, foram escolhidas duas obras que apesar de ambas terem inegavelmente a presença do *desamparo*, elas são diferentes porque uma trata da coletividade, dessa violência vivida como experiência coletiva, e a outra trata da experiência do *desamparo* vivida individualmente.

A psicanálise freudiana nos deu o suporte teórico necessário para chegar na hipótese de que, no campo ficcional visto a partir do século XX, o *desamparo* aparece como agregador de afetos implicados em uma *falta*. Portanto, para responder a esta problemática, como procedimento inicial, o trabalho foi conduzido pela investigação da gênese do *desamparo* percebido por meio dos discursos dos protagonistas e de outras personagens periféricas a eles nas obras literárias de Milton Hatoum e Paes Loureiro. Dadas as circunstâncias de violência psíquica, assim como a estatal, em cada um deles, é possível identificar uma falha profunda e a certeza de não possuir forças ou capacidade diante do sofrimento vivido. Pelas deficiências constantes, constatadas na vida dessas personagens, uma análise criteriosa conjecturou a existência de uma causa maior que desencadeia a natureza desse dado invariável, sugerido pelas narrativas, e que remete a um mal-estar, agregador de outros afetos e ausências, cujo conceito, acredita-se, tenha sido – se não totalmente, pelo menos em parte - esclarecido ao logo desta análise: o *desamparo*.

Do campo ficcional, a partir das duas obras em estudo e pesquisa para esta tese, vimos que a Amazônia emerge como região que apresenta uma realidade complexa, revelando e desmistificando a ideia de paraíso exótico e cenário exuberante, imagem esta que é vendida para o resto do mundo, mas sem a preocupação de apresentar, de fato, questões sociais, econômicas e políticas importantes, que verdadeiramente caracterizam a região, como os diversos acontecimentos catastróficos, apropriação desigual de terras, conflitos políticos e sociais internos, invasão estrangeira, etnocídio, entre outras barbáries, que fizeram (e ainda fazem) da região amazônica um lugar marcado pela violência e pelo *desamparo*. Se a vida procura esconder a realidade, a literatura se encarrega de revelar. E foi possível perceber tudo isso em *A Ilha da Ira* e em *Órfãos do Eldorado*.

O *desamparo*, enquanto categoria psicanalítica foi incessantemente estudado e analisado à luz da Psicanálise Freudiana. O trauma, a angústia e a solidão surgem como constituições desta categoria, que, segundo estudos levantados, apresentou-se como experiência estruturante da subjetividade e da condição humana, isso para explicar que o *desamparo*, na verdade, se coloca como um agregador de afetos e de sentidos. Além disso, nas duas narrativas, ele surge como provocador da experiência de *insulamento*. Para ilustrar o que seria o *insulamento*, sustentando-o como um dos alicerces do *desamparo* no texto literário, este estudo se apropriou da imagem da ilha, como um isolamento geográfico. Ao resgatar a noção de um lugar antropológico, a ilha revela-se como um “não-lugar” portador de identidade por aqueles que nela habitam. Mesmo sobre o sinônimo do paraíso, muitas ilhas são derivadas da erosão, sobrevivendo a partir de um determinado tipo de solo, outras são construídas a partir de corais ou por erupções vulcânicas. Algumas ainda emergem lentamente, outras submergem sem que haja tempo de serem anexadas ao continente.

Essas ilhas, paradoxos entre terra e água, sugerem o interior dos sujeitos, não cabendo aqui serem entendidas como uma analogia à tranquilidade. No entanto algumas características peculiares à ilha mítica permanecem: nas situações surpreendentes que dela emanam e nas ruas labirínticas que dificultam a chegada de auxílio de qualquer espécie. Assim, ao retomar às evidentes ilustrações sobre a ilha foi possível considerar o *insulamento* como uma categoria literária sustentada pelo *desamparo* que se encontra agora, no patamar da sobrevivência. Nos textos ficcionais de Hatoum e Paes Loureiro, as ilhas do interior dos sujeitos são um território aprisionador, manifestando a eclosão de conflitos vividos nos cenários extremos, constatados na realidade narrativa.

Para todas as personagens das duas obras, a experiência de *insulamento* será o contraste da região insular na sua concepção sustentada ao longo de séculos, justamente, por vincular-se a degradação do ser humano, ao travar uma batalha entre o seu “eu” e os torturantes conflitos humanos e sociais. Ele adquire nas obras, uma configuração de natureza interior desconfortável, em que a permanência no ser se dará sem portos seguros, repleta de imagens distorcidas, condicionando aos poucos os sujeitos a conviver com um deslocamento mental extremamente perturbador e com a certeza da impossibilidade de suprir o que o tortura.

O *insulamento* vai se expressar, portanto, no paradigma do *desamparo* contemporâneo como um aspecto inevitável no interior desse paradigma. Essa reflexão foi possível ser feita porque a ilha, ligada ao movimento de passagem, solidão e desamparo, revela-se como ordem do sentimento único do homem. Uma sensação nascida no interior do indivíduo, guardando a certeza da impotência ou impossibilidade de conseguir sair do *desamparo*, pois nesse estágio

o homem estará vestido metaforicamente das próprias características da insularidade. As problemáticas internas frente às experiências violadoras tornarão seu interior sem perspectivas, transformando a realidade pela instabilidade interior dos sujeitos.

Os efeitos do *desamparo* erigidos do texto literário apresentaram elementos reflexivos, como constituições do *desamparo*, como experiências violadoras e a *falta*. Discutiu-se como as marcas da violência arruinam a estrutura do ser. Seja a violência estatal ou psíquica, ela desfigura o homem em seu processo de completude. Em segundo momento, a *falta* posicionou-se como uma ausência intimamente ligada à perspectiva de *necessidade*, demonstrando a ruptura existente no *desamparo*, tornando-se um campo aberto para as várias ausências e incompletudes humanas.

A *falta* como um dos elementos do *desamparo*, na narrativa de Hatoum, ocorre pela relação conflituosa entre pai e filho, pela perda da mãe, perda do amor, enfim, experiências violadoras que adentram a realidade do personagem-narrador Arminto Cordovil. Percebeu-se a incapacidade de Arminto, em libertar-se de questões pessoais vividas em seu meio social e sentimental, que o impediram de transcender. O discurso entre a realidade esvaziada de sentidos é sobrecarregada de lembranças que ativam a sensação de estar em uma ilha oceânica, rodeada de crises que se descortinam em experiências de solidão e rejeição. Já no teatro de Paes Loureiro, a projeção da *falta*, existe na imagem do ocultamento, na fuga do real, no nacionalismo mítico e nas agressividades absurdas que desembocarão na procura do regaço da esperança de reversibilidade. A imagem do opressor associado diretamente à violência de ordem psicológica e física, sedimenta-se nas contradições que são a tônica da ação das personagens da narrativa, sendo estas: a derrota e a submissão.

Faz-se importante lembrar a forma como cada autor tratou a violência, pois apesar da diferença tanto na época da história ilustrada como no enredo da narrativa, ambos optam por deixar explícita a sugestão de que da violência estatal ou psíquica o *desamparo* surge como uma experiência violadora. Em *Órfãos do Eldorado*, esta experiência violadora é amplamente manifestada, por apresentar-se desde o título da obra o vínculo desta com a orfandade. Em *A Ilha da Ira* a violência emerge das situações de situações totalitárias, provocando nos naufragos a fragilidade diante da imposição do líder pela força, pois como analisado durante todo o estudo, a experiência violadora se faz concentracionária, coletiva, ao contrário da narrativa de Hatoum, cuja experiência violadora é vivida individualmente como uma experiência eminentemente psíquica.

Importante também é retomar a experiência do abandono transformada na experiência psíquica do *desamparo*, pois como se concluiu, esta não se expressa menos cruel ou

traumática. Ela pode marcar uma vida inteira, sendo sempre regada pelo trauma que o norteia. Por isso alguns sujeitos acometidos dessa falta possuem a necessidade de insular-se. Já que por conta das experiências traumáticas ou violadoras, a *falta* e o abandono, presentes no *desamparo*, reforçarão de maneira potencializadora os sentimentos intensos e amargos, sobretudo, quando seus indivíduos são obrigados, mediante perdas ou repressão, a encontrar no seu interior respostas para ultrapassar os muros construídos no inconsciente, que no momento ao sentirem-se em *insulamento* não podem dar.

Com essa constatação, faz-se pertinente dizer que, no campo ficcional, o *desamparo* colocar-se-á em uma nova configuração por agregar afetos que retomam o sentimento de *falta* frente à necessidade de tomada de consciência, apontando a busca incessante em suprimir a realidade apresentada em sua totalidade intensiva. Um *desamparo* que também emergirá da memória das personagens em tempos de transição, das organizações sociais e econômicas que se dissolvem, da falta de confiança na justiça. Esses momentos críticos percebidos nos textos revela uma força provocadora de uma reflexão sobre os problemas, limites e subjetividade humana no fazer estético, desaguando sempre no *desamparo*.

Um *desamparo* que, reiterando, culmina em uma nova categoria literária: o *insulamento*. A relação deste nas obras de causa e efeito, ficção e confissão, vida e morte, determina uma rede de complicações que as personagens procuram levar às últimas consequências para narrar as suas experiências angustiantes e traumáticas vividas. Por isso, o conceito de *desamparo*, tal como se conhece, ergue-se dos textos literários contemporâneos reconfigurado, organizando-se como provocador de vazios e manifestando por meio das experiências e das relações humanas, as transformações essenciais dos sujeitos, identificando ao longo das narrativas as suas ramificações que a ele pertencem, como a solidão, a orfandade estrutural além da angústia, do medo e, por fim, do *insulamento*.

Após as análises pontuadas nas duas obras e das observações acerca dessa relação entre abandono, violência, falta e *insulamento*, faz-se pertinente propor essas categorias como um possível paradigma de funcionamento do *desamparo* em textos literários da segunda metade do século XX, até os dias atuais. E que esse paradigma possa se constituir como ferramenta de análise possível para ser aplicada como ferramenta analítica para a compreensão de outras produções literárias semelhantes.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA JR., B. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1995.

_____. **Minima moralia**. Reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1993.

_____. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**, 1947. Disponível em: <https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf?1349572420>. Acesso em: 15 set. 2016.

ALBISETTI, V. **Um Basta à ansiedade e à depressão**. São Paulo: Editora Paulinas, 1997.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. “**As sombras brancas: trauma, esquecimento e usos do passado**”. In: Varella, Flávia Florentino et al (orgs.). **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 56.

ALBUQUERQUE, L. A. de. **Um relato oscilante: a Amazônia de Milton Hatoum em relato de um certo oriente**. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília.

ANDRADE, F. S., BECKET, S. **O Silêncio Possível**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ANDRÉ, J. **Entre Angústia e Desamparo**. *Ágora* v. IV n. 2 jul/dez 2001, p. 95-109.

ARENDDT, H. **Da violência**. Tradução de Maria Claudia Drummond Trindade. Brasília: UNB, 1985.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Poética**. Coleção Universidade. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s.d]

BACON, F. **A Nova Atlântida**. Portugal, Edições 70, 2009.

BAUM, V. **A árvore que chora**. São Paulo: Globo, 1949.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BENJAMIN, W. **Sobre o conceito de história**. Tradução de J. M. Gagnebin e M. L. Müller. São Paulo: Boitempo, 1994.

BETTS, J. **Desamparo e Vulnerabilidades no Laço Social – a função do psicanalista**. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. - Vol. 1, n. 1 (1990). - Porto Alegre: APPOA, 1990.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BION, W. R. **Uma teoria sobre o processo de pensar**. In: _____. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1967. p. 31-52.

BIRMAN, J. **A Dádiva e o Outro: Sobre o Conceito de Desamparo no Discurso Freudiano**. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 9 (2), 1999, p. 09-30.

_____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a psicanálise à prova do social**. Rio de Janeiro: Physis, 2005.

BISPO, M.F.M.; ROSA, R.S. **O Mito de Sísifo: A Decisão de viver ou suprimir a vida**. **Filosofando**: Revista de Filosofia da UESB - Ano 1, Número 2, Julho-Dezembro de 2013.

BUARQUE, C. **Apesar de Você, Álbum Chico Buarque**. Formato: LP, CD, Gravadoras: Polygram, Philips, Universal Music Brasil - Lançamento: 1978.

CAMARGOS, S. R. L.; PROCHNO, C.C.S.C.; ROMERA, M.L.C. **Desamparo Primordial em Nietzsche e em Freud**. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 3(2), São João Del Rey, Março, 2009.

CAMÕES, Luís de. **A Ilha dos Amores. Canto X, Estrofe 52. In: Os Lusíadas**. Edição completa. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

CAMON, V. A. A. **Solidão – A Ausência do Outro**. São Paulo: Pioneira Editora, 1990.

CAMPANELLA, T. **A cidade do Sol**. São Paulo, Editora Ediouro, 1966

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. São Paulo: Record, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. **O Ato Crítico**. São Paulo: Ática, 2003.

CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2002.

CARNEIRO, M.P.F. **Caminhos e Descaminhos da Solidão**. *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*- Rio de Janeiro, 2007, v. 23, n. 26, p. 17-34.

CARNEIRO, J.S. **O Instinto de Nacionalidade em Órfãos do Eldorado – um olhar regionalista**. *Revista Tucunduba*, v.1, n 1, 2010 - Pró-Reitoria de Extensão, Diretoria de Apoio à Cultura (DAC/PROEX) <http://revistaeletronica.ufpa.br/index.php/tucunduba>

CARPEAUX, O. M. **Estudos de crítica**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

CARVAJAL, G. **Descobrimento do rio Orellana**. Tradução de C. de Melo-Leitão. São Paulo: Ed. Nacional, 1941.

CASCUDO, C. **Civilização e Cultura**. São Paulo, Editora José Olympio, 1983.

CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**. São Paulo. Editora: Mestre Jou, 1977.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CASTRO, F. de. **A Selva**. 39 ed. Lisboa: Guimarães Editora, 2002

CECCARELO, V.H.P. **O debate acerca do regionalismo nos dias atuais – o caso da obra de Milton Hatoum**. VI Enecult – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura- Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil, 25 a 27 de maio de 2010.

CHARTIER, Roger. **Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais**. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHASIN, José. **Sobre o Conceito de Totalitarismo**. Espaço de interlocução em ciências humanas n. 15, Ano VIII, ago./2012.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CHIARELLI, S. **Vidas em trânsito**: as ficções de Milton Hatoum e Samuel Rawet. São Paulo: Annablume, 2007.

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CUNHA, A.V.S.R.; SILVA, M.F.A. **Sobre o conceito de memória em Bertrand Russel**. Revista Eletrônica Print by (<http://www.ufsj.edu.br/revistalable>) *Μετάvoia*, São João del-Rei/MG, n.12, p.45-60/ 2010.

CUNHA, E. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1994/1999.

_____. **Obra Completa**. vol. I e II. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2009.

CURY, M. Z. F. De orientes e relatos. In: SANTOS, L. A. B.; PEREIRA, M. A. **Trocas culturais na América Latina**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000.

D'ANGELO, B.; PEREIRA, M. A. (Org.). **Um rio de palavras**: estudios sobre literatura y cultura de la Amazonia. Lima: Fondo Editorial UCSS, 2007.

DELEUZE, G. **A Ilha Deserta e Outros Textos**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

_____. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

- _____. **Nietzsche. Tradução: Alberto Campos.** Lisboa: Edições 70, 1997.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 1999.
- DIMAS, A. **Espaço e romance.** São Paulo: Ática, 1985.
- DOYLE, A.C. **O Mundo Perdido.** Reino Unido, Editora Hodder & Stoughton, 1912.
- DUARTE JR., F. **O que é realidade?** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário.** Lisboa: Presença, 1997.
- _____. **Campos do Imaginário: textos reunidos por Daniele Chauvin.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- ELIADE, M. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectivas, 1999.
- FARIAS, V. **Álbum Sagas Brasileiras (Saga da Amazônia).** Gravadora: Polygram, 1982.
- FAVERO, A.B. **A noção de Trauma em Psicanálise.** Tese de Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC/Rio, 2009.
- FERRARA, A.P. **Orfandade e Estigma: vivências de jovens órfãos em decorrência da Aids. Dissertação de Mestrado.** Programa de Pós-Graduação em saúde pública – Universidade de São Paulo-USP, 2009.
- FERRARI, I. F. **Agressividade e Violência.** Psi. Clin., Rio de Janeiro, V.18, N.2, P.49 – 62, 2006.
- FERREIRA, R.B. **Do poeta-crítico ao poeta-teórico: a poiesis amazônica na escritura literária de Paes Loureiro.** Nau Literária - V. 10, N. 01 - Jan/Jun 2014 • seer.ufrgs.br/NauLiteraria.
- FERREIRA, A. S.; OLIVEIRA, P.S. **As Possibilidades de uma Narrativa Literária: História e Ensino de História em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum.** Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4, Realize editora, 2015.
- FERENCZI, S. "Confusão de línguas entre os adultos e as crianças", in BIRMAN, J. (Org.). **Escritos Psicanalíticos.** Rio de Janeiro: Taurus, 1987.
- _____. "Reflexões sobre o trauma", in **Psicanálise IV.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Dificuldades técnicas de uma análise de histeria.** In S. Ferenczi, **Psicanálise III.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FINAZZI-AGRÒ, E. **A Invenção da Ilha: tópica literária e topologia imaginária na descoberta do Brasil.** Campinas: Unicamp; Remate de Males, 1993.

FIORIN, J L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Em busca dos sentidos: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

FLANZER, S.N. **Pela transitoriedade (A temporalidade da psicanálise e sua relação com a feminilidade)**. *Aletheia* 29, p.142-150, jan./jun. 2009.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Edições 70, 1991.

_____. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. **Estética, psicanálise implicada e crítica de arte**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(2), 443-452, 2004.

FRIZON, Marcelo. **O Regionalismo na Literatura Brasileira: o diagnóstico de Antônio Cândido**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto et. al. **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: memória, ethos e identidade**. Manaus: EDUA, 2007.

FREITAS, W. **A Cuia Mágica**. *La Revue de La Gare* – Trimestriel, Avril – Juin, 2005, Numéro 9 – Paris, França, Edição Bilingue, 2005.

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Análise terminável e interminável**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1937.

_____. **A perda da realidade na neurose e na psicose**. Op. cit., vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

_____. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume II. Coleção Obras Completas. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

_____. **Freud hoje na sociedade**. Volume 24. São Paulo, Lis Gráfica, 1991.

_____. **Freud (1901-1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos. Obras Completas, volume 6**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

_____. **Inibições, sintomas e angústia.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos.** In: FREUD, S. Obras completas, v.12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Moisés e o monoteísmo.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1939] 2006.

_____. **Obras psicológicas completas.** Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, [1930] 2010.

_____. **Observações Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva (O Homem dos Ratos). 1909-1910. Volume 9.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

_____. **O Eu e o Id. Autobiografia e Outros Textos. 1923-1925.** São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

_____. **O futuro de uma ilusão.** Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **O mal-estar na civilização.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **Projeto para uma psicologia científica.** Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. São Paulo: Companhia das Letras, 1923.

_____. **Sobre a transitoriedade [1915].** Obras psicológicas completas. Tradução: Themira de Oliveira Brito et al. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **Sigmund Freud (1926-1929) Inibição, Sintoma E Angustia, O Futuro De Uma Ilusão E Outros Textos.** São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

_____. **Tres ensayos de teoría sexual.** Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **Lembrar, escrever, esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2006.

GALVÃO, W.N. **Anotações à Margem do Regionalismo.** Literatura e Sociedade, São Paulo, v. 5, p.45-55, 2000.

GANDIER, A. M. **Órfãos do Eldorado: Uma Poética do conflito entre gerações**. Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações - Campina Grande, Editora EDUEPB - 22, 23 e 24 de setembro de 2009.

GARCIA, C. A.; COUTINHO, L. G. **Tribos, consumo e desamparo: uma trilogia contemporânea**. São Paulo, *Pulsional*, 2004.

GARCIA-CANCLINI, N. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

GARCIA-ROZA, J. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GHEERBRANT, A.; CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GINZBURG, C. **Nenhuma ilha é uma ilha**. Quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HATOUM, M. **A Cidade Ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

_____. **A Noite da Espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

_____. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Relato de um Certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética Poética**. Trad. Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães, 1964.

HARTKER, R. **A Situação Traumática Básica na Relação Analítica**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n, 1, p. 23-42, dez. 2005.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOLANDA, A. B. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa: nova ortografia**. São Paulo: Ed. Positivo, 2010.

HOORNAERT, E. **História da Igreja no Brasil, Tomo II/1** – Petrópolis: Vozes Editora, 1992.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOBIM, J. L. (Org.). **Sentido dos lugares**. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KANT, I. Beantwortung der Frage: was ist Aufklärung. In: _____. **Ausgewählte kleine Schriften**. Hamburg: Felix Meiner, 1969. p. 31-52.

KLEIN, M. **Melanie Klein: Psicologia**. Organizadores: **Fábio A. Herrmann**, Amazonas Alves Lima. Editora **Ática, São Paulo, 1982**.

KOLTAI, C. **O desejo do psicanalista face ao desamparo contemporâneo**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre. - Vol. 1, n. 1 (1990). - Porto Alegre: APPOA, 1990.

KOTHE, F. **Benjamin & Adorno: confrontos**. São Paulo: Ática, 1978.

KRISTEVA, J. **Sol Negro – Depressão e Melancolia**. Tradução de Carlota Gomes – 2ª edição – Editor Rocco Ltda, Rio de Janeiro, 1989.

_____. **Estrangeiros para nós mesmos**. Editora: Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. (1959-1960/1998). **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

_____. (1960). **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J., & PONTALLIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise** (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1986-1992.

LEENHARDT, J. **Violência e literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEGROS, P. **Sociologia do Imaginário** / Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Reanrd. Patrick Legros e Patrick Tacussel. Porto alegre: Sulina, 2007.

LE MOS, V.A. **Mito, História e Memória em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – São Paulo, UNESP, 2014.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMA, L. C. **Quem tem medo de teoria?** In: _____. **Dispensa demanda: ensaios sobre literatura e teoria.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 13-34.

LOUREIRO, J. de J.P. **A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura.** Edição Trilíngue. Belém-Pará, Editora Universitária-EDUFPA, 2007.

LOUREIRO, J. de J. P. **A Ilha da Ira.** In: **Obras reunidas: teatros e ensaios.** São Paulo: Escrituras, 1976. p. 31-60. 3 v.

_____. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário.** São Paulo: Escrituras, 2001.

_____. **Remo Mágico.** Belém-Pará, Editora Sagrada Família, 1975.

_____. **Tarefa.** Belém-Pará, Falângola Editora, 1964.

LYOTARD, J. F. **A Condição Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1994

LUKÁCS, G. **Cuestiones liminares de lo estético. In: Estética: La peculiaridad de lo estético.** Tradução [de] Manuel Sacristán, Barcelona: Grijalbo, 1982.

MACEDO, G.S.A.A. **A Lenda da Cobra Grande: Discussões sobre Imaginário e Realidade.** Editora Universidade Federal de Rondônia-Edufro. Ano II, nº 101 - Junho - Porto Velho, 2003.

MACÊDO, K.B. **O Desamparo do Indivíduo na Modernidade.** ECOS –Estudos Contemporâneos da Subjetividade - Volume 1, Número 1, 2003.

MADEIRA, V. **Caminhos cruzados.** Revista Crioula. n. 1, maio de 2007.

MAFFESOLI, M. **Dinâmica da violência.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

MALINOWSKI, B. **Magia, Ciência e Religião.** Lisboa: Edições 70, 1988.

MARIVAUX, P. **A Ilha dos Escravos.** Portugal: Editorial Estampa, 1973.

MIELETINSKY, E. M. **A poética do mito.** Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1987.

MENEZES, L. S. **Desamparo.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2008.

MICHAUD, Y. **A violência.** Tradução de L. Garcia. São Paulo: Ática, 2001.

Mill, J. S. **Hansard's Parliamentary Debate.** Londres: Cornelius Buck, 1868, terceira série, v. 190: 1867-68, p. 1517.

MOISÉS, M. **A criação literária.** São Paulo: Cultrix, 1982.

MOLES, A. Nissologie ou science des îles. **l'Espace Géographique**, Lille, v. 8, n.4, p. 281-289, fev.1982.

- MONTEIRO, B. **Verde vagondo**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.
- MOREIRA, E. **Amazônia**: o conceito e a paisagem. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1958.
- MORENO, D. H.; SOARES, M.B.M. **Diagnósticos e Tratamentos: Elementos de Apoio - Depressão**. Lemos Editorial, São Paulo, 2003.
- MORGENSTERN, A. **Perseu, Medusa & Camille Claudel: sobre a experiência de captura estética**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- MORUS, T. **A utopia**. Tradução de Néelson Jahr Garcia. Edição: Ridendo Castigat Mores, 2005. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/utopia.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- NASCIMENTO, L.M.; SIMÕES, M.S.G. **Traços e Laços da Amazônia**. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2016.
- NIETZSCHE, F. W. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PELLEGRINI, T. **Milton Hatoum e o regionalismo revisitado**. Luso-Brazilian Review, Wisconsin, 2004, v. 41, n. 1, p. 121-138.
- PELLEGRINO, Hélio. **O tesouro encontrado**. In: **POLARI, Alex. Em busca do tesouro: uma ficção política vivida**. Rio de Janeiro-RJ: Codecri, 1982.
- PEREIRA, M. E. C. **Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico**. São Paulo: Editora Escuta, 2008.
- PINHO, R. **A Amazônia transfigurada no teatro de João de Jesus Paes Loureiro**. ArtCultura, Uberlândia, v.16, n.29, p.49-65, jul-dez, 2014.
- PISETTA, M.A.A.M. **Considerações sobre as Teorias da Angústia em Freud**. Psicologia Ciência e Profissão, 2008, 28 (2), 404-417.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Albertino Pinheiro. 7. ed. São Paulo: Atena Editora, 1959.
- _____. **Timeu – Crítias**. Coimbra: Editor Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.
- POPPER, K. **Um mundo de Propensões**. Tradução de Teresa Barreiros e Rui G. Feijó. Lisboa: Editorial Fragmentos, 2002.

QUEIROZ, P.P.E.S. **Círio de Nazaré: Identidade Religiosa, Histórica e Cultural do Povo Paraense**. REGRAD, UNIVEM/Marília-SP, v. 9, n. 1, p 196-214, agosto de 2016.

QUINET, A. **A descoberta do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

RANGEL, A. **Inferno verde (scenas e cenários do Amazonas)**. 4. ed. Tours: Typographia Arrault, 1927.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **A Metáfora Viva**. Porto: Rés, 2006

ROCHA, Z. **Desamparo e Metapsicologia – Para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana**. Síntese-Revista de Filosofia, v.26, n. 86, 1999.

SANTINI, Juliana. **A Formação da Literatura Brasileira e o Regionalismo**. Belo Horizonte: O Eixo e a Roda, v.20, 69-85,2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SARMENTO-PANTOJA, T. **Platôs da ilha utópica em território amazônica: Benedicto Monteiro e João de Jesus Paes Loureiro**. In: RODRIGUES, R. R.; GRACIA-RODRIGUES, K.; BELON, A. R. (Org.). **O local e o Regional: literatura em perspectiva**. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2009. p. 23-67.

_____. **Literatura e História: intermediações sobre a Amazônia em Benedicto Monteiro e João de Jesus Paes Loureiro**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 12., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2011. p. 8-19.

SARTRE, J.P. **Les Jeux Sont Faits**. Editor: PEARSON EDUCATION (US), França, 1952.

SCHNABEL, J. G. **A Ilha de Felsenburg**, Alemanha, Editora Carl Fleming, 1920.

SCHRÖDINGER, E. **O Que é vida?** O aspecto físico da célula viva seguido de Mente e matéria e Fragmentos autobiográficos. Tradução de Jesus de Paula Assis e Vera Yukie Kuwajima de Paula Assis. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. (UNESP/Cambridge).

SELIGMANN-SILVA, M. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 20, nº 1, 2008, p. 73.

_____. **Narrar o Trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 fev. 2015.

_____. (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

_____. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2013.

SILVA, M. V. M. da. **Mito, memória e infância em órfãos do Eldorado de Milton Hatoum**. 2009. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

TATIT, I.; ROSA, M.D. **Pra não dizer que Freud e Lacan não falaram da solidão**. Revista Psicologia e Saúde, v.5, n.2, julho/dezembro, 2013, p. 136-146.

TORRES, J. V. Angústia e Desemparo numa perspectiva heideggeriana. Revista Perspectiva Filosófica, Pernambuco-UFPE, v. 1, n. 11, p. 145-157, fev. 1999.

TUPIASSU, A. **Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora**. Revista Estudos Avançados, 19 (53) – 2005.

VALLS, J. L. **Metapsicologia y modernidad: el “Proyecto freudiano”**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2004.

VALVERDE, O. **Grande Carajás: planejamento da destruição**. Rio de Janeiro, RJ, Forense Universitária – Universidade de São Paulo e Universidade de Brasília, 1989.

VERNE, J. **A Jangada**. França, Editora Pierre-Jules Hetzel, 1881.

VIEIRA, M. A. **A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WEIL, S. **O enraizamento**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2001.

ZAVARONI, D.M.L. ; VIANA, T.C.; CELES, L.A.M. **A constituição do infantil na obra de Freud**. *Estudos de Psicologia* 2007, 12(1), 65-70.

ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEBGRAFIA

http://www.dialetico.com/historia_1/tapuias.pdf
Acesso em: 17-02-2017

<http://www.dicionariodoaurelio.com/ilha>
Acesso em: 18-02-2017

<http://www.dicionarioinformal.com.br/militante/>
Acesso em: 08-02-2018

<http://www.dominiopublico.gov.br/.../DetalheObraDownload.do?select...>
Acesso em: 08-02-2018

<http://www.jornallivre.com.br/201461/tragedia-do-brigue-palhaco.html>
Acesso em: 10-02-2018

<http://liceudeicoaraci.blogspot.com.br/2013/05/historia-do-para-tragedia-do-brigue.html>
Acesso em: 15-02-2018

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=ilha>
<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=ilha>
Acesso em: 20-03-2018

<https://umpouquinhodecadalugar.com/2015/05/31/o-ciclo-da-borracha-na-amazonia>
Acesso em: 20-04-2018.

<http://mginsight.blogspot.com.br/2011/05/um-breve-relato-sobre-o-estreito-de.html>
Acesso em: 21-04-2018).

<http://www.tesoroscristianos.net/autores/Folletosenpdf/OsseteCandeeirosdeouro.pdf>
Acesso em: 21-04-2018.

<https://pastoreliasribas.blogspot.com.br/2015/08/a-volta-triunfal-de-jesus.html>
Acesso em: 21-04-2018.

<http://palavradeguadalupe.blogspot.com.br/2011/03/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>
Acesso em: 22-04-2018.

<http://estudosmagicos.blogspot.com.br/2011/02/simbologias-do-numero-13-treze.html>
Acesso em: 22-04-2018.

<http://estudosmagicos.blogspot.com.br/2011/02/simbologias-do-numero-13-treze.html>
Acesso em: 22-04-2018.

<https://www.respostas.com.br/como-foi-o-julgamento-de-jesus>
Acesso em: 22-04-2018.

<https://www.diariodoamapa.com.br/articulistas/nilson-montoril/chacina-nos-poro-es-do-brigue-palhaco>
Acesso em: 22-04-2018).

<https://tipomanaus.com.br/viagem/amazonia-um-passeio-pelos-maiores-arquipelagos-do-mundo>
Acesso em: 08-07-2018.

<https://viagemturismoaventura.blogspot.com/ilha-de-marajo-para-maior-arquipelago.html>
Acesso em: 08-07-2018.

<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/ilha-em-belem-e-destino-inexplorado-em-plena-regiao-metropolitana.html>

Acesso em: 08-07-2018.